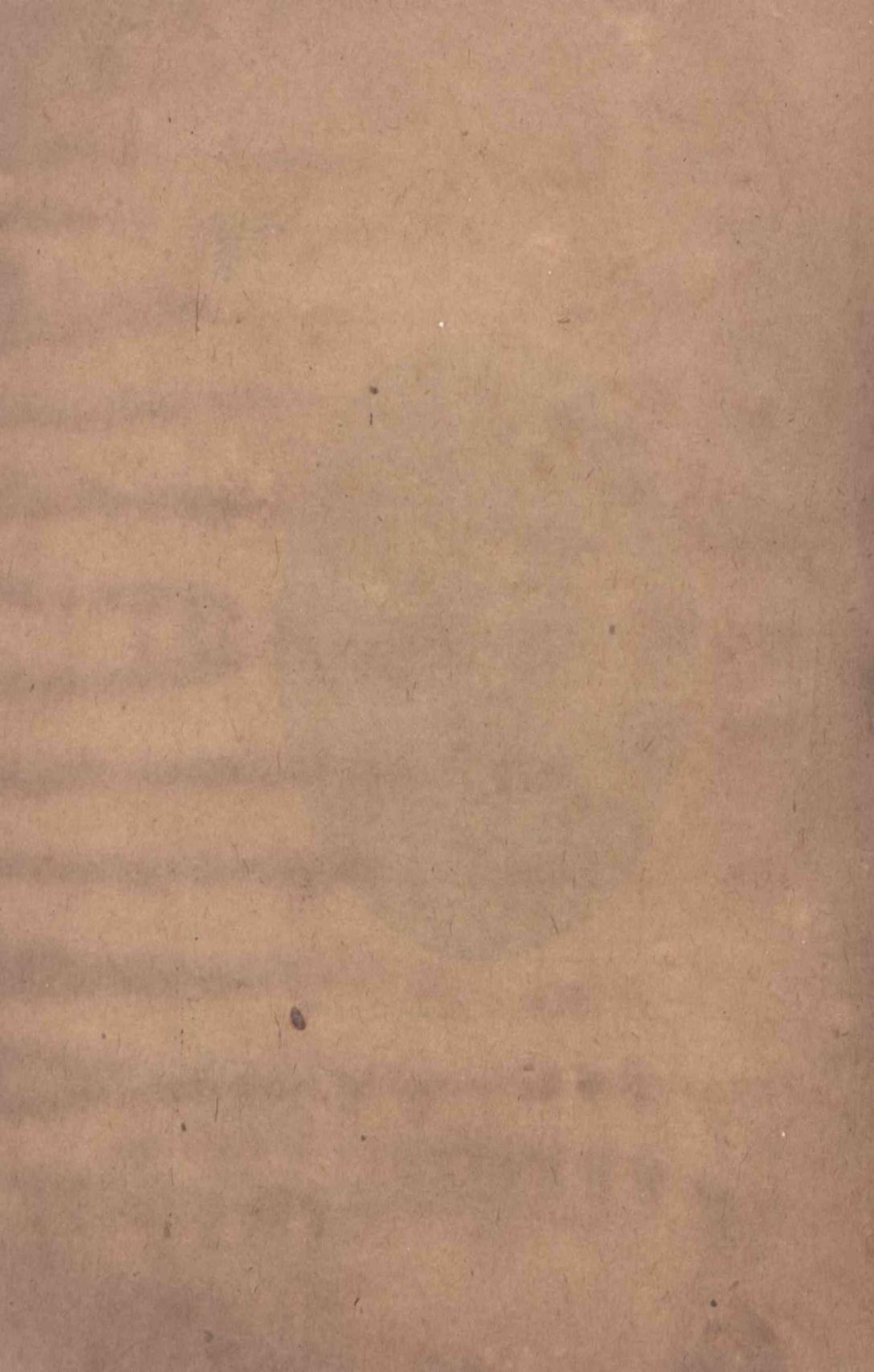


O presidente Epitácio Pessoa



O presidente Epitacio Pessoa



O dr. Epitacio da Silva Pessoa, presidente da Republica, é um dos homens publicos de mais luminosos traços biographicos no Brasil contemporaneo.

Filho de pais pobres, ainda que pertencentes a uma tradicional familia do Norte (s. exc. é sobrinho do barão de Lucena) o primeiro magistrado da nação iniciou os seus estudos como alumno gratuito do Gymnasio Pernambucano, onde, desde essa epoca, começaram a accentuar-se os seus peregrinos dotes de intelligencia, que se confirmaram pouco depois num curso notavel de direito.

Magistrado em Pernambuco, collaborador na formação do governo republicano da Parahyba, deputado por esse Estado á Constituinte da Republica, o presidente Epitacio revelou desde cedo sua poderosa capacidade de juriconsulto, parlamentar e estadista. Representante da Parahyba na Camara Federal, é celebre nos fastos republicanos do Brasil a sua vigorosa opposição ao governo de Floriano Peixoto.

O presidente Campos Salles fez do joven congressista o seu ministro do Interior, cargo em que teve oportunidade de prestar serviços valiosos ao paiz, como seja a iniciativa do Código Civil. No Supremo Tribunal Federal, quer como procurador da Republica quer como ministro, foi brilhantissima a sua passagem.

O dr. Epitacio Pessoa é um polyglotta, tendo viajado demoradamente, por mais de uma vez, a Europa inteira. Versa com segurança todas as disciplinas do conhecimento humano, sendo uma autoridade em direito internacional e tendo já desempenhado importantes missões no exterior.

Entre estas avulta a de nosso embaixador na Conferencia da Paz, onde foi chamado a substituir o vulto genial de Ruy Barbosa. O paiz acompanhava com justa admiração o excepcional desempenho que vinha dando ao seu papel, quando as forças politicas organizadas da nação, de u'a maneira honrosissima para elle, o collocaram na presidencia da Republica, onde só tem felto corresponder ás esperanças dos brasileiros.

Nós, particularmente do Nordeste, temos um immenso motivo de gratidão ao presidente Epitacio — a assignatura do decreto das obras contra as seccas, feita com a penna de ouro que lhe offereceram os nortistas reconhecidos. E se outra justificativa não houvesse, bastaria esta para a homenagem que prestamos ao eminente compatriota, abrindo este primeiro numero da "Revista do Centro Polymathico".



O mundo em transição

É de transição o momento que decorre.

Sombras de vetustas eras que se escoam e albores de um novo dia que surge se misturam no diluculo, em cujo indeciso lusco-fusco mal se lobriga o que vae passando e o que vem surgindo.

A conflagração européa foram extertores de um mundo agonizante sob a influencia nefasta de uma civilização viciosa em plethorica vertigem de prepotencia e orgulho militar.

Graças á tara fatidica e anti-humana que foi o espirito bellicoso da media idade com as suas cruzadas e supplicios inquisitoriaes, o mundo, desorientado pelas idéas "transformistas" que preconizaram na sociedade dos homens, como lei do progresso, o predomínio do mais forte, tal se verifica nos dias de hoje, em que os irracionaes, (de que o homem quiz ser parente mui chegado), prégou a "paz armada", proscreveu a idéa de um arbitrio supremo das acções humanas, fez dos interesses do eu a móla da actividade social, do "comamos e bebamos" alvo de toda existencia; e desta sementeira de odio exclusivista e materialismo arrogante resultou a colheita amarga desta guerra sem par nos annaes da historia e que os cochichos inspiradores dos tratados secretos da camarilha européa parece desejarem proseguir.

A' meia luz desta hora crepuscular, é difficil ver ou apenas lobrigar, no vasto mundo, o que vai ser o novo dia cuja aurora já bruxoleia no céo.

Wilson, o grande apostolo do cosmopolitismo democratico, quiz fraternizar os povos, firmando, na

Conferencia da Paz, os direitos humanos, sem laivos das concessões viciosas dos velhos tratados secretos.

Mas... o regionalismo absorvente, desvairando o cerebro de um poeta atrabiliario, insurrecto contra o "verdictum" das nações mais cultas reunidas em concerto de paz e concordia universaes, pesa muito, com o grupo de indisciplinados de Fiume, na balança dos interesses europeus. .

A França e a Inglaterra, que pactuaram os principios wilsonianos na Conferencia da Paz, receosas do rancor austro-allemao na Europa ameaçada pelo bolshevismo, negociam, no sigillo das conferencias diplomaticas, a continuidade de boas relações com a ex-alliada do Kaiser, que ultimamente fez tregeitos e ameaças na pessoa de seu representante, na Conferencia de Versailles...

Como se vê, o jogo dos interesses europeus põe em perigo a paz já negociada de accôrdo com imprescriptiveis direitos da humanidade.

Esse perigo accentúa-se com a opposição que Wilson encontra no parlamento norte-americano.

O momento é, pois, de incertezas e indecisões.

O grande cataclysmo continuando, em parte, na agitação em torno da questão social, dá-nos lições que é preciso assignalar.

Uma dellas é que o mundo não tolera mais a prepotencia e tyrannia das autoeracias coroadas.

As realezas impopulares, os thronos que se não firmam no direito e na justiça vacilam, estremeecem ao choque formidavel do carro triumphal das idéas democraticas evangelizadas por Wilson ou se esboróam ao fragor das multidões no desespero da anarchia.

O imperialismo escudado pela prepotencia do militarismo sanguinario fez banca-rola em seu berço moderno, recebendo golpe de morte na pessoa do Kaiser que, qual novo Nebuchodonosor humilhado, expia seus grandes crimes, pastando como alimaria nos campos de sua covarde reclusão, longe do povo que sua vaidade atirou ás ruinas da guerra e ás humilhações inauditas do armisticio.

Lição tremenda é esta com que se devem escaurmentar os governos que não dirivam seu poder dos povos governados!

Outra lição não menos importante—é que os povos, separados pela distancia, pelos costumes e pelo idio-

na, estão unidos por interesses communs que cumpre defender, como foram, em parte, defendidos pelos allia-dos contra os imperios centraes.

Nesse concerto de povos em acção, apagaram-se as differenças; morreu o sectarismo intolerante, que é sempre filho de uma visão curta da sociedade e incompativel com a fraternidade humana; obliteraram-se as idio-syncrasias ethnicas; uniram-se todas as raças; e, solidarios na conquista do bem commum, fraternizaram, alegremente, todos os homens, sentindo-se uma só familia, cujas differenças accentuam a necessidade de uma constante permuta de aptidões.

A esta lição acaba de alludir solennemente o actual governador de Pernambuco na plataforma que leu no momento de sua posse.

Almejando confraternizar na grande obra do progresso do Estado todos os pernambucanos de bôa vontade, s. exc., com surpresa para os que o julgavam elemento de odios e exclusões partidarias, proferiu estas sentenças magistraes que arrancaram unanimes e calorosos applausos:

“Todos os intuitos, porém, que tenho em vista para alicerçar o edificio da prosperidade material e da grandeza moral da nossa terra, serão baldados, si a taes desejos e intenções se não vier juntar o concurso abnegação de todos os pernambucanos de bôa vontade, “seja qual fôr o credo a que pertençam, as doutrinas e opiniões a que estejam vinculados”.

“Já é tempo — continua o insigne pernambucano — de divisarmos no horizonte as formulas avançadas sob cujo influxo se está realizando a reconstrucção politica dos povos, após o descalabro occasionado pela guerra, e portanto, de armas ensarilhadas, no esteril campo das pugnas exclusivistas, unidos todos pelo coração, nos devotarmos ao apparhamento tecnico e administrativo que o Estado reclama, afim de com vantagem disputar posição de destaque na lucta economica que actualmente se trava”.

“Façamos treguas ás paixões politicas...”

Muito bem! Treguas a todas as paixões, adstringindo a lucta ao campo das idéas, cuja evolução promove a marcha harmoniosa da humanidade — eis o dever que a lição dos factos, em seu turbillioar diuturno, impõe aos que se não deixaram arrastar no vendaval revolu-

cionario das paixões subalternas ameaçadoras das conquistas multiseculares do direito e da razão.

Vem a pello realçar est'outra lição: a paz do mundo não se compadece com o desprezo do afanoso trabalhador que faz a prosperidade economica dos povos. O desequilibrio social causado pelo desprezo da classe operaria, mal remunerada e, por isso mesmo, justamente revoltada, é mal que carece de prompto e immediato remedio para socôgo do mundo.

Numa epocha de cosmopolitismo e democracia, de arregimentação das forças operarias para reivindicção de seus direitos ha tantos seculos postergados pela ambição dos argentários deshumanos que tudo açambarcam, mal remunerando os productores de sua riqueza tributada pelo Estado, não é possivel esperar estabilidade nos regimens, enquanto não fôr contentado o proletariado que reclama o seu quinhão no banquete da sociedade hodierna.

Como, porém, em todas as reivindicções ha sempre os extremados que se apaixonam violentamente, na revolução social que o desespero da Russia asphixiada pela tyrannia Kzariana iniciou em pleno ardor da conflagração européa, ha paixões a reprimir, impetos selvagens a sopitar e meios de acção a commedir, para que a emenda intentada não venha a ser peor do que o soneto, tal se tem visto nos horrores sanguinolentos da anarchia bolshevista.

A revolução social está iniciada e tem de chegar a termo. Este, porém, só pode ser benefico, se a lucta se ferir no campo das idéas que, amparadas pelos governos bem intencionados, sahirão victoriosas em batalhas incruentas contra a força que se não estabeleça na justiça e no direito dos povos em sociedade.

Finalmente, a conflagração, reclamando o serviço da mulher para substituição dos homens deslocados dos campos do trabalho para os campos de batalha, rasgou-lhe um novo horizonte, proporcionando-lhe a melhor oportunidade de revelar sua grande capacidade como auxiliar do homem na lucta pela existência.

Assim, uma nova era começou para a missão da mulher na sociedade. Velhas bragas que a prendiam a vetustas e humilhantes tradições, partiram-se de todo e cil-a no turbilhão da vida social.

Ainda neste caso de reivindicção verifica-se uma

tendencia para excessos e abusos, como se a natureza não houvera assignalado o verdadeiro lugar da mulher, pela sua organização "sui generis", pela differença de poder physico, de sentimento esthetico, de modalidade e pendor de sua intelligencia, pela disposição de seus organs fadados ao grande papel physiologico da geração e nutrição da prole e pela missão de que foi incumbida pela natureza, quando lhe prendeu ás taças do collo formoso, donde jorra o branco licor da vida, os seres a quem tem de imprimir a decisiva feição moral, que é o caracter de cada um.

E' preciso reprimir os excessos dos que desejam destronar a mulher do throno augusto de sua soberania domestica, onde impera pelo amor e se governa pelo dever e intentam degradal-a á condição de arremangada suffragista nos agitados comicios urbanos tão ameaçadores da delicadeza de sua constituição, maximé nos momentos em que a primeira função maternal lhe altera a compleição organica, aconselhando-lhe o remanso do lar.

A lição dos factos, em consonancia com a do Christianismo, é que a mulher é parte do homem, é sua companheira, seu melhor auxilio, rainha pelo affecto que a prende á obediencia daquelle a quem Deus fez chefe do lar.

Sem esta subordinação, inspirada pelo amor, o lar estará em desordem, porque num corpo não vão bem duas cabeças...

Trabalhe, pois, a mulher, acompanhe o homem na lucta pela vida; mas não olvide que seu reino é o do affecto, que o seu poder está nas graças e nas virtudes que mais realçam a formosura de seu ser, arrancado, não do pó da terra, senão do lado quente e palpitante do coração daquelle a quem Deus pôz sobre as obras de suas mãos.

Confraternização dos povos e de todas as classes na obra do progresso; cooperação da mulher como auxiliar do homem; equilibrio economico pela reivindicção dos direitos de operariado — eis os problemas que surgem reclamando immediata solução, para que se não abysmem os povos nas aberrações de uma anarchia sem precedentes na historia, nesta hora crepuscular da humanidade.

JERONYMO GUEIROS.

O ABOIO

(NORDESTE DO BRAZIL)

A Clovis Bevilacqua

Ah! como é triste o aboio! ah, como é triste o canto
Sem palavras — tão vago! — a saudade exprimindo
Das selvas do sertão, no mez de junho rindo
Pelos olhos azues das creanças, enquanto
No tamarindo verde, azas abertas, trina
A' beira dos curraes, o gallo-de-campina !

A' tarde, ao por do sol, do vento ao brando açoite,
O robusto camponio, o velho sertanejo,
Envia a alma ao Azul, deixa-a ir num adejo;
Pede a Deus que ella alcance o coração da noite
Porque somente a sombra exprime essa incerteza
Que padece, a tremer, em face á Natureza.
Sac-lhe do seio nú, em expansões sonoras,
A lembrança feliz de todas as auroras
E a funda vibração de todas as saudades.
Essa maguada voz que acorda as soledades,
Essa tremula queixa, é o gemido e o brado
De uma raça infeliz, cuia longo passado
Symbolisa o clamor da miseria e da fome,
Procurando exprimir tanta angustia sem nome.
Inda agora repete, ao incendio do poente,
Ao sombrio pallor da tarde que se esvae,
—Emquanto na Egrejinha a saudade resoa—
O cantico sem fim desolado e tremente
Que ha seculos — oh! Deus! — dissimula num ai!
Por isso, quando a voz do sertanejo entõa
O lamentoso aboio, a gente queda e scisma;
O nosso coração silencia e se abysma,
No pégo da saudade e, lá do fundo, arranca
Não sei que doce flor emmurehecida e branca.
A letra da canção ninguem, ninguem conhece,
Mas sabemos que alli chora e geme uma prece

Desolada e subtil, cuja modulação
 Si coubesse n'um rythmo, era o do coração.
 E, quando o sertanejo, a larga fronte nua,
 Voltada para o céu, de onde sorri a lua,
 Diz, no cantico vago, o que a su'alma encerra,
 Ah, nós sentimos bem que fala a nossa terra!
 E' a raça cabocla, a lusa e a africana
 Procurando expressar tanta dor sobrehumana.
 Essa dorida voz, de ondulações estranhas
 Triste através do espaço e através das montanhas,
 E' a mesma que veio enloando pelos mares
 As orações de fé da patria portugueza;
 Que, na lingua tupy, em incertos cantares,
 Primeiro celebrou a nossa natureza;
 Que, depois de soffrer as amarguras do eito,
 Pobre raça infeliz, nos embalou no leito!
 E como exprime bem o sussurro das matias!
 O soluço do vento e o gemer das cascatas!
 O mugido do gado e o mysterio da selva!
 A voz do passaredo, a cantar sobre a relva,
 E o zizido do insecto e o gemer da araponga
 Cujos brado de dor nas quebradas se alonga
 E váe-se pelo espago, errante e dolorido,
 E váe-se pelo azul, fundo como um gemido!
 O sertanejo diz, na rude litania,
 Que lhe sae da garganta, o que outr'ora dizia
 O curvo bisavó, vendo chegar ao aprisco
 O manso gado nédio, o gado manso ou ariseo.
 Conta que é bom o Inverno e o tempo da Fartura
 Quando, provido o lar, bem junto á companheira,
 Passa a noite narrando, ao clarão da fogueira,
 As lendas da carochia aos filhos pequeninos
 Que levantando, a rir, os olhitos divinos
 Procuram ver em cima, á luz dos astros brancos,
 O Cruzeiro do Sul, abrindo os braços francos...
 Lembra os dias azues de socego e de calma
 Quando os carnahubaes, movendo a verde palma,
 E as juremas, em flor, cantam hymnos á Vida
 Pela vóz sem igual da grama sentida.
 E a noite immorredoiira, a noite de S. João,
 Toucada de jasmims, cravo e mangericão,
 A sonhar, a sonhar no seio bom da viola
 Onde pulsa a alegria e a saudade se estiola;
 E a noite de Natal, num hymnario que é um mixto
 Da alegria e da dor de Maria e de Christo!
 Tudo passa na vóz do pobre sertanejo
 Como passa no labio a caricia de um beijo!
 Depois, — quanta amargura! — a voz dorida exprime
 A historia mais pungente e a mais brutal de um crime
 Do Sol, — o creador da Existencia e da Morte!
 O filho dos sertões dessas terras do Norte
 Engeitado da patria, ao dilatar-se o Estio,
 Vendo o leito seccar das lagoas, do rio,
 O panasco desfeito, o mimo o acabado,
 Os filhos semi-nús, morto de fome o gado,
 Somnambulo da dor, phantasma louco e incerto,

Foge, deixando o lar para sempre deserto.
 Lucta primeiro, lucta, heroico e destimido,
 Contra o sol, contra o céo, contra o desconhecido
 Trava o combate audaz dos guerreiros inermes:
 Quer a Morte vencer e, da gula dos vermes
 A ninhada arrancar, vida da propria vida,
 Moribundo clarão de uma aurora esquecida.
 Quando não pode mais, buscando o Firmamento,
 Fita o concavo azul; sobre as azas do vento,
 Lá vóa para Deus! Ora constricto, reza,
 Vencido em frente ao nada e em frente á Natureza!
 Para o ceu abrazado, amarello, de jalde,
 Levanta as mãos em prece... Embalde, embalde, embalde!
 Sente-se, enfim, exausto. O olhar grave e profundo,
 Tem allucinações de quem está n'um mundo
 Onde o sol é de fogo e a lua, tão fria,
 Recorda o *miserere* extranhô da agonia. •
 Jaz a enxada no chão, impróductiva a um canto;
 Ergue-a desconsolado e a face torva em pranto—
 Fere-a de encontro ao sólo, entre cados e pedra,
 Para atirar ali, onde a vida não medra,
 Não o germen da flor, luz de invisível brilho,
 Mas dois olhos azues: os do primeiro filho.
 E' então que elle parte: agóra a enxada antiga
 Já não pode servir como uma boa amiga:
 E' o instrumento máu que ha de ajudar á Sorte
 Para rasgar-lhe o seio e para dar--lhe a morte.
 Encoraja a mulher; pede a Deus, de mãos postas,
 Que o ampare ao transpor essas velhas 'encostas
 Quando outr'ora brincou, ridente e pequenino,
 Cheio dos sonhos bons dos tempos de menino.
 E é partir, é partir!

No alpendre derrocado

No rosto as duas mãos, rememora o passado
 Ao sinistro clamor dos hirtos arvoredos
 Em cujos ramos nús diz o vento segredos.
 Tudo por terra jaz estarecido e morto:
 Não soffreu mais Jesus lá, nas sombras do horto.
 Desfeita, extincta a fé, exaurida a esperança,
 O rude luctador chora como creança:
 Pois quem é que resiste á agonia sem nome
 De sepultar os seus, mirrados pela fome?
 E' partir, é partir!

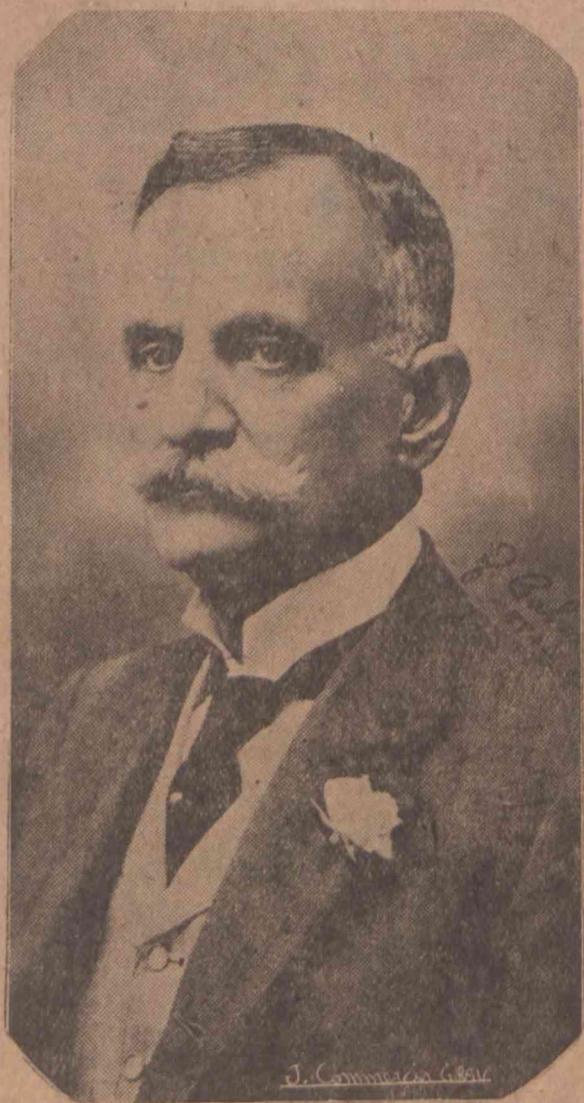
Põe um filhinho ao hombro,
 Cede um outro á mulher, cheia de medo e assombro,
 Lança a vista em redor... Do alto de uma collina
 Nesse transe infeliz contempla o lar amado,
 O musgoso perfil da capellinha em ruína,
 A casa onde nasceu, junto ao rio prateado,
 Onde a verde oiticica e o antigo joazeiro
 Davam sombra e repouzo á manada e ao vaqueiro
 —'Adeus, serras azues! Adeus, serenos montes,
 A subir para o céo, rasgando os horisontes!
 O' clareiras sem fim no dorso das quebradas,
 Onde grita a jandaia, e as manhãs orvalhadas
 Fulgem, quando sorri, na doce paz dos campos,

A serrana gentil, á luz dos céos escampos!
Moitas de mussambê, florindo em julho e agosto
No leito do riacho, ao morrer do sol posto!
Ninhos de jassanãs, á beira das lagoas,
Onde muge os bois, almas rudes e bôas,
E floresce o jucá, na sonora alegria
Dos mezes festivaes do amor e da Invernial!
Adeus, noites de abril, negras como o velludo,
Varzeas, adeus tambem, e montanhas e tudo!"

E' isso o que nos diz, ás horas da trindade,
A voz do sertanejo, anciando de saudade,
Nessa triste canção, doce como uma prece,
Cuja letra ninguem adivinha ou conhece,
Mas cujo pensamento, unido de emoção,
Si coubesse n'um rythmo, era o do coração!

Henrique Castriciano.





Desembargador J. Ferreira Chaves

Desembargador J. Ferreira Chaves

Filho muito illustre de Pernambuco, em cuja academia fez brilhante curso juridico, veio s. exa., em pleno vigor de sua mocidade sonhadora, para este Estado, onde se fez consagrado companheiro de pugnas politicas de Pedro Velho, o indefesso batalhador abolicionista e organizador do Rio Grande do Norte republicano.

Casado com uma virtuosa filha do sertão, s. exa. se identificou com este Estado, que se tornou seu segundo berço por cordialissima adopção. Graças aos meritos intrinsicos que o genio politico do eminente chefe republicano para logo descobriu no seu leal companheiro, o illustre filho do Leão do Norte viu-se alvo da confiança que o iniciou na carreira onde, galgando os postos cada vez mais avançados de promotor publico, juiz, desembargador, senador, governador duas vezes, veio a ser, finalmente, o chefe do coheso partido que, só ultimamente, experimentou seisião.

O que foi a administração do dr. Ferreira Chaves é ocioso repetil-o. Sua incansavel operosidade em fomentar o progresso do Estado, em todos os departamentos de sua actividade, é facto que prescinde inteiramente de demonstração, porquanto pullulam por toda parte os melhoramentos de toda sorte inspirados por seu patriotismo e realizados pela força herculea de sua vontade de chefe republicano.

S. exa. é o candidato do forte partido de que é digno chefe á cadeira de senador, vaga ultimamente com a investitura do dr. Antonio de Souza no cargo de governador deste Estado.

Continuará, porém, no commando supremo da politica partidaria, em plena harmonia com o governador actual.

O "Centro Polymathico" tem em s. exa. um de seus maiores amigos

posito por Innocencio da Silva, o abalizado auctor do "Diccionario Bibliographico", e que provavelmente era José Feliciano de Castilho, observa que "ella sempre teve em vista theorica e praticamente melhorar a condição do sexo feminino, no intuito de promover a felicidade domestica da familia". Dahi, e como a boa educação deve começar por casa, os "Conselhos á filha".

Suas theses não se circumscreveram todavia á esphera domestica. Seu primeiro trabalho, impresso no Recife em 1833, foi a traducção segundo corre revista pelo philologo e satyrico frei Miguel do Sacramento Lopes Gama, dos "Direitos das mulheres e injustiças dos homens" de Miss Godwin. A escolha revela uma tendência e a circumstancia torna-a uma precursora do feminismo no Brasil. Consta comtudo dos seus falhos apontamentos biographicos que em 1842 ella realizou no Rio de Janeiro conferencias abolicionistas e republicanas, nas quaes pregava a emancipação dos escravos, a liberdade de cultos e a federação das provincias, o que a colloca pelo desassombro das suas theorias acima da maioria dos seus contemporaneos na sua patria, superior mesmo a um Tavares Bastos, que só mais de 20 annos depois nos veio surprehender com as ousadias da sua descentralização, da sua franquia fluvial e da sua tolerancia religiosa.

Não devemos esquecer que o reinado de Luiz Philippe em França, de 1830 a 1848, foi a idade de ouro do romantismo. Até o socialismo foi romantico com os phalansterios de Fourier e o direito ao trabalho de Louis Blanc. O imperio auctoritario de Luiz Napoleão, após 1852 e até sua conversão liberal, conjugado com o espirito de reacção provocado na Igreja pelo espirito de revolução e do qual provieram o Syllabus e o dogma da infallibilidade papal, exerceram sobre as nações latinas da Europa e da America uma acção compressiva contra que se insurgia na Italia a penna de Nisia Floresta, que do Brazil já viera embebida no extremo liberalismo do meio. A escriptora abominava, no seu proprio dizer, os tyrannos e os reptis e detestava Luiz Napoleão como si fosse uma victima do Dois de Dezembro.

Os sentimentos democraticos de Nisia Floresta radicaram-se certamente no Rio Grande do Sul, para onde ella emigrou o Recife e onde teve collegio, tendo alli vivido em plena republica do Piratinin. No Rio exerceu igualmente sua actividade como educadora e já levava uns 10 annos quasi dessa nobre profissão quando publicou os "Conselhos" que a notabilizaram como moralista. De 1847 data "Daciz ou a joven completa", historietta para as educandas da nossa Madame de Genlis.

A data da sua ida para a Europa é dada differentemente nas resumidas notas que colhi a seu respeito. Não pretendo fôros de Cuvier da critica litteraria por estar tentando reconstituir a largos traços e dispondo da metade de um só dos seus livros a vida de uma intelligencia, como o grande naturalista francez reconstituia com um osso e applicando as leis da subordinação dos órgãos e da correlação das formas a anatomia de um animal fossil; mas o facto é que, alem da pagina de Henrique Castriciano no Almanach Garnier e do Diccionario de Innocencio que Sacramento Blake copiou não conheço por emquanto fontes onde haurir informações sobre o assumpto. Penso que 1849 foi a data da primeira viagem de Nisia Floresta ao Velho Mundo porquanto ella relata que em 1851 foi despedir-se de Lamartine no Chateau de Madrid, no Bosque de Bolonha, onde o poeta das "Meditações" vivia com a prodigalidade que o arruinou.

Nesse anno de 1849 publicou Nisia Floresta sob o pseudonymo de Tellesilla, que recorda uma patriota grega da antiguidade, libertadora de Argos, uma produção que pelo titulo indica que uma vez pelo menos lhe não foi estranho o indianismo. Chama-se "A lagrima de um caheté" e são lamentações em verso, tendo por thema a revolução praieira que custou a vida a Nunes Machado.

Em 1850 ensaiou-se no romance historico — "Dedicação de uma amiga", do qual li terem sahido dous volumes quando deviam ser quatro. Os annos de 1845 a 1865 parece terem sido os do seu maior esforço litterario, correspondendo na maturidade dos seus annos — dos 35 aos 55 — ao sazouamento das suas faculdades. Em 1853 voltou aos seus predilectos temas de pedagogia moral publicando o "Opusculo humanitario", muito gabado por Luiz Philippe Leite, professor do lyceu de Lisboa que foi com seu espesso bigode branco um homem culto e um espirito amavel. De 1857 é o "Voyage en Allemagne"; de 1859 a "Scintille d'una anima brasiliana"; de 1861 as impressões de viagem ou antes de residencia na Italia e de viagem á Grecia; de 1864 o "Abysmo sob flores".

Firmin Didot e Dentu que eram então com Michel Levy os principaes editores de Paris, foram os que publicaram seus trabalhos em francez, o que é sufficiente attestado do seu valor.

A revolução de 1848, a mais romantica das revoluções, deve ter sido para o espirito ultra-liberal de Nisia Floresta o maior chamariz europeu; talvez o restabelecimento do imperio contribuisse para seu regresso ao Brasil. Em 1855 achava-se ella no Rio de Janeiro ao tempo da terrivel epidemia de cholera

morbus, pois que falla dos seus serviços de enfermeira, consolação que se lhe deparou na dôr causada pela morte de sua mãe. A Europa, porem, com sua intensa vida intellectual, exercera sobre ella uma fascinação que não mais se apagaría. Os cursos de professores illustres, as visitas aos museus de artes e de sciencias, aos observatorios e laboratorios, as conversações literarias e philosophicas, tudo a attrahira para lá e a demorada digressão de tres annos á Italia foi o seu baptismo de arte.

Era tambem essa precisamente a epocha da crise aguda da libertação da Italia. Dispondo de collaboração nos principaes jornaes do Rio, o "Jornal do Commercio", o "Diario Mercantil", o "Diario", o "Brasil Illustrado", onde este ultimo, foram publicadas varias contribuições suas em 1854 — poude ajudar a propaganda da idéa da unidade italiana, a qual, depois da resurreição em 1848 da doutrina das nacionalidades e das raças, apaixonava o mundo intellectual não só latino como tunico, comprehendendo nesta designação o saxonico. Nisia Floresta relacionara-se na Italia tanto com figuras menores, Capponi e Thomaseo por exemplo, dous patriotas de Florença que a cegueira mais ardentes ainda tornava, quanto com as figuras maiores do movimento—Mazzini e Garibaldi. Ella propria conta que ao encontrar em Napoles um amigo, partidario extremado dos Bourbons e convencido da duração da monarchia siciliana, sentiu não poder revelar-lhe o que conhecia dos preparativos que se operavam na penumbra.

Nem podia a causa italiana deixar de fazer pulsar um coração assim generoso. A residencia de Nisia Floresta na Europa é justamente interessante pelo vasto circulo de amizades que lhe proporcionou, sendo tão somente de deplorar que ignoremos a sua correspondencia com alguns espiritos illustres da sua convivência. Salvaram-se apenas do olvido algumas cartas de Augusto Comte, que foram publicadas pelo Apostolado positivista do Rio de Janeiro sob a direcção de Miguel de Lemos. Sinto não as ter presentes, mas posso perfeitamente imaginar o tom em que são concebidas.

Todos conhecem o culto que á mulher votava o fundador do positivismo e que se concretizou na meiga personalidade de Clotilde de Vaux. Não sei si algum de vós já visitou o apartamento da rua Monsieur le Prince, no bairro da Sorbonne, onde viveu e falleceu o mestre. A piedade de alguns adeptos, entre os quaes avultam os brasileiros, conserva-o no seu aspecto de então, como um lugar de romaria para os fieis da religião da humanidade. E' a casa modesta de um professor, com mobilia barata no estylo sem gosto do tempo de Luiz Philippe.

No quarto de dormir o seu leito de soffrimento e de morte, donde os seus olhos até o ultimo momento pousaram como um refrigerio sobre um ramo de flores artificiaes, sob redoma, que lhe offerecera um dia o objecto da sua fervorosa e platonica paixão, cuja memoria os positivistas veneram a par da do grande philosopho.

Pela gravidade do seu pensar, pela elevação dos seus conceitos, pela extrema intellectualidade do seu ser disposto a receber todas as suggestões da belleza e do bem, Nisia Floresta encarnava certamente o typo de mulher que Augusto Comte admirava e reverenciava.

Alem de Lamartine e de Comte, li que a nossa patricia conheceu Victor Hugo, Laboulaye, que era um fino espirito de politico e de sociologo, George Sand, com quem tem grandes pontos de contacto sua personalidade intellectual, sendo a ambas commum tanto a vibraçào d'arte que as paizagens historicas da Italia e da Grecia estimulavam como a concepçào humanitaria que foi a maior honra do seculo XIX.

A mulher brasileira da geraçào de Nisia Floresta apresenta-se-nos dotada de um coração dedicado e de capacidade administrativa, porque para governar uma casa — as casas de outr'ora com uma quantidade de escravos, além da quantidade de filhos — são necessários tino e energia como para governar uma republica, a differença estando no tamanho. Ella pessoalmente se nos revelou porrem prendada de um natural talento de expressào, bem como de uma rara independencia de opiniões, produzida pela ausencia de preconceitos que uma sã orientaçào, tradicional e ao mesmo tempo individual, impedia de degenerar em anarchia de principios moraes.

Um episodio mostra como sabia e costumava pensar por si essa mulher que reprovava o celibato ecclesiastico como uma violaçào da lei da natureza, que considerava o poeta satanico Byron o maior dos tempos modernos e que condemnava o poder temporal dos papas como a principal razào da adulteraçào da doutrina christã, que já no seculo XV levára Petrarcha a flagellar o num soneto como

Fontana di dolore, albergo d'ira
Scora d'errori, esempio d'eresia.

Cito seus pontos de vista sem os discutir, pois estou fazendo critica objectiva. A religiosidade do espirito da escriptora era de natureza superior ás simples exterioridades do

culto e ella detestava mesmo a beatice em cuja sinceridade não acreditava, bebendo directamente sua caridade na moral do evangelho.

O episodio a que alludo foi o seguinte. Ao ordenar uma nova edição dos "Conselhos", como livro apropriado á instrucção moral das alumnas da sua diocese, o reverendo bispo de Mondovi desejou que a auctora retirasse do livro as linhas em que recommendava á sua filha de 12 annos que lhe confiasse todos os recessos da sua alma para que ella, "guia a mais interessada da sua felicidade, pudesse melhor digiril-a, fazendo-a evitar os escolhos ignorados pela sua inexperiençia". Tal recommendação afigurou-se ao prelado que era um modelo das virtudes episcopaes, pastor diligente e compassivo, contraria á missão dos directores espirituaes das jovens conscientes. Perante a recusa formal da escriptora cedeu por fim com esse feitiço sympathico de transigência que caracteriza o povo italiano como nenhum outro, e que em materia religiosa não affecta as bases, apenas as modalidades. Nem a escriptora dos "Conselhos a minha filha" era uma livre pensadora, apenas uma pensadora sem prejuizos.

A mentalidade de Nisia Floresta tinha de peculiar, dado o seu sexo e dado o meio da sua formação, essa funda preocupação dos problemas politicos e sociaes da humanidade, combinada com a lucida comprehensão philosophica em que os envolvia o seu liberalismo. Ella não dissimulava por exemplo a sympathia que na sua alma despertava a sorte de uma India e de uma Alegria, dominadas embora por nações progressivas. A Italia e a Grecia deram ao seu espirito christão um banho de paganismo, que se reflecte no surto tomado pela sua imaginação ao contemplarem seus olhos essa natureza risonha e amavel. O mar e a luz da Grecia que ella chama "os dous eternos e incomparaveis feitiços dessa terra classica, os grandes mananciaes de inspiração da poesia hellenica, apesar do proprio Homero não lograr traduzir nos seus versos a formosura encantadora do colorido e dos seus cambiantes", foram tambem factores poderosos da sua fantasia maravilhada.

O patriotismo de Nisia Floresta, que resumbra em cada pagina sua, era romantico como todo o seu feitiço espiritual. As invocações á patria ausente são repetidas e merencorias. Havia nisso o convencionalismo litterario da epocha, eu ia dizer de todas as epochas. Sylvio Romero, com aquelle feitiço iconoclastico que o distinguia, notou que Domingos de Magalhães lastimou nuns versos o seu fado, jurando que si continuasse longe da patria, morreria de nostalgia. Entretanto pas-

saram-se 40 annos antes que lhe acontecesse essa fatalidade, que nada teve a ver com semelhante enfermidade moral; ou então a saudade foi para elle, como dizia Voltaire do café, um veneno muito lento. Nisia Floresta fallava mais ou menos a linguagem de Magalhães, mesmo em Florença, cidade da sua predilecção pela luz suave e pela sociedade gentil, mas veio a morrer em Rouen aos 75 annos, 1885, e pela Europa ficara desde os annos 50 e tantós.

Não quer isto dizer que eu pretenda amesquinhar o seu patriotismo. Este sentimento exerce-se perto ou longe, ás vezes mais de longe que de perto, porque se tem a vista de conjuncto e não se está a braços com os interesses. Nem eu acredito somente no patriotismo indulgente. Acho que o patriotismo critico tem bem sua razão de ser e talvez seja mais sincero que o outro. Pelo menos um é cego e o outro vidente, e é melhor patriotismo ver cada qual seu paiz como se deseja que elle seja do que vel-o como se sabe que elle não é. E' um patriotismo mais intelligente e mais honesto.

Nisia Floresta não occultava aliás seu resentimento contra as iniquidades, o que significa que seu patriotismo andava ligado com o sentimento de justiça. Ella precedeu Emile Faguet no perceber que o mundo é sobretudo dos mediocres: será porque estes formam o maior numero. Por outro lado, personalidades culminantes, geniaes, como a de Napoleão, eram-lhe repulsivas, offendendo até o amago o seu sentimento de pacifismo. O sentimento já existia: o que não existia ainda era o vocabulo. Ao que me não atrevo é a passar-lhe attestado de germanophilia, porque admirou a Allemanha não menos do que Madame de Stael. Dirigindo-se ao irmão no prefacio do "Voyage en Allemagne", ella escreve:

"Ce pays du sentiment et de la philosophie mérite d'être parcouru et analysé par toi. Viens y en jouir avec toute cette richesse d'intelligence que ta modestie voile dans une société ou le pédantisme et les zéros sans mérite réel savent mieux que les génies se faire jour".

O romantismo foi muito espiritual mas pouco espirituoso, no sentido que comumente se empresta á expressão: pelo menos o não foi o verdadeiro romantismo, cujos chistes eram carrancudos e cujo comico chegava muitas vezes a ser macabro. Ainda nisto Nisia Floresta era romantica como tambem o era nas suas crenças religiosas, admirando e seguindo o catholicismo romantico de Lamennais e de Lacordaire, despido de galas terrenas e pairando numa atmosphera luminosa de fé apostolica e de abnegação evangelica.

Nestas condições não podia divirtil-a a “blague” franceza. Nas paginas dedicadas á Grecia ella insurge-se contra Edmond About por haver motejado do que só com effusão lyrica devia ser tratado. Estou certo de que suas contribuições para jornaes francezes e italianos em que collaborou eram alheias a quanto não fosse sensação d’arte, nota de sciencia, enthusiasmo por uma causa politica de character geral ou impulso humanitario. Eu diria que seu animo tinha mais de germanico que de latino pela capacidade reflexiva e pela ingenuidade espontanea si não fosse que nós nos acostumamos a só considerar francez o que é superficial ou artificial, esquecendo que Renan, o mais francez dos prosadores francezes do seculo XIX era o que menos tinha o espirito “boulevardier”.

O estylo de Nisia Floresta tem alguma cousa do deste mago; attrae e prende extraordinariamente pela sua fluencia e pela sua limpidez, estranho a toda emphase e a toda obscuridade, mesmo quando turgido de liberalismo ou lidando com especulações philosophicas das quaes se enamorara a sua intelligencia desde que lera as paginas sublimes de Platão. Sob este aspecto mais é a sua individualidade conspicua no nosso paiz, onde os philosophos — os genuinos, não digo os que chrisamaram o desmazelo em philosophia — se contam pelos dedos da mão. Nisia Floresta foi porem o exemplo vivo do que ella sempre ensinou e praticou — que a mulher deve possuir e exercer virtudes domesticas e civicas.

Virtudes domesticas são uma expressão lata e que, como qualquer outra pode ter uma accepção mais restricta ou mais ampla: Neste caso deve ser tomada “cum grano salis” não podendo significar mais do que affecto e piedade, virtudes domesticas de que na verdade parece haver transbordado o coração dessa mulher superior. Ella foi hem, em todo sentido, a nossa George Saud, em cuja vida houve um Alfred de Musset e até um dr. Pagello. Para o cathecismo romantico, apezar de inspirado pela doutrina christã, o amor não constituia um mandamento estricto, como para o cathecismo catholico. A alma irmã encontrava-se ás vezes fora do matrimonio e quando era encontrada associavam-se as duas romanticamente, isto é, ardentemente.

Nisia Floresta fala da viuvez do seu coração e a tradição quer estabelecer uma differença entre esta viuvez e a viuvez legal, a do mundo pelo vinculo civil ou religioso.

Concordo em que fosse aquella mais tragica do que esta, uma vez que o sentimento conjugal fora gerado na liberdade e não imposto pelo codigo ou pela benção ecclesiastica. Ha, portanto, que seguir á escriptora mais no que ella pregou

do que no que ella executou na sua vida particular. Foi um S. Thomaz feminino, a darmos credito ao rifão. Suas lições são admiraveis e estas serão, afinal as que ficam.

“Verba volant” e mesmo “gesta volant”.

Ensinando as virtudes domesticas e civicas, quem nos diz que ella se offerecia como modelo? A moral na sua penna inspirada era certamente mais objectiva do que subjectiva.





Dr. Antonio de Mello e Souza

Dr. Antonio de Mello e Souza

Filho do Rio Grande do Norte, o dr. Antonio de Souza é um de seus vultos mais representativos nas letras e no movimento politico administrativo do Estado. Discipulo e companheiro do eminente chefe republicano que era igualmente homem de sciencias e letras (medico, orador e eximio jornalista) s. exc. se assignalou na vida do Estado pelo esforço com que empreendeu melhorar-lhe a situação, fomentando a cultura intellectual. Assim, a mais respeitavel agremiação literaria que o Estado teve e cujas tradições ora se perpetuam no "Centro Polymathico", foi obra de seu espirito "sonhador" e culto. Senador federal, desde os dias de Pedro Velho, s. exc. acaba de ser investido no espinhoso cargo em que succede ao desembargador Ferreira Chaves, e isso com as sympathias até de muitos dos adversarios da actual situação politica.

Espirito ponderado, vontade energica, affectuoso no trato e sobrio em tudo, o actual governador do Rio Grande do Norte, está disposto aos maiores esforços para proseguir na rota iniciada pelo desembargador Ferreira Chaves, em quem s. exc. reconhece o chefe da politica do Estado.

Em amistosa carta endereçada ao fundador do "Centro Polymathico", s. exc. expressou sua solidariedade com os intuitos do mesmo, promettendo "todo applauso e auxilio que a lei e as contingencias permittem."



CONTRICÇÃO

a Palmyra Wanderley

Resguarda-me, oh! Senhor! dos meus vãos inimigos,
Do odio que elles me dão pelos bens que desfructo,
Do mal que fazer possam rancores antigos,
Do odio recente e injusto o tenebroso fructo.

Dá que, de modo equal ao vulgar dos amigos,
Ao inimigo perdõe o odio velado e astuto.
E poupa-me, Senhor, aos tremendos castigos
Do despeito infernal, o tormentoso luto!

Dá que de minha parte alguma cousa pura
De belleza e valor sobre a vida derrame,
Sem que isso, oh! Senhor! lhes augmente a tortura!

Dá-me o supremo bem e essa suprema graça
De compensar o mal com a Bondade que inflamme,
Pois só o Bem perdura, só a maldade passa!

S. FERNANDES.

Ferreira Itajubá

Conferencia feita pelo dr. Galdino Lima,
no salão nobre do "Natal-Club", em 29 de
Julho de 1917.

Meus senhores e minhas senhoras:

A mocidade do Gremio Litterario "Ferreira Itajubá", prestando um culto de commovida admiração a esse infortunado patricio que se chamou em vida Manoel Virgilio Ferreira Itajubá, revela mais uma vez a fidalguia de seus sentimentos e dá uma demonstração publica de que, apesar do realismo esterilizante dos tempos modernos, mantem ainda inalteravel a noção de um grande dever patriotico, qual o de bendizer o nome daquelles que, sob qualquer aspecto da actividade mental, concorrerem para a formação do nosso patrimonio artistico e litterario, da nossa grandeza moral e civica.

Hontem, era a mocidade do Gremio Litterario "Frei Miguelinho", que, de par com o Instituto Historico, promovia a glorificação do heroe e martyr norte-riograndense, cujo porfil semi-divino enche de extranho brilho a Revolução Republicana de 1817.

Hoje, são os moços do Gremio Litterario "Ferreira Itajubá", que veem patentear o seu reconhecimento posthumo a memoria de seu querido patrono, nesta commovente e carinhosa manifestação de apreço aos seus meritos incontestaveis de poeta, que o foi, dos mais espontaneos que já perlustraram o Parnaso Potyguar.

Por mais crueis que sejam as decepções da hora presente e por mais amargas as provações que o destino ainda nos reserve, neste tormentoso começo de se-

culo, é sempre um bello e consolador espectáculo ver que a mocidade de nossa terra, illuminada pelos formosos ideaes de justiça e solidariedade humana, procura reivindicar para a memoria de Ferreira Itajubá o respeito e a admiração dos seus contemporaneos, dando-lhe o lugar a que tem direito na galeria dos nossos mortos illustres.

E' que a mocidade é sempre assim: sempre desinteressada, sempre nobre, sempre generosa.

"Ide, pelo pensamento, infinitamente longe do circulo que os vossos olhos alcançam; transportai-vos até onde se dilatam as perspectivas cambiantes de um horizonte que as inquietações, as preocupações ou os desganhos ainda não toldaram; percorrei as regiões que a poesia da vida embalsama com os seus devaneios; divagai pelas paragens que não conhecem o tumulto da labutação prosaica, o sopro glacial da indifferença, o conflicto dos interesses, a collisão dos egoismos; prescurtai os refolhos onde se occulta a pujança das gerações em flór, e lá vislumbrareis a scintilla divina, o germen immortal, a alma creadora, a soberba vegetação da força mysteriosa que opera a resurreição das ideás, renova as sociedades decadentes, influe alentos imprevistos nas raças desfibradas, rehabilita para as eternas portias do progresso os povos que não se embeberam no seu genio, não o comprehenderam nas suas tendencias, não o assimilaram nos seus beneficios, não o souberam servir nas suas obras."

Bemdigamos, pois, esse nobre gesto da mocidade compatriota resolvendo promover esta brilhante festa commemorativa do primeiro lustro da morte de Ferreira Itajubá; e que num gesto ainda mais caracteristico da sua proverbial generosidade entendeu convidar-me para ser o seu interprete, obrigando-me — pobre minorista — a cingir a capa de asperges para officiar neste pontifical de Arte em honra ao glorioso eleito das Musas.

Silvio Romero escreveu, certa vez, que um exagerado numero de poetas num dado povo, é claro indicio de sua defeituosa organização social e da pouca seriedade de sua cultura.

O Brasil, disse o insigne critico, é a mais eloquente prova deste facto nos modernos tempos: si uma im-

mensa multidão de fazedores de versos fosse prova de força, cultura, progresso, adiantamento, riqueza e bem estar, seria o primeiro paiz do mundo.

Ferreira Itajubá, cujo talento assombroso refulge nas paginas immortaes do "Terra Natal", era um poeta na verdadeira accepção do vocabulo, a sua lyra tinha fulgurações extraordinarias, que o sagraram, no parecer dos competentes, um dos mais inspirados artistas do verso.

E' certo que Itajubá não tinha cultura litteraria e philosophica, e por isso as suas composições poelicas, embora repassadas desse sentimentalismo morbido que é a feição dominante da maioria dos nossos lyricos, não reflectem conhecimentos de historia, de religião; mas tambem não é menos certo que a poesia, tendo perdido toda sua antiga função social, representa um papel puramente esthetico.

Por isso, diz um publicista contemporaneo, não tem que ser socialista, religiosa, philosophica ou scientifica; basta que seja bella, ainda mesmo occupando-se com philosophia, historia, politica ou religião, porque, alem de um Bello physico, existe um Bello moral e intellectual, um Bello na historia, na politica, na philosophia.

Quem se propuzer, um dia, ao prazer esthetico da leitura do "Terra Natal", poema de feição tão accentuadamente nativista, ha de sentir a mesma impressão que empolgou o meu espirito, deslumbrado ante as bellezas incomparavis desse precioso eserinio de versos, onde não sei que mais admirar: si a espontaneidade do estylo, doce como um gorgoeio de ave saudosa; si a exuberante imaginação de Ferreira Itajubá, descrevendo o amor de Branca, "a pobre filha da terra onde nasceu o poeta e em cujo soffrimento o seu coração via um symbolo da dor de nossa patria commum, tão maltratada pela natureza ingonstante".

Um poema é sempre uma christalisação de todos os conhecimentos e sentimentos do tempo de seu autor, escreveu o autor da "Philocritica" e quando, porventura, as estrophes de Ferreira Itajubá não primassem pela erudicção e profundeza dos conceitos, bastaria essa preoccupação do poeta de exprimir o caracter e costumes

do nosso povo, o esplendor das nossas noites, a alvura de nossas praias, a brancura dos nossos luars para subtrahil-o ao numero dos fazedores de versos, a que tão ironicamente allude Silvio Romero.

Sem embargo da critica do eminente philosopho sergipano, ha no actual momento historico brasileiro um phenomeno digno da observação dos sociologos: é que á frente dessa intensa propaganda em favor da regeneração do character nacional, se acham exactamente os poetas, os sonhadores de todos os tempos, que muita gente julgava, talvez, incapazes de um esforço serio em bem do futuro da nossa nacionalidade.

Foi Olavo Bilac, o principe dos nossos poetas, o primeiro a dar o signal de rebate, e o fez com tanta oportunidade que o seu appello patriotico encontrou a mais sympathica repercussão em todos os Estados da Federação Brasileira.

No Rio Grande do Norte foi egualmente o torturado estheta do "Vibrações" que se constituiu o paladino intremulo da cruzada regeneradora, já fundando a Ecole Menégère, já organisando a Associação dos Escoteiros, esses dois nucleos de remodelação social, que são penhores seguros de dias mais felizes para o Brasil, quando todos os nossos estadistas se convencerem de que a educação domestica é a base do character e que a primeira condição e exito na lueta pela vida é ser um bom animal.

Gothardo Netto, contemporaneo de Ferreira Itajubá e como elle artista de raro merecimento, commemorando o anniversario do poeta a 21 de Agosto de 1908, publicou nas columnas do "O Potyguar" o seguinte artigo, que é bem um magnifico resumo da vida de Ferreira Itajubá:

"Desejo fallar de outro conterraneo intelligente, alma sonhadora e rebelde, opulenta de aspirações generosas e apparelhada para um triumpho que não virá longe.

Refiro-me a Manoel Ferreira Itajubá, a quem a "Officina Litteraria" presta hoje uma homenagem sincera pela passagem do seu anniversario natalicio.

Credo que entre nós ninguem desconhece esse talentoso bohemio, que só tem palavras doces para os in-

fortunios que o perseguem, è vive a cantar alto, espontaneamente, como cantava a estatua de Menon, às brisas solitarias do deserto thebano...

Visitado bem cedo pela orfandade, desde então vem lutando heroicamente contra todas as intemperies e a sua vida é um magnifico exemplo de dedicação filial pela santa velhinha, que occupa o melhor lugar no seu coração.

Dessa desventura precoce surgiu, por certo, a tendencia sentimental do seu espirito, o qual, como aquelle pelago invisivel de que nos fala Raymundo Correia, so luça por entre raios de estrellas e bordados de espumas, tendo apenas a Saudade — sercia mysteriosa — a cantar noite e dia nas suas praias desertas...

Ferreira Itajubá apresentou sempre, desde os mais verdes annos, as mais accentuadas inclinações para a poesia.

A principio o seu verso era dubio, sem colorido, sem as preoccupações rudimentares da forma.

Contudo advinha-se, por entre a nevoa dos primeiros sonhos, a manifestação irrecusavel de um verdadeiro poeta.

Já hoje, não conheço mais perfeito burilador da estrophe alexandrina ou quem melhor lapide um distyrambo modesto, cheio dos aromas da fantasia, naquelle estylo adoravel de Bulhão Pato e de Gonçalves Crespo...

E' que elle nasceu com esse condão divinatório das almas eloitas que nem a morte consegue destruir, porque si o artista desaparece, as suas illusões ficam palpitando na memoria de todos, ficam alimentando a saudade materna, a tristeza de alguma mulher querida que sempre chora quando o crepusculo volta ou quando a lua prateia as orvalhadas ramas a cuja sombra floresceram os seus amores...

Manoel Ferreira Itajubá nasceu a 21 de Agosto de 1876, na casa n. 29 da rua "Tarquinio de Souza" hoje "Rua do Commercio". Foram seus paes o honrado cidadão Joaquim José Ferreira, fallecido na grande peste de 1882, e a exma. sra. d. Francisca Ferreira de Oliveira, que lhe sobrevive.

Era o sr. Joaquim Ferreira um laborioso industrial da pesca e partidario convencido das ideas liberaes.

Desvelado pela educação dos filhos, acreditamos que, si não houvera morrido tão cedo, o Itajubá seria outro, pelo menos quanto á solidez da instrução.

Nascido á margem do Potengy, a sua infancia passou-se no convívio desses operarios humildes com quem seu pae trabalhava, e dahi o affecto profundo que o poeta consagra aos pescadores, ás nossas praias longas e alvadias, onde o vento dilacera os arciaes e as garças agitam as azas de neve como lenços brancos que se despedem de longe...

Rememorando esses tempos da primeira idade, escreveu elle no epilogo do seu poema "Terra Natal" os seguintes periodos: "Nasci á beira do Rio Potengy. Ahi passei quasi todos os dias de minha meninice. Habituei-me, portanto, a ouvir as queixas do vento salgado, as cantigas dolentes dos marujos, os gemidos das aguas sobre a areia..."

Entre os jornaes e revistas fundados por Ferreira Itajubá, merecem especial referencia "O Echo", periodico litterario que fez successo nesta capital, em virtude da impagavel questão de portuguez que manteve com os redactores d'"O Phonographo".

Publicou tambem a revista "Manha", de collaboração com o pratico da barra José Pereira, um moço que apesar da humildade em que vivia, era dotado de um espirito progressista e de uma extraordinaria força de vontade.

Sem recursos materiaes, comprava livros valiosos e assignava grande numero de folhas diarias e periodicas.

Pela sua pertinacia no estudo, conseguiu rudimentares conhecimentos das linguas franceza, ingleza e italiana. Morreu em absoluta miseria, despresado dos amigos e até com o desgosto de ver nodoadá á sua honra pela coima de pecculatório...

Tem Ferreira Itajubá dois volumes de versos destinados á publicidade: — "Harmonias do Norte", onde se acham enfeixadas as poesias da nova phase, ou melhor, do despertar do seu espirito e o "Terra Natal", delicioso poema cuja leitura ouvimos deslumbrados.

São saudosas reminiscencias de uma paixão antiga que lhe transbordou do coração, em estrophes ora sentidas como um dobre funerario, ora alegres como um domingo de Paschoa... Eis o que disse H. Castri-

ciano: "Escripta numa phase de penuria, essa historia simples, contada em versos despretenciosos, transmittiu-nos com a maxima intensidade, por um dom especial do poeta, as emoções do desterrado, cuja linguagem é bem nossa, do nosso povo nostalgico e soffredor".

Nas paginas desse vigoroso livro, a alma irrequeieta do bohemio photographou-o indelevelmente, porque nellas palpita um sentimento que se não estiola, uma amargura que não deserta facilmente o peito...

Os versos que abaixo transcrevo exprimem bem a alvoroçada alegria que sente o degredado, ao visitar o "berço em que se implumou o seu primeiro idyllo":

Despertaí, logo cêdo, ó sanhassús ligeiros,
Bentivís que trinaís nas palmas dos coqueiros,
Aragens de Natal, correí nos descampados,
Gorgeios mil soltai, pintacilgos dourados,
Phalenas que gostais do rubor das auroras,
Bateí azas, cantai, palativas sonoras!

Poucos amigos bons, 'saudai o peregrino,
Vós que me conheceis do tempo de menino!
Praçiras, estendei-me as vossas mãos amigas,
Repeti dessa quadra as chulas, as cantigas,
Arrulai na campina, ó pombas soffredoras,
D'alma o pranto arrancaí, violas gemedoras!

E basta. Quem faz estrophes como estas não precisa de encomios intempestivos.

Que o Espirito dadivoso que preside aos destinos humanos se amercie do inspirado poeta, enflorando o rosal das suas esperanças cada vez mais avigorando-lhe o cerebro para cantar as lendas e tradições polyguas".

Li algures que a obra de um artista se faz de pedaços de sua alma.

Tanto quanto é possível nos estreitos limites de uma simples palestra, penso ter-vos dado uma idea, pal-

lida embora, da individualidade artistica de Ferreira Itajubá, cuja existencia meteorica transcorreu entre sorrisos e lagrimas.

Delle podemos dizer o mesmo que disse Henrique Castriciano de Antonio Marinho, outro desventurado co-estadano que representava uma das mais bellas esperanças da nova geração norte-rio-grandense e tão cêdo desaparecido: "Devemos lamentar a sua morte, não tanto pelo que elle nos deixou, que é bem pouco, mas pelo que podia deixar, que seria muito."

Pois bem, meus senhores e minhas senhoras, hoje que commemoramos o occaso objectivo do excelso cantor do "Terra Natal", o que representa uma compensação para os que ainda acreditam na

"JUSTIÇA DE DEUS NA VOZ DA HISTORIA"

evoquemos a figura angelica de Branca, symbolisação typica das virtudes da mulher Polyguar, que o poeta exalçou nos arroubos do seu estro privilegiado e que "ha de permanecer eternamente ao pé das almas sonhadoras como uma recordação saudosa de epochas que se foram, como um perfume a evocar tristes reminiscencias de um passado que não volta mais, porem que serve de estímulo e incentivo para um futuro mais feliz e bonançoso".

Para finalizar este festival de arte, permitti que eu reproduza aqui, na aurora da immortalidade do Poeta, o soneto "O Genio", da lavra de Gotthardo Netto, offerecido a Ferreira Itajubá no dia do seu natalicio:

"O genio é como o lago: adormece entre rosas
E acorda á vibração dos pampeiros fataes;
Mas só fita a amplidão das esféras radiosas,
Mas só reflecte a luz dos astros immortaes.

O genio é como o sol: tem scentelhas formosas
E tem chammas febris, tem clarões estivaes...
Porem tanto dá vida ás plantas venenosas,
Como alenta os vergeis e fecunda os rosaes.

O genio é como a flôr; nasce sobre um rochêdo;
Perfuma a solidão do frondoso arvoredô,
E morre... e fica sempre embalsamando os ares...

O genio... O que dizer do teu genio brilhante?
Alma que buscas sempre o Passado distante
Para trazer do olvido as glorias potyguares !"





Dr. José Rufino Bezerra Cavalcanti

Dr. José Rufino Bezerra Cavalcanti



Com uma plataforma cujos altos conceitos, por sua oportunidade, echôam em as notas editoriaes desta revista, s. exc. ao empossar-se no cargo de Governador de Pernambuco iniciou uma auspiciosa phase de congraçamento da familia pernambucana, ha mui trabalhada pelas discordias partidarias.

No judicioso conceito de illustre collaborador do "Journal do Commercio", do Rio, s. exc., "espirito largo, sem preconceitos doutrinarios, sem odios pessoaes, transigente e conciliador, sabe bem que a politica não pode ser mais o que tem sido no Brazil — uma guerra de exterminio entre irmãos, feroz e insaciavel."

— *Paz e Concordia* — eis o lemma auspicioso de sua bandeira politica.

O haver s. exc. nomeado Secretario Geral do Estado a um intelligente collaborador da vida politica do Rio Grande do Norte, notabilisado pelo impulso que soube dar á instrucção publica — desde então considerada modelo em todo o Norte — mostra o intuito alevantado, que o anima, de tirar Pernambuco da estagnação pedagogica em que tem permanecido, mau grado os bem intencionados esforços dos que se têm alliado contra o analphabetismo.

Este gesto de s. exc. — bem como a affinidade moral e intellectual que nos prende ao vigoroso "Leão do Norte"—justifica a homenagem que, aqui, modestamente, lhe rendemos, se já não estivera plenamente justificada pela circumstancia de ser o director desta revista um genuino pernambucano, domiciliado entre nós ha 17 annos, mas nunca esquecido da terra amada de seu berço.

A ESCOLA

(Imagens e pensamentos)

Officina de luz, templo do povo,
Onde as vestaes do bem, num culto novo,
A chamma scintillante da razão
Mantêm, com amor, no altar do coração,
Fazendo crepitar o patriotismo
E o incenso perfumoso do civismo;
Ninho quente da idéa, onde os alados
Do pensamento são revigorados
Para adejar e prestes ascender
Aos mais erguidos picos do saber;
Riquissima vertente colossal,
Donde borbofa a limpida caudal
Dos rios que deslizam, fecundantes,
Regando sementeiras deslumbrantes —
A escola é a força e a gloria das nações,
Onde as conquistas de mil gerações
Se dão, a flux, em horas de prazer
Aos que da vida estão no alvorecer.

- A Escola é o campo vasto do progresso,
Pois letra é germen no papel impresso;
O alumno é flôr que o polen da instrucção
Transforma em fructo sazonado e são.

E esse entezinho que, na Escola, é flôr
Fecundada com o polen, luz, calor
Do mestre cuidadoso em cultivar
Os fructos do progresso em seu pomar;
Esse rebento da familia amada,
Que é synthese da Patria idolatrada,
Si deixa de as lições do mestre ouvir,
Não pode ser o obreiro do porvir,
Nem ter logar á mesa do progresso,
Pois é do livro que lhe vem o ingresso
— O livro que da vida traz a historia
Dos que subiram, pela idéa, á Gloria.

As vinte e cinco letras do alphabeto,
Nas mãos de quem pratica as leis do affecto,
Segredos nos revelam aos milhares
De justas e victorias seculares;
São mudas, mas echôam symphonias;
São negras, mas, em si, polychromias

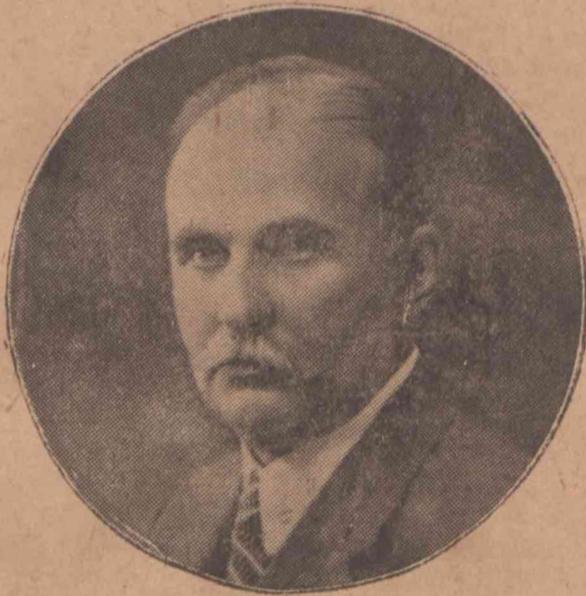
Encerram mais fulgentes que as do sol;
 Pois doiram nalma as côres do arrebol,
 O arrebol da razão vencendo a treva
 Que as energias psychicas enerva.

Immoveis, frias, essas letras são
 Vehiculos de ardores de vulcão,
 De forças mysteriosas e violentas,
 Que ora são raios, vendavaes, tormentas,
 Ora, domadas pela acção da Escola,
 São do progresso a extraordinaria mola.

No trapo sujo que é, depois, papel,
 Temos a imagem nitida e fiel
 Do que á creança faz a educação,
 Tirando dalma a tisma, a corrupção;
 Pois educar é o lento amortecer
 De instinctos maus herdados ao nascer.
 E' rebentar espinhos de maldade,
 Nullificando a hereditariedade.
 E' nalma do menino despertar
 Os fremitos innatos de avançar.
 Correr, vencer, crescer, subir,
 Até da vida a meta conseguir,
 Cumprindo aqui na terra alto destino,
 Sem das paixões seguir o desatino.
 E' desviar o homem do que é futil,
 Fazendo-o amar o bem, o justo, o util.
 E' arrancar-o á treva, ao captiveiro,
 Dando-lhe gesto augusto e sobranceiro
 No turbilhão fremente deste mundo,
 Que ora é lago, ora pélago profundo.
 E' roborar com as luzes da sciencia
 O corpo, e a alma, e toda a humana essencia,
 Para attingir esse ideal humano:
 (Em latim) "Mens sana in corpore sano."

Qual a brilhante estrella colossal
 — Combinação infinezimal
 Dos atomos estreitamente unidos
 Por forças que os conservam attrahidos —
 Tal nossa Patria um dia tem de ser,
 Quando, nas lides santas do saber,
 Puder, na escola, pelas leis do amor,
 Prender seus filhos ao bom professor.

CARVALHO DA SILVA.



Dr. Francisco Pinto de Abreu

Dr. Francisco Pinto de Abreu

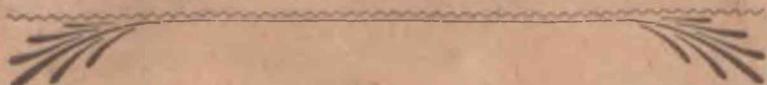


Professor de vocação assignalada; pedagogista consummado no afanoso trato dos bons livros e na pratica do ensino onde se revelou verdadeiro *leader* pelo impulso que lhe deu, vasando-o nos moldes contemporaneos que a ultima reforma não alterou, nas linhas geraes; habil e consciencioso advogado para quem mais vale a justiça que o interesse material da causa; acatado mestre do direito, a quem o governo confiou postos e incumbencias da mais alta responsabilidade; homem de letras que, além dos hymnos escolares com que enriqueceu nossa litteratura pedagogica, nos deixou os valiosos trabalhos de sua collaboração na "Revista do Rio Grande do Norte", na "Tribuna" e na "A Republica"; cidadão para quem "com o sol surge a vida da planta, e com o civiŝmo nasce o progresso da patria", o dr. Pinto de Abreu é um cavalheiro de fino trato, apanageado pela bondade com que sabe conquistar dedicações.

S. exc. faz jus á homenagem que aqui lhe rendemos, não somente como cultor, que o foi, das nossas letras, senão como membro da familia rio-grandense, com a qual se identificou através de prolongada convivencia e desposando a exma. sra. d. Suzanna, rio-grandense de coração bem formado, cujas virtudes perpetuam as tradições da familia Moura.

O operoso collaborador de nosso progresso exercia o cargo de consultor juridico do Estado, quando teve de voltar a Pernambuco, onde os que conheciam sua operosidade e seu amor ao desenvolvimento da instrucção, lhe auguraram logo um futuro brilhante na agitada vida intellectual da metropole nortista. Já desdobrava, alli, sua actividade pedagogica, como inspector escolar, e se preparava para a docencia de uma das escolas superiores do grande Estado, quando o tino administrativo do dr. José Rufino o chamou para o alto posto em que todos saudaram logo — *The right man in the right place.*

Centro Polymathico do Rio Grande do Norte



(Discurso inaugural proferido por seu fundador, prof. Jeronymo Gueiros, na noite de 24 de Outubro do anno p. p.)

Senhores:

Bastante feliz e alviçareiro é, para mim, o momento que perpassa.

Porque a vossa presença neste lugar é a concretização de um sonho que, vae para alguns annos, me enleva o espirito e acaricia o coração, tornando-me violento na audacia com que vos tenho conclamado para a assembléa augusta deste momento solenne, destinada a despertar as energias intellectuaes, latentes neste rincão da Patria, que já guindou á galeria radiosa dos que se perpetuam no mundo subjectivo os alados sonhadores que foram — Nisia Floresta, Antonio Marinho, Auta de Souza, Augusto Severo, Pedro Velho, Gothárdo Netto, Segundo Wanderley, Ferreira Itajubá, Pedro Alexandrino, Anna Lima, Murillo Aranha e Ponciano Barbosa.

Já era tempo de uma arregimentação de forças psychicas numa assembléa de intellectuaes congraçados, como vos vejo neste instante, com o escopo superior de promover o desenvolvimento de nossa cultura, no dominio da sciencia, das artes e das letras.

Faltava apenas o temerario “caudilho” que conjugasse, para esse fim, os homens cultos de nosso meio.

Foi então que surgi, confiado na oportunidade do movimento e na generosidade dos a quem me dirigia.

Puz-me em actividade e attingi a méta de meus desejos, verificando, mais uma vez, a verdade da sentença:

Audaces fortuna juvat.

Bemdicta audacia, graças á qual, eis aqui, prisioneiros da idéia que traballou a mente de um uma pessoa relativamente obscura, os espiritos mais scintillantes de nossa intellectualidade.

Bem dita audacia, que pôde fraternizar, em torno da mesma causa, os elementos mais heterogeneos da sociedade e fazel-os accordes em pugnar pelo mesmo idéal, sem as preoccupações subalternas de repulsão social, tantas vezes deshumanamente provocadas pela differença de credo philosophico, politico ou religioso.

Sim, bem dita audacia, que realizou, na assembléa deste momento, a unidade idéal que caracteriza as harmonias do universo: *unidade na variedade*.

Membros diversos, com aptidões e capacidades multiplas, formamos nós, aqui reunidos, o organismo admiravel que realizará sua unidade espirital mediante a variedade de função de cada um.

E tal é, senhores, realmente, a característica da unidade do universo.

Na unidade da divina essencia, temos a pluralidade das pessoas cujos attributos se harmonizam nas obras da criação, da providencia e da graça.

Na unidade da luz, que é symbolo de Deus, ha a variedade das côres, cuja combinação iriza e pinta a natureza toda.

Na unidade da força cosmica, temos a pluralidade das forças physico-chimicas, causas das approximações e afastamentos de que resulta o equilibrio universal, desde o infinitamente pequeno da theoria atomica ao infinitamente grande do mundo sideral, devassado pelo telescopio insubmisso de Gallileu.

Na unidade da substancia, verifica-se a multiplicidade dos phenomenos.

Na unidade da flora, encontrareis a variedade quasi infinita dos typos classificados pela botanica.

Na unidade da fauna, se nos depara a multiplicidade incontavel dos sercs que revelam a unidade do plano creador grupados em especies, generos, familias, ordens, classes, ramos e variedades.

Senhores,

A desigualdade de pendores e capacidades, que differencia a individualidade humana de seus semelhantes, deve considerar-se, á vista dos impulsos irresistiveis de nossa natureza para a communhão social, antes como elemento de confraternização e mutuo aconhego — tal se dá no dominio da physica com os fluidos electricos de natureza contraria e com a desigualdade das forças para producção de trabalho mecanico— do que como causa de repulsão; pois, são precisamente as nossas differenças que nos avivam a consciencia de não termos

sido creados completos em nós mesmos. É o sentimento da mutua dependencia em que a desigualdade de poderes colloca o homem na arriscada liça da lucta pelo progresso, compelle-o para a vida social, onde a cooperação e a permuta das capacidades potenciam-lhe as energias, blindam-lhe a personalidade e satisfazem as necessidades ingénitas de sua natureza instinctivamente associativa.

Fitando o olhar no bem commum, podem os homens, entrêlaçados pelos vinculos sagrados da solidariedade, fugir da arena ensanguentada, onde, tantas vezes, se têm precipitado, em luctas inferiores de meros animaes enfurecidos, os povos civilizados, taes têm sido essas hecatombes animadas pelo falso principio que transporta para a sociedade dos homens a lei feroz do dominio do mais forte.

Dir-vos-ei, pois, com Emilio Castellar, num de seus bellos discursos academicos:

—“Divididos por nossas crenças politicas e nossas crenças scientificas, afiliados hem ou mau grado nosso em bandos irreconciliaveis, a maior parte de nós; em nossos aggravos e em nossas feridas, colheita natural de revoluções e guerras civis sem conto, ainda abrigamos affectos, nos quaes podem confluír todas as vidas, entender-se todas as intelligencias, juntar-se todos os corações; ainda conservaremos alguma cousa que nos acerca e nos identifica, como se tivéssemos uma só alma”.

Essa “alguma cousa”, senhores, é o bem commum que aqui intentamos fomentar, cultivando a sciencia, que nos habilitará a conhecer a natureza inexaurivel nos dons que encerra e a tornal-a cada vez mais serviçal na obra ingente do progresso humano; cultivando as artes que nos ensinarão a reproduzir — transfigurados pelo espirito a se sublimar no céu da imaginação — os esplendores e harmonias do cosmo em consonancia com as harmonias do microcosmo que é cada um de nós — imagem do Autor do bello e do sublime que ressumam no céu, na terra e nos proprios abysmos; perpetuando, em summa, nos registos literarios, o que Lamartine chamou —“echo universal e eterno do mundo que pensa”.

Senhores,

Que outros se deleitem no esphacelamento de forças, na desagregação dos homens, na construcção de “muralhas chinezas”.

Eu, porém, vendo em todos a grande irmandade por quem Jesus morreu, estou no meu elemento, expandindo minha natureza e meus principios no enleamento dos homens, pelos vincillos da fraternidade, para o intercambio pacifico

das idéas e permûta de affectos que eduquem a vontade a voltar-se para o bem da sociedade, como a bussola para o norte.

E exulto na certeza do poder invicto da idéa generosa e altamente humana que aqui nos congrega; porque, no tribunal da historia dos povos cultos, já foi julgada e condemnada a idéa adversa que amesquinha os homens, turvando-lhes o horizonte com as sombras da idade media e com o fumo sinistro daquellas pyras de ignorancia, tyrannia e rancor, onde arderam tantos martyres cujos cerebros foram lampadas allumia-doras do caminho do progresso que, hoje, palmilhamos, cantando sorridentes o epinicio augusto da liberdade.

Nos recessos de nosso coração e nos pendores innatos de nosso espirito, inscreveu a mão divina do omnisciente Autor da natureza a imperiosa lei da sociabilidade.

João Milton escreveu uma das mais encantadoras paginas do "Paraizo Perdido", quando pôz nos labios do primeiro homem acordado da inconsciencia do pó para a contemplação das bellezas incomparaveis da natureza virgem do Paraizo terrestre, aquellas palavras com que ao Creador fez elle sentir o horror da solidão e a necessidade imperiosa do companheirismo com seu ponto de partida nos aconchegos santos da familia:

— "Na solidão, que dita se concebe

Susceptivel de goso a sós estando?"

Dest'arte, segundo phantasia o immortal poeta, arguiu ao Creador o primeiro Adão.

O Genesis, porém, nos diz que foi Deus o primeiro a dizer:

"Não é bom que o homem esteja só; façamos-lhe um adjutorio semelhante".

A verdade desta sentença divina eu a sinto dentro de mim mesmo. Eu sinto o impulso divino com que Deus nos compelle á communhão de seres semelhantes e tenho um lar cheio de minha imagem e semelhança. E como vejo nos homens, irmãos, cuja amisade é preciso cultivar, procuro-lhe a convivencia e nella me sinto bem. A solidão fere a lei de minha natureza e me causa horror.

Verdade é que a maldade de muitos torna, ás vezes, penosa a vida social. Mas eu quero a sociedade com os seus encargos e as limitações que nos impõe por amor á liberdade e bem-estar de outrem, porque em seu seio permuto idéas, entrelaço affecto, harmonizo volições e pendores, e exerço minha actividade para o bem commum. Eu abomino o remanso da solidão, onde o commodismo e a preguiça do misanthropo e anacoreta se acoitam na inercia que atrophia o corpo e adormenta as potencias do espirito.

Doas forças, senhores, tão oppostas quanto ameaçadoras do homem em sociedade, têm, através de millenios, retardado a obra do progresso e manchado a civilização: de um lado a centralização perpetuada do poder, realizando a unidade de constrangimento latente, do que foi ultimo exemplo o imperio do Kaiser, felizmente precipitado das alturas vertiginosas de seu orgulho nas profundezas da humilhação universal, graças á unificação das forças alliadas em nome do direito das gentes; de outro lado, a tendencia subversiva, destruidora, despersiva que explodiu na Russia e ameaça esbarrondar as conquistas do direito, assumindo a modalidade fascinante de socialismo.

A lição dos factos, porém, já se vae impondo, cada dia.

Não queremos o predominio da força centripeta que produz, na vida collectiva, o monstro de poderio absoluto das autocracias encarnadas nessas feras que foram Ninrod e Nabuchodonozor, na Chaldéa; os Pharahós, no Egypto; Xerxes, Dario, Cyro na Persia e Media; Felipe e Alexandre, na Macedonia e Grecia; os Cesares, monstros á Nero, em Roma; Mafoma e seus califas, entre os povos submettidos aos Islamismo; os Imperadores byzantinos em Cosntantinopla; Pepino e Carlos Magno, entre os francos; Napoleão na Europa moderna; e o Kaiser na Europa contemporanea.

Mas tambem não queremos a dissolvente força centrifuga que occasiona a ruina social pelo predominio da anarchia.

Na combinação das duas forças, temos a gravitação dos individuos associados em torno do bem collectivo.

Associados, dest'arte, procuremos o bem do meio em que vivemos, mediante a força invencivel do espirito em sua expansão irresistivel na obra ingente da civilização.

Senhores:

Não vos agradeço a presença neste momento; porque, collimando, aqui, o bem de todos, só tenho que me congratular convosco pela victoria que essa presença assignala.

Congratulemo-nos, sim, e sobre tudo, porque a nossa iniciativa surgiu sob os melhores auspicios, contando, como o demonstram as lisongeiras referencias da imprensa, com o applauso e auxilio de tres insignes varões, simultaneamente festejados como estadistas e intellectuaes: o desembargador Ferreira Chaves, mui digno Governador do Estado e que, pessoalmente, me assegurou as sympathias que lhe merece o nosso movimento; o dr. Antonio de Souza, alma do extincto gremio, cujos intuitos queremos perpetuar, governador eleito para o proximo quadriennio, o qual me acaba de reiterar, por carta, a declaração de que "o applauso e o auxilio que as contingên-

cias e a lei permittiram, *estes são seguros*”; o dr. Henrique Castriçiano, nosso vice-governador reeleito, principe dos poetas rio-grandenses do norte, pioneiro da educação da mulher brasileira e que, egualmente, acaba de reiterar, em cordialissima epistola, a expressão de sua solidariedade com os nossos intuitos, promptificando-se a nos auxiliar como “assiduo collaborador” da revista que será orgam de nosso gremio.

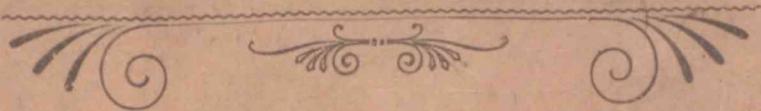
Animo, pois, e para deante “todos por um e um por todos” — na senda aurifulgente em que nos fizemos bandeirantes do pensamento, romeiros do ideal e sonhadores do porvir fagueiro, em cujo céu longinquo já bruxoleiam os alhores da madrugada risonha que presagia o dia de ouro do progresso nacional !





Dr. Salomão Filgueira

Dr. Salomão Filgueira



Filho mui querido do Rio Grande do Norte, o dr. Salomão Filgueira é um cavalheiro de escol, fadado para as grandes causas pelo merito intrinseco de seu character sem jaça. Jornalista dos mais conspicuos da nova geração; intelligencia robusta aprimorada por symetrica e cuidadosa cultura; coração de affectos refinados, que fazem de sua pessoa um escriptorio de bondade captivante — após fazer seu brilhante tirocinio na imprensa official do Rio Grande do Norte, onde para logo despontou a vocação que seria chamada a exercer-se em meio de mais amplitude, desposou, em Pernambuco, mui prendado rebenito dessa familia insigne que deu ao Brasil o mais notavel dos seus presidentes pelo merito intellectual e moral, pela cultura juridica e pela força de personalidade que, na Conferencia da Paz, na Europa e nos Estados Unidos, o fez centro convergente das mais justas homenagens de admiração e respeito.

O dr. Salomão, proseguindo na Parahyba do Norte a trajectoria fulgente iniciada na imprensa de Natal, revelou, com as aptidões de jornalista emerito, o seguro criterio para que teve de appellar o Cel. João Pessoa de Queiroz, quando, interessado, como verdadeiro patriota, no fomento da vida industrial de Pernambuco, resolveu fundar o grande orgam, que é o "Jornal do Commercio", diario em nada inferior aos mais bem feitos da "Veneza Americana." /

No dr. Salomão o "Centro Polymathico" se honra de possuir seu primeiro socio benemerito.

Portugal Literario

(ESBOÇO PARA UM ESTUDO)

*A Aducto da Camara, viril espirito de
escriptor e amigo*

I

A attitude severa de escriptor que muito admiro nas letras portuguezas é a de Anthero de Figueiredo, o magico espirito, que, no seu sereno apostolado magnifico de belleza, vai, ininterrupta e espartanamente, qual descendente da lendaria Albion, ao lado de forte legião de contemporaneos erigindo formidavel obra, cujo fulgor infinito, se projecta alem das fronteiras, e que, nesta hora de transição, vem mostrar o quanto ha de conquistar ainda nas artes e nas letras, a velha e nobre raça lusitana.

Sem penetrar a dentro em outros seculos, para acompanhar o desdobramento artistico-literario de Portugal, o decimonono, fornece o maior exemplo de que ha memoria nos annaes da actividade mental de um paiz pequenino, qual o "jardim da Europa á beira mar plantado."

Logo no principio, em plena gloria, vendo em completa grandeza, encontramos Almeida Garrett e Castilho, varões illustres que, em obras de valor e polimento, cristalizaram no mais refinado quilate, o nosso harmonioso idioma. Seguindo a estes, vêm, já em pleno romantismo, Herçulanõ, Oliveira Marrecã e Rebello da Silva, que desenvolveram a historia e escreveram o romance historico. A estes vieram depois se juntar, filiados na mesma corrente — Andrade Corvo, Coelho Louzada e por ultimo Arnaldo Gama, impecavel na caracterização dos typos correspondentes á época e ao meio que estudou.

No jornalismo militante, na critica social, Lopes Mendonça, Ramalho Ortigão, Teixeira de Vasconcellos e Rodrigues de Sampaio, o da *Revolução de Setembro*, foram os seus lidimos expoentes. — os quaes em lutas seguidas e titanicas se extremaram pelo engrandecimento e alevantamento da patria. Em Latino Coelho, pode-se dizer, Portugal teve o seu maior erudito historiador e cientista.

Vem a novelistica e com ella surge Camillo no romance passional, incansavel nos seus processos de tudo estudar, de

tudo dissecar na sociedade burgueza do seu tempo, investido da faina desesperadora do "ganha pão" por essa maneira. Em Gomes Coelho, o bucolico e virgiliano Julio Diniz do *Serões da Provincia* e do *Morgadinha dos Cannaviaes*,—com este artista fidalgo de privilegiado engenho, começou o romance campezino; e, irrecusavelmente nenhum outro soube comprehender tanto e estimar a vida remançosa do campo, como elle.

Portugal teve o seu narrador de marinhas em Francisco Maria Bordalo, cuja obra *Romances Maritimos*, título geral de uma serie de novellas reveladoras de um pintor flamengo, pela minuciosidade real, movimento e colorido dos quadros, assegurou a seu autor lugar preeminente entre os seus contemporaneos. Vem mais esse Pinheiro Chagas, homem machina, que se transformou em muitos, e com a mais assombrosa facilidade e talento, escreveu o romance, o theatro, a poesia e a historia, a critica, a polemica e o folhetim alado; dest'arte foi Pinheiro Chagas o maior polygrapho de seu tempo. E' admiravel a producção febril desse homem-genio, olvidado hoje, que, em parte, inutilizou a sua intelligencia, fragmentando-a por todas as modalidades do departamento do saber. Nada mais acertado do que, sobre elle, escreveu Sylvio Romero: "era um desses homens de que fala Goethe, que valem pelo que são e não pelo que fazem, por isso teem mais valor do que a sua obra, a despeito do merito extraordinario della."

Em resumo: a literatura portugueza attinge o cume de sua grandeza na communitade intima da philosophia com as ideias geraes do tempo. Irrompe estridulamente a nova geração, quando não promotora, influenciada da bulhenta questão Coimbrã, representada em João de Deus, o maior lyrico depois de Camões; em Anthero de Quental, barulhento com o seu philosophismo poetico; em Eça no romance realista; em Guerra Junqueiro, audaz no seu lyrisimo satyro; em Oliveira Martins no scientificismo politico e historico, por fim, em Theophilo Braga, a mais fecunda capacidade operosa de escriptor de cyclo-pico talento e intellectualismo intenso e que, hoje, com a veneravel idade de setenta e sete annos, collabora nessa obra grandiosa, onde flammeja e vibra o genio de um povo secularmente tradicional, legando-lhe a mais respeitavel bagagem de scien-tista, de historiador e de critico, de não menos de cem volumes...

Sob a suggestão dessa reformadora geração, vieram, ainda, se alliar unidos e irmanados pelos mesmos ideaes, os vultos de Guilherme Braga, o iconoclasta poeta do *Falsos Apostolos*, combates politicos: Gonçalves Crespo, do *Miniaturas*, livro que será lido "emquanto se falar a lingua portugueza"; Guilherme de Azevedo e Claudio J. Nunes; o epicurista dandy

João Penha, e Gomes Leal e Cesario Verde e outros mais, que constituiram, no momento, um poderoso nucleo. Atraz não ficaram estes outros que, na mesma ascensão se succederam gloriosamente: Teixeira de Queiroz, presentemente, á frente da Academia de Letras de Lisboa, o escriptor que no melhor vernaculo, reputado classico, e com o maior amor de artista, escreveu as duas series de livros *Comedia do Campo* e *Comedia Burguesia*; Fialho d'Almeida, o esvurmador timido, o estheta emotivo do *Paiz das uvas*, creador immortal do bizarro *Sergio*; Abel Botelho, o esquisitõ Abel do *Barão de Lavos*, auctor da inegualavel collecção de pathologia social; Alberto Braga o folhetinista do "imprevisto e do azul", e Lourenço Pinto, apreciadissimo no *Margarida*, romance flauberteano, estudo fiel da vida intima e mediocre da provincia; mais alem, por fim, se agiganta a figura varonil de Alberto Pimentel, depois de Camillo, o novellista que maior obra legou ás letras lusas. Não é preciso mais desenvolver este quadro synoptico para se ter uma ideia do Portugal mental no seculo tlesenove.

A literatura, que hodiernamente se escreve nesse paiz é uma das mais nativistas, profundamente nacional. E' uma literatura, por assim dizer, intransigentemente regional, lusitana. A alma, a poesia, os costumes que nella estremecem e fremem lampejantes são portuguezes.

Um viajante, homem de cultura, que viveu em Lisboa em franca camaradagem com o mundo intellectual de lá, trouxe estas palavras, que, não obstante o seu exaggero, condizem justamente com o estado consciante tal qual este. "A maioria dos homens de letras não se deixam influenciar por outras literaturas e creio mesmo que muitos não conhecem senão a do paiz. Raros foram os que me falaram do movimento contemporaneo na França, na Italia e na Inglaterra." E', precisamente, debaixo desse sentimento arraigado de nacionalismo que ora se agiganta e se impõe a maior pleiade de escriptores, todos elles vivendo em estreita confraternidade pelo estudo e pelo trabalho para o prolongamento da tradição e da gloria lusitanas.

"No progressivo intercambio mental, diz o mesmo viajante, em que as artes de todos os paizes se resentem de dois valores iguais: a influencia do meio e a influencia da França mental a literatura portugueza defende-se. E' a mais nacional das literaturas. Basta ler trez ou quatro poetas modernos: Patricio, Antonio Corrêa d'Oliveira, Julio Brandão e Lopes Vieira; basta ler a prosa dos rapazes de Coimbra, aos consagrados, para se ter a certeza profunda dessa defeza." De facto, a literatura portugueza defende-se, — a expressão tem a sua propriedade.

Portugal d'agora não é mais o traduzido em calão do francez, de Eça de Queiroz, nem o espírito, da raça é aquelle, molle, indeciso, pessimista, que tanto paralyzára e interrompe-ra, em outras épocas, a marcha, o progresso da nação. Literariamente Portugal vive, se desenvolve e cresce sem favores de outros meios extranhos; neste momento elle se volta somente para o Brasil, a sua consoladora e unica esperança. Para isso, o seu elemento é poderoso. De Norte a Sul as letras e ás artes teem os seus representantes. Ahi é João Grave, na provincia, sem sahir do Porto, dictando o bom gosto e trazendo o seu methodo experimental, apurado e fino de psychologista ao romance. Em Coimbra, dentre outros, é Manuel da Silva Gáyo, humanista, philosopho e lente da Universidade, romancista dos melhores, poeta e critico dos mais afamados, que, não ha muito, em carta intima, me fázia sentir esse instincto de nacionalidade e evolução literaria.

Em Lisboa, então, é onde está reunido o possante elenco, onde a tenda, verdadeiramente, está armada e todos, incessantemente trabalham. De relance: é Julio Dantas, o "primeiro temperamento dramático na lingua portugueza", na frase elegante de João do Rio. E' Augusto de Castro, é Bento Manlúa, dramaturgos, ambos também, admirados na chronica phantasiosa e artistica; é Henrique de Vasconcellos, o endiabrado espirito dos paradoxos e confrontos deprimentes, á Manuel Penteado, seu patricio, e á Wilde. Aqui se ergue Albino Forjaz de Sampaio, compleição de combatente, audaciosamente perverso, apaixonado pelo ineditismo, com o temperamento de um Jean Lorrain. Também alli apparecem Augusto Gil e João de Barros, naturezas de escól, poetas de muito sentimento e emotividade. Adiante: com um vago e triste sorriso de sceptico, surge a figura paradoxalmente extranha de Aquilino Ribeiro, moço da recente geração, romancista do *Via Sinuosa*. Chama-se Manuel de Souza Pinto, o trabalhador e vagabundo, que ha quatorze annos, receioso e timido, soltava 'o seu primeiro livro aos quatro ventos da publicidade e, agora, possuindo uma brilhante e variada bibliographia de historia e critica, impressões de theatro, viagens e novellas, — acaba de accrescentar mais uma palma á corôa de gloria que cinge a sua larga fronte de immortal, com a publicação ruidosa de *As mãos da Vida e Castello do amor*.

Outros se succedem na mesma escala: Carlos Malheiro Dias, artista gozador, mixto de sybarita e anachorêta, — é o autor do *Filho das Hervas*, ainda no seu voluntario exilio, principesco e caprichoso, o romancista, por excellencia e jornalista de sua patria no estrangeiro; Souza Costa, novellista de visão dilatada; o doloroso e amargo Raul Brandão, terrivel na sua

galeria de dor — *Os Pobres*. Chama-se Teixeira Gomes, — é o singularissimo e escarnekedor espirito do *Gente Singular* e *Sabina Freire*. E' depois Vieira da Costa, o honesto focalizador da vida e costumes rusticos, e noventa outros, mais, que occupam lugar distincto.

Afinal chegou a vez de voltar a Anthero de Figueiredo, o artista, como diz Julio Dantas, do "seu tempo e um dos escriptores que em Portugal mais têm ennobrecido a profissão das letras". Nenhum homem de arte, contemporaneamente, tem trazido tanto esplendor, magnificencia, á historia e á novelistica como o evocativo do *Alem*; nenhum é mais fiel, mais devoto á literatura do que Anthero.

As suas obras são muito conhecidas nas duas nações da lingua portugueza, por isso ellas dispensam explicações. Até o presente é a obra mais nacional que possui o paiz. As suas novellas historicas, — quem não as leu? — *D. Ignez* e *D. Pedro* e *Leonor Telles*, são o maior monumento literario do seculo, e maxime com o serem ambas uma revisão acurada, reconstituição perfeita da chronica antiga — um trecho de historia, qual elle mesmo definiu, posto em arte, como fizeram os Goncourts, na *Marie Antoinette* e Anatole France, na sua *Jeanne D'Arc*.

Anthero, dizia eu, é o escriptor nacional, — positivamente, é manifesto esse profundo instincto nativista no pensador do *A arte na educação da Mulher*. Elle não se conteve de o confessar, traiu-se nestas palavras, do *Jornadas em Portugal*, — sahidas dos recessos de sua alma sincera e egoista: "Esriptas com o coração transportado, a vibrar de tristeza enamorada, quisera eu que estas paginas por suas qualidades e geitos lusos, só fossem entendidas e queridas por gente da minha igualha no sentir portuguez; e que os demais, estrangeiros de fora e estrangeiros de cá, não as lessem, se as lessem não as entendessem, e se as entendessem as desestimassem..." Este pedaço harmonioso de pagina, gravado em marmore polido, tem o seu valor consciente na literatura, que ora se escreve no paiz, — diz de seu valor, diz de seu fim...

Anthero de Figueiredo realisa nas letras, o ideal, na prosa, semelhante ao sonhado por Fradique Mendes, representado por esta formula de Flaubert, — qualquer que seja a coisa que se pretenda dizer não ha senão uma palavra para exprimir, um verbo para a animar e um adjectivo para a classificar, — e praticado por Anatole France, esse irmão mais moço do severo e conselheiral autor do *Ecclesiastes*.

Em todos os seus livros, quer nos *Comicos* e *Doida de Amor*, casos arrebatadores de psychologia e paixão, quer nos *Recordações e Viagens* e *Jornadas em Portugal*, Anthero, man-

tem a mesma linha de serenidade elisea, o mesmo atticismo brando, interpretado por Alberto d'Oliveira de prosa organicamente refractaria á banalidade, fina de vocabulario e nova de rythmo, numa "sensibilidade quasi historica, vidrando evocadoramente ao contacto das almas e ao aspecto das coisas."

Anthero alem de suas grandes qualidades, alem de suas inconfundiveis virtudes de superhomem (nãó á Nietzsche) é um modesto, vive para as letras, para bem servir-as; nãó sabe fazer outra coisa senãó ler e escrever, e, — facto extraordinario, num tempo de cabotinismo e gloria facil, — Anthero de Figueredo, já observou um seu irmão de sonho, nãó caminha para nem a deseja, a popularidade por que "só os mediocres idolatram e preferem"... (x)

JAYME ADOUR DA CAMARA



(*) O director d'esta revista limitou-se a rever este trabalho de accordo com o original, por nãó ter tido occasião de se entender com o autor sobre alguns senões que, certo, os bondosos leitores sãó rãó desculpar. (Nota da Direcção.)



Dr. Henrique Castriciano

Dr. Henrique Castriciano

Synthese dos typos representativos de nossas origens ethnicas, intelligencia vigorosa com accentuado pendor philosophico, imaginação arrojada de poeta, caracter inteiriço e coração referto de sentimentos bons — o dr. Henrique Castriciano é um desses poucos homens em quem as eminencias das posições de dominio não produzem as vertigens de orgulho e vaidade que tanto alteram a visão dos factos no scenario social.

Irmão no sangue e no valor intellectual de Auta de Souza, a cantora mystica do *Horto*, e de Eloy de Souza, o jornalista e parlamentar eximio, a cuja operosidade tanto deve o Rio Grande do Norte, o dr. Henrique já era o idolo da mocidade natalense e pelo — “Vibrações” — fazia jus ao throno destinado ao príncipe da poesia potyguar, quando resolveu formar-se em direito na Faculdade de Fortaleza.

Bacharelado, s. exc. rumou pela estrada escabrosa da politica, não perdendo, porém, as qualidades que lhe exornavam o caracter e o faziam activo collaborador, dos mais conspicuos, na obra do progresso de sua terra, essa terra amada, cujo infortunio ninguem melhor do que elle soube cantar nos bellos alexandrinos que constituem o *Aboio*, primor de arte e conjuncto harmonioso dos rythmos de seu coração a palpitar solidario com a triste sorte do povo sertanejo.

Sonhando sempre com o desenvolvimento deste Estado, o nosso bardo, após viajar o Oriente e a Europa, trouxe da Suissa a inspiração do sonho fagueiro que teve sua realização na “Liga do Ensino”, considerada hoje de utilidade publica pelo Congresso do Estado. E com a fundação da Escola Domestica, primicias dessa Liga benemerita, e “perola” mui prezada de quantos almejam dias melhores para a Patria amesquinhada pela rotina de uma educação viciosa, o nosso vice-governador reeleito, tornou-se o pioneiro da educação feminina em o Brazil, nos moldes liberaes com que, já em seus dias, sonhava Nisia Floresta, a insigne rio-grandense do norte.

O “Centro Polymathico” tem a honra de contar no dr. Henrique um de seus mais dedicados socios fundadores.

RELANCES

C. CAMARA

“Só um paiz, o Brasil, escapara um pouco a tão profunda decadencia, mercê de um regime monarquico, que collocava o poder a coberto das lutas de competidores. Demasiadamente liberal para raças sem energia e sem vontade, a monarquia brasileira succumbiu, cahindo desde logo o paiz em plena anarquia. Dentro de poucos annos a gente do poder delapidou por tal fórma o thesouro que os impostos augmentaram em mais de sessenta por cento.” G. LE BON.

POSTO que nos coubesse na divisão do planeta um dos mais bellos paizes, collocado numa porção do orbe de onde poderia facilmente exercer real predominio no concerto dos grandes povos, somos constrangidos pelo imperio das circumstancias a confessar a dolorosa verdade de que bem longe estamos de alcançar o almejado fim.

Com dois flancos voltados para o oceano, numa extensão de quasi oito quilómetros onde se projectam espaçosas bahias e portos admiraveis, bem aproximado do Velho Mundo, deveria ser o Brasil um paiz em que se fizesse sentir com efficacia o influxo salutar da Civilização. Desgraçadamente de lá copiamos apenas o que de peor existe; só imitamos o que de abominavel por Alem-mar se encontra. Da Civilização só temos os encargos.

O exemplo do trabalho fecundo e proveitoso, a investigação das leis da Natureza são postos á margem; contentamo-nos com um pouco de leitura noxia, demolidora.

Mau grado a petulante sentença que diz ser o Brasil *um paiz essencialmente agricola*, os campos ahi jazem incultos pelo completo abandono; a pecuaria desorganizada; mal começada e já desvalorizada a industria extractiva; a fabril em embryão ainda; o commercio jugulado, prestes a se afogar na montante dos impostos cada anno accrescidos. As nossas decantadas florestas até no pavilhão nacional symbolizadas, que, devidamente tratadas, deveriam constituir não somente orgulho nosso sinão tambem inexgottavel fonte de riqueza, são impiedosamente malbaratadas, sacrilegament~~e~~ destruidas pelo machado do sórdido avaro, ignorantaço, alphabeto, que não admittit se lhe nada diga, uma vez que lhe pareça tocar nos cúpidos proventos.

O ensino oscila conforme o talante de cada ministro que o *reforma* para deformal-o sempre. Para cúmulo de sua demoralização tivemos até o decreto da "hespanhola"!

De todo esse acervo de miserias decorre o nosso atrazo, accrescido ainda de uma reunião de oito mezes dos 275 Paes da Patria que, com todas as luzes do seu saber, com todo o seu acrisolado patriotismo, não conseguiram ainda nos libertar do chronico regime dos *deficits*.

Publicistas de fancaria, empolgados pelos algarismos apócrifos das mentirosas mensagens de certos governadores e por informes baratos dos politicos de officio, atiram aos quatro ventos producções~~e~~ prenhes de dados fantásticos, procurando insinuar que effectivamente, navegamos mar de rosa, e que até nos não é mais permittido temer concorrência, pois vamos de passos largos na vanguarda dos povos adiantados...

Para elles 28.000 quilómetros de estrada de ferro, em regra ordinaria, iniciada no tempo do Barão de Mauá, uma ridicula frota mercante — eis tudo quanto é necessario para este povo de mestiços. Nem mais deve aspirar uma nação com quatro quintos de alphabetos...

Convém, entretanto, accentuar em bem da verdade que não é a percentagem de alphabetos que dá desfalque nas repartições, queima as alfandegas, prostitue as eleições. Tudo isto é legitimo producto da corrupção dos letrados.

Ideal não possuímos. A directriz nacional ziguezaguêa sem norte.

Fala-se do progresso dos Estados Unidos e da democracia exemplar da Suissa, como si se pretendesse nivelar Washington e Guilherme Tell com aquelles que trabalharam a nossa nacionalidade fazendo do Brasil degredo, decretando o fechamento das escolas, perseguindo as instituições liberaes, alimentando as fogueiras da Inquisição com victimas dos seus proprios irmãos.

A nossa myopia — e si não é myopia intellectual, é baixo servilismo — vae a tal ponto que ainda nos não apercebemos do desprezo que nos votam os povos civilizados.

Em plena conflagração, quando, apesar da nossa *neutralidade*, formavam-se ligas *pró* este ou *pró* aquelle dos allia-dos, era o Brasil insultado pela imprensa da Inglaterra, que nunca perdeu vasa para nos desconsiderar, procurando fazer acreditar que somos um povo irremediavelmente perdido.

—000—

De toda a nossa vida collectiva só tres instituições perduram para o opprobrio nosso: a politica de tranquiernia, a corrupção eleitoral e a guarda nacional, cada qual mais symptomática da protervia dos paparrotões conductores do povo.

A última, a *briosa* ou *velha guarda*, é uma instituição destituida da menor valia próxima ou remota, ridiculamente espalhafatosa pela assombrosa cifra dos seus 32.000 *officiaes* (griphado), muitos dos quaes incapazes de discernir de pronto a mão direita da sinistra. Felizmente ella já foi em parte cercada por um titular que entendeu não mais se exhibissem manpanços fardados.

Restam as outras duas, que são inseparaveis, irmãs siamezas de nova especie. Por muitas décadas ainda continuarão a fazer a nossa infelicidade collectiva, patrocinando o crime, creando a afillhadagem inépta e parasitaria que superabunda nas repartições, sugando as parcas rendas públicas, entravando o nosso progresso, operando, emfim, o chromatismo da nação praticamente escrava da sotaina, que a corrompeu ao nascer.

Civismo não existe nas classes populares, que são analphabetas, e aquelles que demonstram qualquer nadita de verniz literario, mais facilmente saberão o que se passou em França a 14 de julho, muito embora seja uma noção vaga, de segunda mão, do que o dia em que se feriu a batalha naval do Riachuelo ou aquelle em que foi promulgada a nossa espezi-nhada Constituição.

Em muitas capitaes os feriados cifram-se a não haver *ponto* nas repartições e a terem estas a fachada illuminada ás primeiras horas da noute.

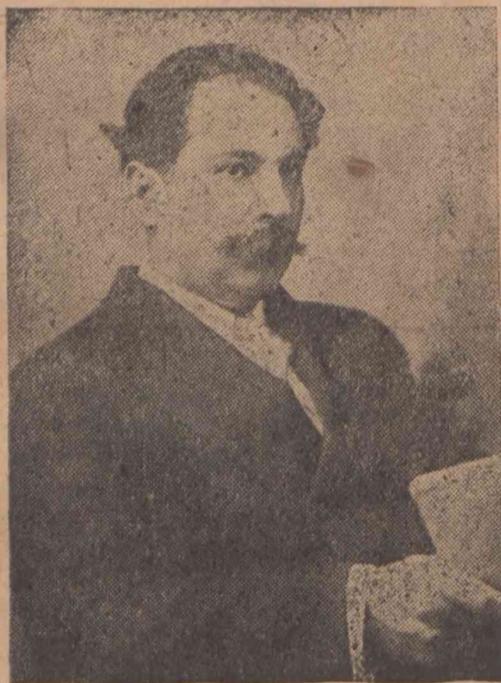
Patriotismo, virtudes civicas são termos sem significação, usados apenas pelos que surgem no palco da dramatização da politicalha empolgados pela cega ambição do mando, predisamente por occasião da sobremesa dos banquetes, quando se não pode em consciencia affirmar si falam de si ou... fora de si.

A iniciativa particular é desprestigiada, asphyxiada e, si aqui ou ali se amostra como planta exótica, é logo condemnada pela chamada *aristocracia do talento*, desde que aquelles que tiveram se achem por quaesquer circumstancias nas graças do optimates que dirigem a cousa pública.

Tal é, em ligeiro esboço, o aspecto geral do Brasil. (1)

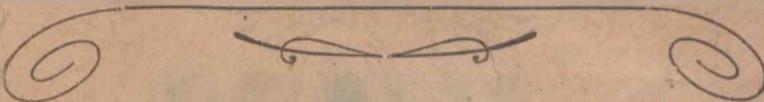


(1)—As sombras do pessimismo do autor devem ser rarefeitas pelas tonalidades crepusculares que nos descortinam uma nova era de hesongelro prospecto para o Brasil. (Nota da Redacção).



Dr. Alberto Maranhão

Dr. Alberto Maranhão



Irmão e discípulo de Pedro Velho, esse joven filho do Rio Grande do Norte, logo depois de formado pela Faculdade de Direito do Recife, ascendeu ás mais conspicuas posições nesta terra, onde serviu como consultor juridico do Estado, galgando depois, successivamente, os logares de deputado federal, governadôr e co-chefe politico, ao lado do dr. Tavares de Lyra.

Espirito culto e altamente liberal, s. exc. assignalou-se pela feição democratica de seu governo, pelo predominio do affecto que resumava em seu trato lhano e captivante e pelo devotamento com que se empenhou em melhorar o ensino, mandando, em commissão, ao Estado de S. Paulo, o dr. Nestor Lima, que de lá transplantou para esta terra o que de melhor assimilara o grande Estado sulista na pedagogia norte-americana refundida e nacionalizada.

Actualmente em opposição, s. exc. é um dos representantes do Estado na Camara Federal.

E' jornalista emerito, orador fluente e amigo entusiasta das boas letras.

Apezar de suas lides parlamentares e suas preocupações de activo industrial, acaba de telegraphar do Rio ao professor J. Gueiros, presidente do "Centro Polymathico", adherindo com vibrante enthusiasmo á feliz idéa que congregou os membros desta bem acolhida agremiação.

SCENAS DE INFORTUNIO



Os verdadeiros patriotas e todos os brasileiros de coração hem formado, costumados a espaiar a vista curiosa por sobre os bellos quadros de progresso, já tão accentuado nas capitães da União, precisam de contemplar também as scenas de infortunio que se vêm desenrolando em o nordeste da patria, flagellado, constantemente, pelo terrivel phenomeno climatico, devastador dos campos sertanejos.

A lei da solidariedade humana não nos permite ficemos indifferentes ante a triste sorte dos nossos patricios do nordeste, victimas das seccas periodicas que vêm despovoando o interior dessa desprivilegiada região.

O quadro que estampamos acima representa uma agglomeração de indigentes, que, chegados do interior do Rio Grande de Norte, recebiam sob o telheiro em que promiscuamente ar-mavam suas andrajosas rêdes, os socorros obtidos pelo pro-

fessor Jeronymo Gueiros, que pode ser visto, entre as victimas da secca, cumprindo sua philanthropica missão.

Nessas agglomerações antihygienicas muitos dos flagellados adoecem, tornando-se, dest'arte, mais desesperadora sua situação de dor e de infortunio.

Que quadro triste !

—Fome, nudez, doença e desabrigo!...

Felizmente, enquanto o professor Gueiros se empenhava em distribuir os soccorros angariados especialmente pela A. C. M., de Porto Alegre, levando os mais abatidos indigentes para abrigos particulares, e para o templo transformado em posto de soccorro, o governo estadual mandava improvisar um melhor abrigo onde os escoteiros natalenses distribuiam soccorros sob a direcção do professor Luiz Soares e as Damas de Caridade sob os auspicios da Igreja Catholica. A Maçonaria algo tem feito tambem em prol dos indigentes.

Levados pelo patriotico desejo de incrementar nosso progresso, cogitamos de importar braços dos paizes que a conflagração esgottou. Não esqueçamos, porém, que por estas abandonadas regiões do nordeste da patria, milhares de patrios affeitos ao trabalho e ás inclemencias do norte adusto, estão ainda a morrer de fome, expatriando-se dentro do seu proprio paiz, sem que encontrem o amparo a que fazem jus como factores principaes da prosperidade nacional.

Felizmente, temos, agora, na presidencia da Republica, um filho destas regiões abandonadas e, pelos symptomas, algo será feito por s. exc. no sentido de melhorar a sorte desses milhares de brasileiros abandonados.

Deixal-os, na dura e calamitosa situação em que os atira a ausencia das chuvas, agglomerar-se, nas cidades flagelladas e dar-lhes apenas uma passagem de prôa para regiões onde são mais estrangeiros do que os immigrantes europeus — sempre bem acolhidos por um serviço mais ou menos organizado de assistencia publica — é nada menos do que mandal-os morrer.

E tal é a triste sorte que os aguarda nas inclemencias e endemias das regiões paludosas do extremo norte, para onde se atiram no deliuro da febre de trazer do "Inferno Verde" da Amazonia recursos para o lar donde sahiram chorando e pára onde, na maioria dos casos, não voltam mais.

Dirigentes do Brasil, lembrai-vos desses nossos irmãos e cuidai da sua sorte !

E' nelles que estão as melhores esperanças da patria !

(Do "Jornal do Commercio" de Pernambuco).

Escola Domestica de Natal



25-KB-1919

DISCURSO DE OLIVEIRA LIMA

No acto da formatura das alumnas da Escola Domestica de Natal, o sr. dr. Oliveira Lima, na qualidade de paranympho, pronunciou a seguinte oração:

Entre o que os americanos chamam experiencias da vida e que nem sempre infelizmente emprestam experiencia á vida, faltava, na parte que me coube por lote, o ser paranympho de uma turma de graduadas de uma Escola Domestica; experiencia tanto mais rara no Brasil, quanto é a unica escola d'este genero que possui o paiz, o que é muito em louvor do espirito progressivo d'este Estado e especialmente d'aquelle espirito clarividente, que é ou antes deve ser o do homem publico, que teve a bella iniciativa de uma tão util instituição. Por isso mesmo me envaideço da distincção que me dispensastes e que agradeço com tanta cordialidade quanta sinceridade.

Fizeram-me graciosamente observar que não fui convidado para paranympho, nem fui designado: que fui eleito. Razão de mais para desvanecer-me, sendo o primeiro cargo de eleição que exerço e ainda por cima proveniente do suffragio feminino, que é a grande novidade do dia em materia politica e uma das conquistas permanentes de uma guerra da qual já se disse, com razão, ter resultado toda em proveito do Japão, do socialismo e das mulheres. Em proveito portanto do mundo, porque aquillo que a mulher, d'ora avante eleitora e elegivel, não conseguir realizar com seu jeito e sua perseverança — a sua inconstância é uma fabula mais, talvez um estratagemma — não será dado ao homem levar a cabo. Contemos pois, não sei si com a regeneração do mundo, mas pelo menos com cousas que o mundo ainda não vira.

Eu sou, devo dizel-o, um velho adepto do suffragio feminino e da independencia da mulher. Na noite da primeira eleição do presidente Wilson achava-me eu em Washington e, não só tomei parte, como fallei n'uma grande reunião em Ebbit

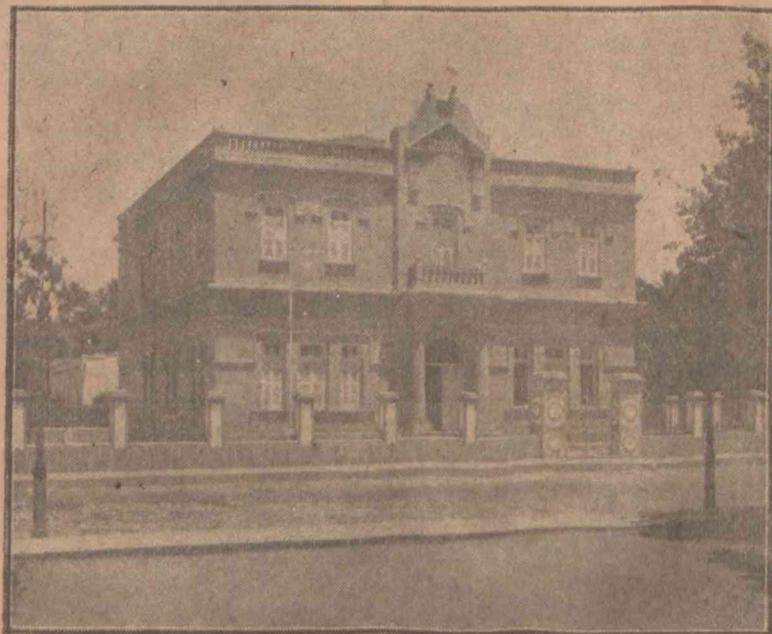
House em pról d'essas idéas que eram então, não direi perigosas de professar como as do anarchismo, mas soffrivelmente originaes. A questão do suffragio feminino, toda a questão feminista de que o direito de voto é a base, sempre me pareceu porem uma questão de senso commum.

A mulher não é intellectualmente inferior ao homem. Si lhe falta poder creativo, sobra-lhe o dom de assimilação, e si lhe escasseia vigor physico — tudo isto comportando excepções, — convem lembrar que a finura vale muitas vezes mais do que a força. Si a mulher não tem logrado praticar feitos tão notaveis no dominio da intelligencia quanto o homem, é muito porque lhe tem faltado a oportunidade. Porventura recebe a mulher a mesma educação que o homem? Estas proprias cousas domesticas que são mais da sua alçada — não posso dizer que lhe sejam privativas porque na China são os homens que cozem, no Japão são elles que bordam, em todo o mundo elles tambem cozinham, primando até na arte culinaria como theoreticos e como praticos, e casaes ha em que são elles que tratam dos filhos — quem pensa em ensinar-lhe?

Sei que na Belgica existem as “écoles ménagères” e que nos Estados Unidos lhes não podiam ser alheios; vi funcionar uma em Buenos Aires, que me pareceu excellente, como tudo quanto alli diz respeito á instrucção e á philanthropia, no seu mixto de eschola operaria e de eschola, digamos burgueza emquanto a denominação não estiver abolida; ouvi que em São Paulo não lhe admittiram ainda o alcance: entretanto quem poderá contestar que só se pode fazer bem o que se aprende a fazer, e que si se póde aprender por si, mais facil e mais razoavel é aprender com quem saiba e possa ensinar?

Tudo é cozinhar; mas cozinhar mal ou bem são para quem come cousas diversas. O mesmo com relação ao vestir: um traje bem cortado e bem acabado é cousa distincta de um traje ridiculo á falta de gosto. De quantas desastrosas consequencias não é responsavel a ignorancia em materia de puericultura? Este é no emtanto o campo por excellencia da actividade feminina, correspondente á sua mais nobre missão, que é a de mãe de familia. Não quer isto contudo dizer que a mulher não deva sahir do gyneceu ou que lhe assente viver sob tutela.

O christianismo melhorou-lhe a situação, mas a recordação de curiosidade, não sei si intempestiva mas fatal da nossa mãe Eva, continuou a pezar sobre ella e a determinar com relação a ella uma politica de “confiar, desconfiando”, que tanto mais convinha ao homem quanto lhe favorecia a autoridade. Alguns chegaram a apontar a mulher entre os inimigos do homem. Estou certo de que o não faziam de verdade, sincera-



O novo edificio da Escola Domestica, mandado construir pelo Desembargador Ferrelra Chaves

mente: dou n'este ponto mais pela intelligencia e bom gosto da humanidade que nos precedeu. Mas que o fizessem de "parti pris", peor ainda.

Por sua vez o elemento germano que, segundo a propria sciencia historica franceza — pelo menos até a guerra, pois que esta alterou mesmo a sciencia—dotára a sociedade antiga da liberdade individualista, foi quem mais elevou a condição da mulher no lar, mas não na sociedade, isto é, no que diz respeito á sua posição social, a qual ficou exteriormente sendo inferior á do homem. A emancipação da mulher, mesmo no terreno juridico, é cousa muito mais moderna, pode mesmo dizer-se que recente, e foi o resultado do espirito de tolerancia que produz a instrucção.

Entrou primeiro a reconhecer-se a igualdade das faculdades, logo a das capacidades, depois a dos direitos, até chegar a dos deveres, que é a parte mais ardua, mesmo porque a galanteria masculina quando assim se quizesse exercer não mais poderia subtrahir o outro sexo ás obrigações assumidas. A guerra que ha pouco terminou, legou o homem ciumento da mulher, não mais por motivos sentimentaes, mas por causa da sua competencia comprovada pelos salarios auferidos. A mu-



MISS LEORA JAMES
Directora da Escola Domestica

lhe: vae portanto continuar a ser maltratada, senão mais por motivos biblicos e pela penna de prosadores sacros, pelos seus adversarios politicos, pelos concorrentes aos lugares publicos, pelo: seus antagonistas, hontem no affecto, hoje no interesse.

São os ossos do officio, ou antes dos officios, e força é que se resigne, preparando-se para a lucta e adquirindo desde a competencia profissional domestica, pois que ella nunca deixará de ser a dona de casa — regalia que lhe não é disputada pelo que de trabalhosa, mesmo quando constitucionalmente exercida — até a alta cultura litteraria e scientifica, capaz de formar uma Madame de Stael ou uma Madame Curie.

Algumas das accusações são comtudo tão arraigadas que já parecem identificados os defeitos que visam com a natureza

feminina. Quem não culpa por exemplo a mulher de indiscreta? Entretanto, não me esqueço o que me confessou uma vez meu chefe em Washington, Salvador de Mendonça cuja vista precaria o obrigava a empregar secretarias particulares para a leitura e correspondencia, duas invariavelmente, uma para o inglez e outra para o portuguez. De uma feita tomou um secretario: pois foi o unico tempo, nas suas palavras, em que se revelaram aos jornaes assumptos reservados da legação. As secretarias tinham sabido resistir heroicamente aos reporters e manter-se mudas: de igual continencia de lingua não foi capaz o sr. secretario.

O escolho a evitar na organização de uma escola como esta, era que ella ministrando embora uma educação secundaria geral se transformasse numa academia ultra-domestica. Nada ha de mais difficil do que as cousas simples. Parece-me que essa difficuldade foi vencida e que se manteve a comprehensão exacta do que é e deve de ser uma escola domestica, sem lhe forçar o prosaismo que de balde se buscaria aqui. Sobre esta instituição paira a memoria de um espirito gentil que cedo em demasia se desprende da terra e cujo influxo poetico, emanado da região mysteriosa onde se devem congregar as almas associadas pela communitade dos sentimentos e pela affinidade dos sonhos, deve ter inspirado o dr. Henrique Castriano na sua generosa concepção.

Annos ha que elle em Bruxellas se entreteve descrevendo-me o seu projecto, na execução do qual poz o que não costuma ser uma virtude brasileira, a saber, a perseverança. Lutou pela realisação do seu ideal; não se deixou abater pelas primeiras inevitaveis decepções, e eis aqui em plena florescencia o emprehendimento que tanto o honra, tanto realce empresta á Liga do Ensino que o amparou, e tanto credito projecta sobre a administração do preclaro governador que comprehendeu a importancia do melhoramento e o perfilhou, d'Elle fazendo um modelo, como está tratando de tornar modelar o serviço de assistencia social, que nobilita a humanidade.

Este Estado parece ter comprehendido, — e n'este ponto serve-nos a todos da federação de exemplo e estímulo — aquillo que devemos sem excepção comprehender: que não é possivel organizar-se uma democracia sobre as bases da equidade e da verdade, com 80 % de analphabetos na sua população. O deputado federal que no Congresso se fez conhecido o paladino do progresso da União na instrucção publica é um deputado do Rio Grande do Norte; e assim occorre porque no seu meio local encontra o sr. dr. José Augusto correspondencia para seu nobre e fecundo ideal.

Antes mesmo de eu ter a fortuna de aqui vir, sabia que a vossa Liga do Ensino, presidida pelo mais digno dos magistrados, honra de sua classe e columna da justiça, se esforçava — apenas não podia ainda saber quanto — no sentido de promover a diffusão das escolas, tendo até cuidado de uma instituição unica no paiz, como esta Escola Domestica, que se tornou a perola do Estado, que foj a razão ou o pretexto da minha gratissima visita a uma terra tão hospitaleira e tão sympathica, e que o Brasil todo estará amanhã copiando, quando lhe perceber as vantagens educativas e o largo alcance social.

A civilização reclama instituições como a Escola Domestica de Natal, porque aquillo que antigamente, sabendo-o de instincto, a mulher cultivava intensivamente no lar, que era o seu dominio vedado a estranhos e d'onde raramente sahia, hoje tem que procurar aprendel-o em outra escala e com orientação scientifica em estabelecimentos publicos, desde que a vida de familia tomou um aspecto todo exterior.

Para coroar a serie dos inimigos da reclusão domestica veio o cinematographo. A tradição das excellentes donas de casa empiricas mas diligentes e devotadas que foram nossas avós e nossas mães, e que pelo impulso adquirido ainda são nossas esposas, estava pois ameaçada de perder-se si a não recolhesse e perfilhasse o Estado, fornecendo-lhe a continuidade e duplicando-lhe a valia por meio da obra de benemerencia pedagogica que aqui já se acha pode dizer-se executada.

Este estabelecimento teve ainda a dita de deparar com a directora que mais e melhor lhe convinha. Disse Bergson, a meio dos dithyrambos suggeridos em França pelo cóncurso militar americano que ia decidir da guerra, que são os americanos a raça mais idealista do mundo. De então para cá deve ter-se modificado seu conceito e talvez que se haja reduzido ás suas verdadeiras proporções, as quaes seriam que os americanos combinam no seu collectivo, em um feliz equilibrio, a feição ideal e a feição pratica. Ha 20 annos que o verifiquei e o externei n'um livro. Increpa-se o americano de materialista e elle apparece o unico despido de cobiças: louva-se sua espiritualidade e elle surge com o senso preciso das realidades.

A mulher americana mostrou, antes do que nenhuma outra, do quanto era capaz o seu sexo no terreno da formação da intelligencia e da vontade da mocidade. Ella possui muito aperfeiçoado o instincto educativo, feito de suavidade magnetica e de firmeza no querer, que incute confiança e desperta diligencia, a que não falta religiosidade, porque a fé na missão a cumprir é consubstancial e que se traduz por um senso positivo e uma percepção lucida do modo de desempenhar essa missão.

Vejo que mesmo sem intenção fiz o retrato da vossa directora, Miss Leonora James, a quem a Eschola Domestica de Natal deve muito da sua actual prosperidade, porque, elevando o cargo que lhe foi em boa hora confiado á altura de um apostolado, lhe têm dedicado toda a sua energia e toda a sua bondade.

Não é mais licito pôr em duvida a energia da mulher, que na crise por que acaba de passar o mundo, não só fabricou munições de guerra como soube usal-as, exercendo o unico officio que lhe parecia vedado, que era o de soldado. Tambem se dizia que lhe estava defeso o de bispo, tanto que falta o femenino para esses dous substantivos; mas já na Inglaterra, onde á mulher foi concedida a participação na vida politica, lavra agitação para que a mulher possa preencher lugares no sacerdocio da Egreja Estabelecida e subir á tribuna sagrada, ahi desenvolvendo o seu poder de persuasão.

Da efficiencia d'este poder e da capacidade administrativa da mulher é esta escola um exemplo vivo, do qual levo a mais agradável recordação, cabendo-me expressar-vos o meu reconhecimento pelo acolhimento que me dispensastes e pela satisfação que me proporcionastes."

(Do "Diario de Pernambuco").





Morre Chico Anastacio aqui em Natal;
Os sinos dobram dolorosamente,
Muitas bandeiras vejo em funeral.
Anastacio morrera de 'repente.

Após a funebre encommendação,
Em compassada e piedosa resa,
Do morto depositam o caixão
No carro preto pertencente á Empreza;

Commentam uns a prematura morte
Desse pae de familia. Quem diria
Que Anastacio tivesse tão ruim sorte,
Saude tinha tanta que vendia...

Lamentam outros a infelicidade
Dessa prole que fica em abandono:
Oito pequenos seres na orphandade,
Uma casa de agora já sem dono;

Passando alli bem junto dos quintaes
Por essa rua em nada appetecida,
Indaga um moço, aos dobres dos signaes,
Quando se aprompta a linha da Avenida;

Um velho de surrado balandrau
E que sentado eu vejo bem na frente,
Uma pergunta faz já muito pau:
Si o morto pertencia á PREVIDENTE;

E um tal visinho desse convidado,
Bem parente daquelle, quasi irmão,
Olhos vermelhos, todo contristado,
Abalando a cabeça diz que "não";

O carro pára quasi meia hora
Perto da velha Santa Cruz da Bica,
E ao pessoal, ranzinza com a demora,
— Que falta força, o motorneiro explica:

Duas coroas artificiaes
Na tampa do caixão dizem junfinhas:
"Saudades de Quinota e de Moraes",
"Pranto eterno da sempre Mariquinhas";

O pae do morto, ó santo sentimento!
Todo choroso, indaga de um menino
Si no Jornal sahiu tão triste evento,
Si o attestado foi para Faustino;

E uma gorda e popular figura,
Que odio á Força e Luz jamais esconde,
Diz apontando o morto: QUE VENTURA,
E' A ULTIMA VEZ QUE ELLE ANDA A BOND...

Natal.

Z. BALLOS.



Hernesto Haeckel e a sua philosophia

Falleceu, ha pouco, na Allemanha, esse grande corypheu do atheismo coévo.

Anniquilou-se em meio da grande agitação em que a lei transformista do predominio do mais forte, por elle patrocinada e desenvolvida até suas ultimas consequencias, precipitou o mundo contemporaneo.

Farias Brito, nosso profundo philosopho, já havia bradado:

— "...Desesperadoras, brutaes haviam de ser as consequencias que deveriam resultar do atheismo moderno."

No fragor do grande cataclysmo sangrento, viu o ousado monista ferir-se a lucta dos povos cultos "no terreno real dos instinctos sociaes, que encontramos em todos os animaes superiores vivendo em sociedade." (Enigmas do Universo, trad. port. pag. 401).

Antes, porém, de fallecer, os sabios naturalistas, que só não rivalizaram com elle na audacia da dogmatização scientifica de infundadas hypotheses, compelliram o arrojado philosopho naturalista a fazer declarações que esboroaram o edificio monista architectado com declarações que a observação, a experiencia e a comparação se negaram a confirmar.

Dest'arte, se o temerario atheu, alli, mystificou os que, sem exame, se apegaram ao seu conjectural monismo (tecido das "*hypotheses provisórias*," com que sua chamada "crença scientifica" encheu "as lacunas do saber"), como se firmados estivessem na rocha firme dos postulados da sciencia experimental; acolá, compellido pelos que lhe demonstraram a fallacia do seu dogmatismo scientifico, pôz á mostra o vasio pavoroso do seu systema tetrico e desconsolador, fazendo destas confissões:

"As investigações relativas aos "Enigmas do Universo", que aqui publico, não podem racionalmente pretender resolvel-os por completo; são antes destinados a lançar sobre estes enigmas as luzes da critica, legando a tarefa aos sabios que hão de vir..."

"A resposta que aqui dou a essas graves questões não

pode naturalmente ser senão *subjectiva* e parcialmente exacta; porque o conhecimento que tenho da natureza e da razão com que julgo da sua essencia objectiva são limitados como o de todos os homens." (Obr. cit. Intr. p. 4.)

Em seu livro — *Maravilhas da Vida*, trad. port. p. 35-36, confessa, peremptoriamente, que o "desejo de conhecer, a necessidade de casualidade de nossa razão" o levou a "*preencher*" (não esqueçam este *preencher...*) as lacunas da sciencia."

Eis suas palavras:

"Não tive, como dizem os meus adversarios, a pretensão de saber tudo ou de dar a solução de todos os enigmas que se encontram no universo. Tinha, ao contrario, declarado mais de uma vez, que os limites do nosso saber são acanhados e não de sel-o sempre. Mostrei tambem que o desejo de conhecer, a necessidade de casualidade de nossa razão" levou-o a "*preencher*" (guardem bem este *preencher...*) as lacunas da sciencia."

A crença scientifica enchê com hypotheses provisórias as lacunas do nosso saber."

Em geral, porém, o fundador do monismo doutrina e propaga suas "hypotheses provisórias" no tom cathedratico de quem expõe os dictames da verdade, falando em nome das ultimas conquistas da sciencia experimental.

Foi por incoherencia e contradicção com seu commum doutrinamento que elle fez as confissões supra transcriptas.

Senão, ponhamos em confronto as asserções desse habil e corajoso preenchedor das "lacunas da sciencia" com "hypotheses provisórias", e veremos como a contradicção se evidencia e sobresaê, ao mesmo tempo, o dogmatico diapasão com que eleva elle "hypotheses provisórias" á categoria de "factos incontestaveis" da sciencia positiva.

Com effeito, aqui, ouvil-o-emos sentenciar sobre essas "hypotheses provisórias", com a emphase de quem fala em nome de factos verificados á luz da sciencia e affirmar, dogmaticamente, com assombro para os verdadeiros sabios, cuja sciencia é filha da observação, experiencia e comparação:

"... *Nem por isto subsiste menos este facto historico certo*, este dado cheio de consequencias de que o *homem descende directamente do macaco* e por isso, duma longa serie de Vertebrados inferiores..."

Alli, exactamente onde era de esperar a demonstração scientifica do tal "facto historico certo" — a descendencia simiesca do homem — o ex-cathedratico de Iena surprehende os que lhe compraram nabos scientificos em saccos philosophicos com esta admiravel confissão já devidamente commentada pelos autores do "Um idolo de barro ou Haeckel" em face da sciencia", pag. 62:

“Entende-se por si mesmo — *que a nossa philogēnia é e continuará a ser um edificio hypothetico.*”

Eis ahí o criterio scientifico com que o atheu famigera-do semeou a sua descrença fantasiada com as pomposas côres da terminologia scientifica: *ergue um edificio hypothetico á categoria de um facto historico certo.*

Ainda mais: o falso criterio scientifico do leviano atheu levava-o a negar factos historicos certos, firmado em asserções inveridicas de seus companheiros de descrença.

Assim, surprehender-nos-emos por ouvil-o affirmar, nos seus “Enigmas do Universo, pag. 456, homologando uma asserção tão temeraria quanto falsa de S. E. Verus, que “nas epistolas de Paulo... não se diz nada da morte nem da resurreição”, quando qualquer alumno da Escola Dominical saberia mostrar a esse incredulo que cita a Biblia de terceira mão, os *duzentos logares* do Novo Testamento em que Paulo se refere á *morte* e á *resurreição*, chegando num delles a dizer que Christo resuscitado foi visto por mais de quinhentos irmãos e por elle mesmo, e a declarar com emphase:

“E se Christo não resuscitou, é logo vã a nossa prégação, é também vã a nossa fé.”

“Se nesta vida tão somente esperamos em Christo, somos nós os mais infelizes de todos os homens.”

“Mas agora resuscitou Christo de entre os mortos, sendo elle as primicias dos que dormem.” (1)

Deante disso, não é preciso mais insistir sobre a levianidade criminosa com que o celebre atheu tratava as questões scientificas ou philosophicas.

No afan demolidor de sua sciencia avariada pela historia pouco abonadora da alteração de *clichés*, não hesitava elle em construir seu edificio hypothetico, mesmo quando sabia estar divorciado dos dados colhidos no dominio da experiencia scientifica pela maioria dos sabios contemporaneos.

Para exemplo de nossa affirmação, tomemos a questão das questões no dominio da historia natural: a origem dos primeiros organismos.

Ouçamos, a respeito, o architecto das “*hypotheses provisórias*” e vejamos como a *lacuna* que a sciencia ahí verifica é levianamente “preenchida” por elle com o *talvez*... da geração espontanea victoriosamente refutada desde os luminosos dias de Pasteur.

Eis suas palavras:

“... a hypothese da geração espontanea adquire bastante verosimilhança para que se tenha o direito de preencher

(1) 1 Cor. XV: 14, 19, 20.

a lacuna existente entre a cosmogonia de Kant e a theoria da descendencia de Lamark. *Talvez* (1), entre as monèras actualmente conhecidas, ha uma especie que, continua a nascer por geração expontanea". (2)

E nos "Enigmas do Universo", mostrando que esse brumoso *talvez* da hypothetica geração espontanea é o unico fundamento de seu monismo, confessa:

"Se regeitarmos a hypothese da geração expontanea é forçoso, para este ponto da theoria evolutiva, recorrer ao milagre de uma criação sobrenatural."

Sobre esta questão, vem a proposito o que affirmamos em nossa conferencia — *Deus revelado*:

"Strauss, aguerrido soldado das bellicosas e furibundas phalanges do livre pensamento atheu, escreveu em sua "A Velha e a Nova Fé." (3)

"— ... a temperatura do globo terrestre foi, numa certa epoca, de tal modo elevada que toda vida organica era impossivel; numa certa epoca, pois, não houve na terra vida organica; é preciso, portanto, que tenha tido um começo, e subsista a pergunta: como?

A fé invoca o milagre. Deus disse: Produza a terra a herva e a planta, procrie os animaes viventes, segundo a sua especie. A antiga biologia assim o acceitava; para Linneu, todas as especies vegetaes ou animaes teem origem num primeiro par ou num individuo hermafrodita. Tambem Kant julgava que se podia dizer: "Dae-me materia, e mostrar-vos-ei como se pode engendrar uma larva." Se desta forma o problema se não resolver, é porque é mal proposto. Se digo: uma larva, ou d' elephante, ou mesmo o homem, escolho em todos os casos um organismo já tão delicadamente constituido, que logo se deve comprehender a impossibilidade de o tirar immediatamente da materia inorganica. Para transpor este abysmo, é preciso tomar o organico na sua mais simples constituição fundamental que, como se sabe, é a celula. Não a larva, mas a celula organica pode sahir naturalmente de elementos até ahi inorganicos? O proprio Darwin ainda não ousou responder affirmativamente, mas julgou necessario, pelo menos neste primitivo começo, appellar para o maravilhoso. No principio das cousas — tal foi pelo menos a doutrina de sua primeira e principal obra — o Creador formou diversas ou talvez só uma celula primitiva a que insuflou a vida; e desta celula se desenvolveu, com o andar dos tempos, toda a variedade da vida organica so-

(1) Notem bem o "talvez"!

(2) "Hist. da Creação".

(3) Versão portugueza.

bre a terra. Neste ponto, fôra mais longe o seu precursor francês, Lamark, pois que fazia nascer os mais simples organismos, no inicio, e ainda agora da geração espontanea.”

“Mas, que milagre não seria a geração espontanea?!

“Si é miraculoso o apparecimento de um ser pela acção omnipotente e omniiciente de um Creador, que dizer do apparecimento de um organismo cuja constituição intima e anatomica revela intelligencia — pela acção fortuita de causas materiaes, mechanicas, inconscientes?!

“Bem avisado andou Carlos Darwin, regeitando esse *sui generis* milagre...”

“Luiz Büchner, o ousado materialista allemão, no seu livro — *Força e Materia* — depois de confessar que os sabios repellem quasi todos a geração primitiva no sentido em que a entendem e não a admittem fôra da presença dos germens preexistentes”; que tudo isso fornece aos partidarios das ideas religiosas uma occasião magnifica de appellarem para a intervenção d’um poder sobrenatural; que “os sabios, os pensadores mais distinctos,—Cotta e Secchi por exemplo, — puderam subtrahir-se tão pouco á influencia de semelhantes considerações”, aventurou resolver o “enigma” da origem da vida, sem appellar para “o poder insondavel d’um Creador” e para a “actividade d’um Architecto eterno”, e imaginou os seguintes absurdos — 1.º) que “os germens ou os principios da vida existiam desde toda eternidade; 2.º) que podiam existir nas altas regiões da atmosphera; 3.º) que podiam ser trazidos por meteoros que calissem na terra ou pela cauda dos cometas; 4.º) que appareceriam por geração espontanea; e aqui appella elle para “os trabalhos decisivos do professor Haeckel, de Iena, sobre as monéras.” (2)

“Mas, sobre ser gratuita a affirmação de que são *eternos os germens vitaes* está em flagrante contradicção com as negações do Atheismo que não admittê a existencia de um Ser eterno. Em que principio racional e scientifico se basea o atheu para, negando a existencia de um Creador eterno dos principios da vida, de uma Personalidade infinitamente perfeita, cuja omnisciencia resumbrá em todo o universo, affirmar, ao mesmo tempo, a existencia eterna de germens, cujo maravilhoso desenvolvimento, no tempo e no espaço, revela a existencia de uma actividade que intelligentemente regula a evolução mundial?

“Porque negar a *eternidade* de uma Intelligencia infinitamente habil e engenhosa que por toda parte se revela nas harmonias da natureza, e dogmatizar, gratuita e incoherentemente, sobre a *eternidade* dos germens vitaes? E, admittido que

(2) *Força e Materia*, cap. XII, Geração Primitiva.

taes germens existissem na eternidade, como, porém, se explicaria a sua conservação após o periodo incandescente dos mundos, si está verificado que todo o germen vital se extingue numa temperatura aliás inferior á das esferas mundiaes no periodo estellar?

“Si da superficie da terra primitivamente abrazada e onde todo germen vital, por ventura preexistente, teria desaparecido por completo — foge o atheu para as regiões superiores d’onde a terra teria importado os germens de sua fauna e de sua flora, nós o precipitamos dessas alturas povoadas de germens, perguntando-lhe: Si, resfriada a terra, cahiram nella germens da atmospherá, ou foram trazidos por meteoros, por cometas, etc., d’onde vieram taes germens para essas regiões? O proprio Büchner affirma que esta hypothese tem contra si o arrefecimento extraordinario do espaço cosmico (de 100 a— 100° C).

“Resta, pois, como unico refugio do atheismo a hypothese da geração espontanea.

“Ora, a biología continua a ensinar — com tanto maior segurança quanto é certo que Pasteur, entre outros, refutou, victoriosamente, a theoria da geração espontanea — que *um ser vivo só de outro vivo*.

“D’onde, então, os primeiros viventes que surgiram no scenario ermo do nosso globo, após o seu periodo de incandescencia?

“Que leis da natureza, actualmente conhecidas na sciencia, poderão explicar o apparecimento desses primogenitos sem paes?!...”

Se a sciencia até hoje — como é facto — não colheu dados que expliquem o apparecimento dos primeiros organismos; se a biología ainda hoje verifica a verdade do velho axioma: *só de um germen vital provem um ser vivo*, não ha razão para desprezar a theoria que postula para explicação do desdobramento do cosmo a existencia de uma Intelligencia infinita, personalidade absolutamente perfeita pela necessidade de sua propria existencia, como a grande Causa de todas as cousas secundarias reclamadas pelo nosso juizo causal, que repelle, como absurda, a hypothese de uma serie *eterna e regressiva* de causas e efeitos; pois a evolução da materia durante *toda a eternidade* já teria attingido a sua finalidade, porquanto a evolução é u’a marcha, como se sabe, do simples para o complexo, do incompleto para o integral e perfeito?

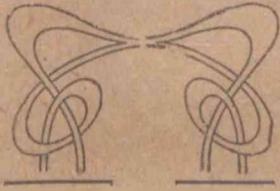
Se, pois, a geração espontanea não é um facto scientifico, mas, simples hypothese gratuita, sem nenhuma confirmação das leis e factos da sciencia hodierna; se a adopção dessa hypothese importa o absurdo da materia em *eterna evolução*

tos — dizem, em sua linguagem muda, mas eloquente, que o mundo, longe de ser eterno (pois a eternidade seria sufficiente para levar a termo a finalidade prevista através da evolução), é o producto da Omnipotencia de uma Intelligencia infinita que tudo *previu*, que tudo *designou*.

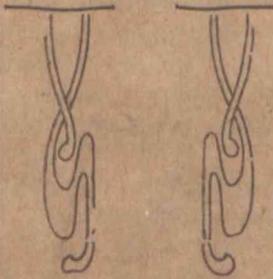
Esta é que é a verdade que não pode soffrer confutação racional.

JERONYMO GUEIROS.





Natal — Avenida Tavares de Lyra



Theoria organica das sociedades

No dominio das sciencias naturaes nunca houve theoria que revolucionasse o pensamento como a de Darwin sobre a origem das especies, sobre a evolução dos seres no planeta tellurico.

Antes d'elle, outros espiritos de *élite* haviam presentido a connexão existente entre os multiplos phenomenos objectivos e subjectivos da vida universal; na antiguidade, a philosophia grega como que adivinhára a unidade de todos os corpos organicos e anorganicos; Lucrecio, no **estupendo poema *De Natura Rerum*** fallára, em termos claros, da cohesão da materia viva e da materia aparentemente sem vida; e, já nos tempos modernos, Lamarck, ampliando a concepção genealogica, affirmára que todas as especies vegetaes e animaes teem a sua origem n'um typo ancestral commum. Mas foi o glorioso sabio quem aprofundou o assumpto, ampliando-o, comparando a selecção artificial á natural, indusindo e dedusindo, estudando os organismos cultivados e os em estado primitivo, até chegar á culminancia do seu systema que ficou sendo a culminancia da biologia.

Como Lyell demonstrou a evolução da terra, Darwin, noutro departamento da sciencia, demonstrou o encadeiamento logico, o parentesco entre o homem e os outros mamíferos, ficando definitivamente inflicida a nossa posição no seio da natureza.

Deve-se ao pensador inglez a methodisação do que, nesse particular, andava, desde muito, nos espiritos investigadores.

Aqui e ali surgiam idéas sobre o assumpto, pensamentos diluidos pelas religiões e pela ironia metaphysica dos espiritos livres, até que, depois da phase social marcada na historia pelo seculo XVIII, depois dos sarcasmos de Voltaire e do materialismo de d'Alembert, surgiu Darwin, completamente aparelha-

do pela immensa elaboração dos seculos e, após longos annos de estudo, lançou as bases, que ficaram sendo definitivas, da theoria da evolução organica.

Elle é o precursor da maioria dessa legião de pensadores que, no actual momento philosophico, constrôe, sobre alicerces fundos, sobre dados positivos, o edificio social futuro. Haeckel, Spencer, de Greef, Ihering, Doreste, todos os que, sem serem positivistas no sentido rigoroso da palavra, orientaram o pensamento pelo prisma do real, ahi estão para attestar a influencia do auctor da *Origem das especies* nas multiplas manifestações da intellectualidade moderna. O associacionismo realista de Spencer encontra o seu fundamento no darwinismo. Os factores internos e externos da evolução, determinando o equilibrio directo e indirecto da vida, a adaptação e a hereditariedade, — eis a grande lei. Nada surge sem filiação e sem causa. Os phenomenos do Universo podem ser reduzidos a um só; as formas da materia, por mais variadas que pareçam, devem ser encaradas e estudadas sob um unico aspecto: na phrase de Tobias Barreto toda pluralidade quer resolver-se em unidade.

A homologia animal, partindo das infimas especies da natureza, evoluindo lentamente através o tempo e o espaço, dentro das leis da estatica e da dynamica, demonstra claramente a coexistencia dos seres vivos, máu grado os desvios accidentaes do plano commum.

E, aceitando o Universo como um todo do qual não é possivel tirar um atomos, é claro que os mais variados phenomenos do Planeta estão ligados entre si na mais absoluta e eterna cohesão. Neste sentido, quem melhor comprehendeli o sabio inglez foi Haeckel, cuja obra principal—*A Historia da Creação*, é um desdobraimento lucido da concepção darwiniana.

Estudando a materia nos mais simples elementos, elle, por sua vez, proclamou o *monismo*, desenvolvendo até ás ultimas consequencias, a doutrina da unidade, do parentesco, por assim dizer, dos corpos sem vida com as forças vivas da criação.

Não é meu intuito expôr os fundamentos da theoria de Haeckel. Os positivistas e os metaphisicos rejeitam-na, sendo que os primeiros se baseiam na razão de ser ella mais uma hypothese. Os comtistas, naturalmente, relegam-na para o dominio da metaphisica; e os ultimos, misonheistas, proclamam-na heretica e absurda, appellando para as faculdades egoisticas do homem. Mas a verdade é que em tudo, na religião como na philosophia, ha sempre um ponto de interrogação, um gesto doloroso da pobre alma humana talhada para a duvida e para

a incessante tortura da perfeição que nunca se alcança, que eternamente nos ha de fugir como uma sombra ou como uma miragem.

E' o mechanicamente inexplicavel de Kant e o incognoscivel de Spencer.

Hypotheses são todas as affirmações que estão fóra dos conhecimentos adquiridos, e, si para a fé religiosa não existem hypotheses, porque ella não discute os dogmas de seu credo, força é confessar que, sem ellas a sciencia jamais progrediria: o que hoje é pensamento amanhã tornar-se-á acção.

A hypothese de Haeckel é das mais profundas e meditadas. Como é sabido, elle estabeleceu duas especies de ancestraes para o homem: invertebrados e vertebrados. Issoq não prejudica o plano da unidade da sua obra, pois as duas especies são elos dessa maravilhosa cadeia que, no pensar do genial teutonico, principia na *monéra*, substancia amorpha, combinação simples do carbono, acido carbono, hydrogenio e azoto e termina na especie humana, synthese estupenda de todas as forças da terra creadora.

Estudando a evolução paleontologica dos organismos, servindo-se da embryologia, da comparação morphica dos diversos animaes, elle, mais uma vez, salientou a lei fundamental do darwinismo: o desenvolvimento embryonario do individuo (*ontogenese*) recapitula a evolução da especie (*phylogenese*). E, através os innumerables recursos do methodo comparativo, estabeleceu a connexão etiologica entre os seres inferiores e os superiores, concluindo que — a embryologia resume a genealogia. E ahi está, em quatro palavras, a explicação mechanica dos phenomenos da vida.

E' uma hypothese, dirão. Mas se o nosso espirito rejeita ou fica indeciso deante-das primeiras theses da doutrina; si não aceita as origens taes como foram delineadas pelo sabio teutonico, é certo, comtudo, que o pensador não escreveu na areia, como vulgarmente se diz. Quem é que não fica admirado da semelhança que o homem na vida uterina, apresenta em relação aos peixes, aos amphibios, aos reptis e aos mamíferos?

Sobretudo, abandonandq outras formas anatomicas, não é para admirar que a vertebra seja, desde remotas eras, como que o traço caracteristico da estrutura de innumerables especies, inclusive da nossa?

Na ordem moral, quem ignora a serie de emoções, — a alegria, o soffrimento, o odio, o amor, — que constitue a psychologia animal, fazendo-a tão semelhante á nossa, apesar da nossa vaidade e orgulho?

Algumas das chamadas creações irreductiveis da humanidade não o serão, porventura, tambem dos animaes, que teem a sua industria, como o castor, a sua organização social, como as abelhas, e até a sua religião, como o elephante, que enterra os seus mortos e o boi, que chora sobre os restos dos companheiros victimados pelas necessidades humanas ?

Não cabe aqui a explanação desse assumpto, sobre o qual os transformistas já não discutem: o meu fito agora é traçar algumas linhas sobre a influencia das idéas darwinistas, no dominio da sociologia.

Estamos bem longe dos velhos tempos em que os honzos se reuniam, não para discutir questões de anatomia e psychologia comparada, mas para resolver si a mulher tem alma, gravissimo problema realmente difficil de elucidar...

II

As duas principaes correntes philosophicas do seculo que findou, o positivismo e o spencerismo, dividiram o pensamento moderno.

Nessa grande batalha quem terá ficado com a melhor parte: o auctor da *Politica Positiva* ou o dos *Primeiros Principios* ?

Ninguem poderá negar ao primeiro uma das mais poderosas mentalidades de todos tempos. Debalde a intolerancia lhe injuria a memoria, trazendo á tona da discussão a loucura, de que foi acommettido o genial pensador. Os principios fundamentaes de seu systema são traços luminosos que hão de perdurar eternamente, como documentação de methodo e saber. Mas Augusto Comte commetteu o grande peccado (que me perdoem os orthodoxos a audácia) de pretender traçar raias ao espirito humano.

Os seus discipulos se tornaram intoleraveis affirmando que depois do mestre é inutil tentar outros conhecimentos, porque elle fechou o cyclo do pensamento, sendo certo, entretanto, que em philosophia não ha ultima palavra e que a alma, em seus levantados surtos em busca da perfeição, irá sempre encontrando o infinito diante de si.

Tal é a comprehensão, de Spencer que, na phrase de Sylvio Romero, se fundou nas quatro idéas capitaes do desenvolvimento scientifico moderno: a critica do conhecimento; o principio fundamental da evolução; a applicação pratica desse principio á biologia pelo experimentalismo transformistico e a concepção monistica do universo.

Quer isso dizer que, de um lado, temos Spencer com todas as noções scientificas do seculo, mesmo as que apparente-

mente se repellem, como o dualismo de Noiré e o monismo de Haeckel, e, do outro lado, Augusto Comte preso á lei dos tres estados e á systematisação dos conhecimentos adquiridos. O *fieri*, a lei da evolução, tal como a concebeu o philosopho inglez, é uma coisa semelhante ao espaço, onde vão penetrar todas as grandes correntes do espirito, confundindo-se e completando-se. Dahi a semelhança que Spencer encontra, não somente entre todas as concepções humanas, mas entre a evolução super-organica dos primatas e a das sociedades que, em suas differentes funcções phisio-psychicas, reproduz os phenomenos vitaes inherentes aos seres melhormente organizados.

Para elle, a sociedade é um organismo:

1.º Porque obedece á lei do crescimento, começando pelo germen — o individuo — e terminando pelas grandes aggregações. Assim como na vida animal, segundo os principios geraes da biologia, a existencia dos individuos superiores se baseia na vitalidade collectiva de uma legião de seres infinitamente pequenos, assim tambem, na esphera social, os corpos definitivamente aparelhados, repousam no individuo que, isolado, nenhuma significação tem.

Por outro lado, se uma cellula, aparentemente sem condições de exito na lucta contra os mais formidaveis agentes exteriores, cresce, alarga-se, modifica-se e individualiza-se, tornando-se homem, não é admirar que esse homem vença os mais antagonicos elementos e, de selvagem que era ao apparecer, chegue aos esplendores da civilisação, conquistando os mares e dominando a terra.

2.º A sociedade, á medida que se desenvolve, se vae diferenciando, passando do semelhante para o dessemelhante e do simples para o composto, tal como os organismos cujo desenvolvimento physico determina modificações extensivas e intensivas das differentes partes de que é feito.

Quanto mais elle se aperfeioa, mais os seus elementos de acção se multiplicam, —na esphera da industria, na esphera do commercio, da arte, ou de outra qualquer modalidade da actividade humana.

A transformação do homogeneo em heterogeneo é o cunho caracteristico da lei evolutiva. Assim como nos invertebrados, por exemplo, não ha propriamente orgãos, assim tambem nas sociedades em começo tudo é embryonario, quer na ordem material, quer na ordem moral. A adaptação e a herança são os processos que determinam a expansão inconsciente dos orgãos na lucta pela vida.

Nas sociedades novas dá-se o mesmo phenomeno de recapitulação abreviada que Haeckel observou nos dominios da historia natural.

Diz Spencer: "assim como no embrião de um animal superior se veem partes importantes dos diversos órgãos apparecerem fóra da ordem primitiva, antecipadamente, por assim dizer, acontece tambem que, nos corpos em geral, órgãos inteiros que, na serie dos phenomenos da genesis primitiva do typo apparecem relativamente tarde, surgem relativamente cedo na evolução do individuo".

E' a mesma lei que o auctor da *Historia da Creação Natural* chamou heterochronia, em virtude da qual a ontogenese reproduz a phylogenese.

Na ordem social, esse phenomeno manifesta-se pela reproducção de factos anteriormente observados nós povos que deram origem ás colonias.

3.º As sociedades, além da estructura geral semelhante á dos typos animaes, teem órgãos de alimentação, de distribuição e de assimilação, representados nos diversos agentes que os compõem. Em estado primitivo, ellas soffrem certas mudanças sem que isso lhes cause abalo: assim, um grupo nomade, ainda sem chefe, se divide e continua a viver como anteriormente, á semelhança dos seres de ordem primaria que, segmentados, se reproduzem de novo constituindo cada metade um ser independente. Nos nucleos completos, não se poderiam cortar certos órgãos de relação, da mesma maneira que se não pode dividir um mamífero em dous.

Tal é, em imperfeitissimo resumo, a theoria spencereana relativamente á sociologia.

Como se viu, o philosopho inglez affirma que entre os dois organismos — animal e politico — existem fundas analogias decorrentes da semelhança que o corpo humano apresenta em relação ao funcionamento social e ensina que o laço commum existente entre os dous organismos está nos principios fundamentaes da estructura interna e externa de ambos.

Na essencia, porém, na vida espiritual por assim dizer, ha diferenças capitales entre um e outro, porquanto as unidades vivas que constituem o primeiro — o organismo animal — estão radicalmente ligadas, ao passo que as do outro são livres, embora regidas por uma dependencia relativa.

Parece que Spencer se serviu dessa comparação apenas como methodo para chegar ás luminosas conclusões do seu systema. E alguns dos innumerados adeptos do darwinismo applicado á historia, ao direito e á moral, fundam-se tambem na theoria organica, nem sempre com prudencia e proclamam o acerto de Spencer, applicando-o ao estudo em questão.

Entre nós, podem ser citados neste particular, Clovis Bevilacqua que combate os exaggeros da escola, ficando num meio termo equilibrado e sensato; Martins Junior; Arthur Orlando e muitos outros entre os quaes o mallogrado sergipano Fausto Cardoso que tentou applicar ao direito, em toda a linha, o monismo de Haeckel, sendo, a meu vêr victoriosamente combatido por Sylvio Romero.

Entre os que levaram a theoria organica ás ultimas consequencias, destacam-se dous escriptores verdadeiramente notaveis: J. Novicow e Paul Liliensfeld. O primeiro não admittê as conhecidas restricções de Spencer e chega a dar uma consciencia á sociedade, um *sensorium* com volições economicas, politicas e artisticas. O segundo funda as suas idéas justamente numa excepção de Spencer, pois que ensina cathegoricamente ser a sociedade um organismo concreto (1).

Este affirma que, assim como não ha corpo inorganico absolutamente inerte, privado de unidade e de forma; como não existe organismo sem acção physiologica, sem delimitação morphologica e sem unidade, assim tambem é impossivel que uma reunião de seres humanos exista sem que elles regulem suas necessidades, suas acções por leis e costumes e sem que haja communhão de interesses e sympathias entre os respectivos individuos.

Em outros termos: toda sociedade humana apresenta tres esferas: economica, juridica e politica, correspondentes ás esferas physiologica, morphologica e unitaria dos typos animaes, sendo que essa analogia deve ser constatada não num sentido figurado mas absolutamente real.

Ora, qual é a lei da evolução progressiva para cada uma dessas tres esferas?

Para a economica: augmento da propriedade caminhando de par com o exercicio de uma maior liberdade financeira.

(1) O eminente critico brasileiro, dr. Sylvio Romero, diz que Schöf-foe foi talvez quem primeiro applicou rigorosamente as doutrinas darwinianas á sociologia. Deço vem a illustre mestre para affirmar que essa gloria cabe a Liliensfeld, cuja primeira obra foi publicada antes da "La Structure et la Vie du Corps Social", de Schöffe, que, aliás, comfessa lealmente esse facto. Não se poderá negar, entretanto, que a theoria em questão foi divulgada por Spencer, devido não somente á autoridade intellectual do philosopho inglez, como ao facto de não haver sido logo traduzida para o francez a obra de Liliensfeld, escripta em allemão. Vem a péllto lembrar que antes do escripto russo ser conhecido na França onde, ainda hoje, é pouco citado, já Tobias Harreto o commentava largamente entre nós e, embora refutando as suas idéas, dizia ver nelle "o sociologo mais serio, mais convencido, e que dispõe de mais rica bagagem scientifica."

Admitta a obscuridade em que se manteve, durante tanto tempo, em plena civilização européa, o notavel pensador russo. E sobe de ponto esta admittição quando observamos a acção assombrosa que a litteratura slava exerce actualmente no mundo latino.

Para a juridica: delimitação mais especializada e mais clara dos direitos individuais e communs juntamente com a maior possibilidade de garantil-os.

Para a politica: unidade de acção mais intensa acompanhada de liberdades politicas mais amplas.

Para as tres espheras simultaneamente: concentração mais intensa com uma differenciação de força mais caracterisada.

O fundamento desses principios está na lei geral que preside á evolução das forças em toda a natureza, evolução que consiste numa integração progressiva paralela a uma differenciação cada vez mais caracterisada das energias organicas e inorganicas.

Expressando de outra maneira este pensamento, temos a seguinte formula:

1.º Augmento de propriedade e de liberdade economica: corresponde a uma maior quantidade de nutrição, acompanhada de uma acção physiologica mais intensa;

2.º — Delimitação mais especializada dos direitos paralela a uma maior liberdade juridica: corresponde a uma differenciação mais desenvolvida dos orgãos, acompanhada de uma acção mais variada entre as partes e o todo.

3.º — Unidade mais intensa acompanhada de liberdades politicas mais vastas: corresponde a uma concentração mais estreita de forças, a uma maior independencia das partes.

Propriedade, justiça e auctoridade correspondem á integração das forças sociaes tanto em relação ao systhema nervoso, como á substancia inter-cellular; liberdade economica, juridica e politica corresponde á manifestação das forças sociaes externas. (1)

Ahi estão alguns fundamentos da theoria organica das sociedades.

Certo, elles foram lucidamente expostos pelos sociologos em questão; mas não haverá exaggeros de escola, affirmações ousadamente dedusidas de principios que ainda não entraram para o dominio das coisas resolvidas e assentadas?

Haverá em sociologia leis immutaveis como na astronomia, na chimica, na physica?

Os positivistas respondem affirmativamente, baseados em factos historicos, na repetição periodica de phenomenos que se reproduzem em todos os povos, nas epochas de formação, de desenvolvimento ou de estacionamento.

(1) Vide "La pathologie sociale", de Paul Lillienfeld, pag. XXIX e seguintes.

Mas quem poderá prever o que será o mundo civilizado daqui a quatro seculos? Quem sabe o que o espirito humano creará, nesse espaço de tempo, nos diversos departamentos da sciencia e quem nos poderá dizer até que ponto essas creações modificarão a vida social de amanhã?

Os dados estatisticos, judiciarios e economicos, invocados pela orientação positivista, nada nos podem dizer de definitivo a respeito. Nos aureos tempos da grandeza romana, quando a cidade eterna dominava o mundo, quem poderia prever a invasão dos barbaros, quem poderia pensar na derrota de um povo senhor dos elementos de exito creados pela intelligencia e que, nem por isso, se livrou da ignominia de entregar os seus mais caros thesouros de arte e de conquista á massa brutal que lhe batia as portas?

Quem poderia adivinhar esse spectaculo da civilização recuando diante da força heterogenea de hordas que nenhuma noção tinham de arte e de sciencia?

Hoje, que nos sentimos numa epoca de transicção, n'um periodo em que o sentimento anda em procura de um ponto de apoio; em que a moral religiosa anda falseada por quasi todos no Occidente, o que tem uma alta significação para o sociologo, porque foi pela dissolução do polytheismo que começou a dissolução do mundo antigo, — quem nos poderá garantir, por exemplo, que se dê entre o catholicismo e o positivismo o mesmo que se deu entre o paganismo e o christianismo: quem poderá prever a substituição de uma religião metaphisica por outra que se apresenta firmada na negação de crenças espiritualistas e sobrenaturaes?

Isso no dominio do sentimento.

Si passarmos para outra esphera de actividade intellectual e emotiva, as mesmas interrogações nos acodem ao espirito, pois, mesmo chegado á phase de completa integração positiva, ninguem conseguirá prever como e quando se operará este ou aquelle phenomeno social. Os adeptos da theoria que faz objecto deste pequeno estudo taxam de empirica a intuição comteana. Como se viu, a delles, encarada de modos differentes pelos proprios sectarios, não obedece tambem a um plano definitivamente discutido e acceito. Entretanto, é fóra de duvida que ha muitos pontos de contacto entre o organismo humano e a sociedade.

Ha, por exemplo, verdadeiras doenças politicas, anomalias pathologicas, inherentes á collectividade, bastante semelhantes ás que accommettem o individuo.

A mania religiosa na Idade media, o sebastianismo em Portugal, o chauvinismo francez nas vesperas da guerra fran-

co-prussiana, são doenças caracterizadas, bem iguaes á do nosso systema nervoso. O anarchismo na ordem social, o fanatismo elegante do néo-catholicismo parisiense explodindo na mais absurda colera contra o judeu, symbolisada em Dreyfus, são manifestações morbidas indiscutíveis.

No Brazil bastaria lembrar o caso de Canudos, quando não fosse evidente o estado de depressão do qual só agora vamos sahindo.

O jogo, que entre nós tem tomado todas as formas nestes ultimos annos, desde o ensilhamento até á originalidade tristemente comica do bicho, attesta claramente esse estado de apathia, de desanimo, de falta de energia que caracterisou o brasileiro na phase que podemos considerar terminada e da qual ninguem, com justiça, poderá ser accusado, porque as doenças sociaes representam vicios antigos, radicalmente vinculados á estrutura organica de um povo.

Mas a verdade é que todos sentem a elaboração de uma vida nova de expansões economicas, de iniciativa, de remodelamento moral e intellectual.

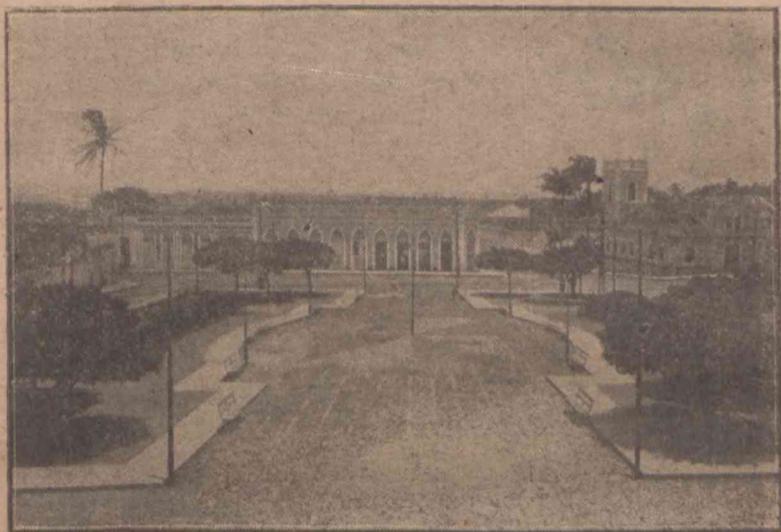
E' que, nas sociedades, como nos organismos, as epochas de crescimento são muitas vezes precedidas de grande excitação ou de grande modorra e não é impunemente que uma nacionalidade como a nossa, ainda, por assim dizer, na phase vegeto-sensitiva, realiza dous altos commettimentos como a abolição dos escravos e a da realza.

H. CASTRICIANO.



P. S. — Data este despretencioso estudo de 1902. Que diria Spenser da sangrenta loucura da Grande Guerra, aliás prevista no capitulo *Volta a barba* do seu ultimo livro *Factos e commentarios*, injustamente, como proveram os acontecimentos, criticados nesta parte por Euclides da Cunha?

H. C.



NATAL — Praça 7 de Setembro



O pessimismo encarado sob o conceito universal



(Conferencia litero-philosophica realizada
pelo dr. Floriano Cavalcanti a 26 de Outu-
bro de 1919, no Theatro Carlos Gomes)

Exmo. sr. Governador do Estado; Exmo. Revmo. Bispo
Diocesano; Exmo. sr. Ministro Dr. Oliveira Lima; Minhas Se-
nhoras; Cavallheiros :

Estamos em uma athmosphera de luz. No deslumbra-
mento desta sala, no encantador effludio que a embalsama, na
fúlgida alegria dos semblantes, no arfar agitado dos corações
iransluzem-se e se reflectem a grandiosidade de uma chrisma,
a magna conquista de um idéal, o inicio bemdicto de uma as-
piração.

Attingimos, de facto, um idéal!

Esta cerimonia tão solenne assume proporções de cul-
to: consagra a nobreza de um fim.

O Centro polymathico, hontem fundado, hoje recebe
sanção. Na sua genese, cada instante que passa é una integra-
ção que se opera; o congraçamento das classes intellectuaes
é facto que vem provar o dynamismo de sua robusta com-
pleição.

Para maior affirmativa de energias e irradiamento de
vida, o novel Centro organizou uma serie de conferencias.

Alguem seria o inaugurador. Por ironia do destino os
fados apontaram-me. Não podendo fugir ao determinismo, accei-
tei a tarefa.

O "Centro Polymathico", congraçando os intellectuaes do Rio G.
do Norte, deixa-os plenamente livres na expressao de suas idéas.
Dest'arte, publicam-se aqui as doutrinas philosophicas do dr. Floriano
em aberto antagonismo com as idéas christãs do director desta Revista,
o qual em sua conferencia — **Deus Revelado** — impugnou a doutrina
monista de que é adepto o erudito autor do **Pessimismo sob o conceito
universal**. (Nota da Redacção).

Mas, antes de começar, faz-se mistér uma explicação. Para corresponder á grandeza do convite faltavam-me forças e tempo. Sentí-me asphyxiar. O animal açovardou-se-me...

O "eu" porém, insurgiu-se contra essa passividade da vontade: do sentimento da insignificancia mesma, incutiu-me alento.

Emancipado, pude vêr quanto é pernicioso o acanhamento em presença das grandes emprezas.

A timidez, o medo, uma vaga consciencia de nossa incapacidade — eis o romance mais commum dos fracassos humanos.

Audacia, audacia e ainda audacia! — gritava um agitador!... e, essa, é que é a verdade! Demonstra-a a pratica. Comprehendendo afinal, apresento-me como exemplo.

Deslumbrado pela coragem, aventurei-me ao que ha de mais complexo. E' um sacrilegio — bem sei. Mas, o sacrilegio me não horroriza!

Attendei e perdoae-me: bem o mereço.

Se me deixasse guiar, no emtanto, por considerações que dentro em mim surgem, julgando-me de facto incompetente para a empreza, cruzaria os braços como em regra geral succede, compenetrado da apoucada cultura, estagnando-me desse modo, na estreita incúria de minha fraqueza.

Mas, ai! E' essa treda lei da incapacidade que mais das vezes tolhe a grande eclosão de muitos espiritos, amedrontando-os e tornando-os tímidos; é nessa treda lei da incapacidade propria, morbificadora das faculdades psychicas — que está a derrota da mentalidade actual!

O individuo que se deixa amollescer descrendo da effcacia de suas forças não poderá jamais ser vencedor. A sentença é um facto: para ser forte e vencer é necessario ter crença na victoria. Essa verdade eu vol-a recommendo; Seja o vosso postulado!

Isso leva-me a profanar um templo; a impulsão, porém, no âmago, é cheia de nobreza. Tem por fim desfazer um falso preconceito. Guia-me uma obsessão; orienta-me um principio. —E' a obsessão eterna da verdade; é o principio profundo de uma convicção!

Senhores, o que vou lêr é pequena parte de um largo ensaio sobre o pessimismo.

Dada a amplitude da materia, por conveniencia de tempo e condescendencia para comvosco, eu o dividi em tres fracções, as quaes constituirão conferencias distinctas.

Ides ouvir, na leitura de hoje, apenas parte desse trabalho que aliás, já está todo escripto.

Advirto, para vos não espantardes quando terminar as minhas palavras: não ha peroração; não ha fim: tudo indicará continuidade.

Esta palestra implicará outra, mais outra ainda, do auctor.

Não serão, todavia, seguidas na ordem do tempo. O Centro obriga aos socios pagar successivamente um tributo em cada serie de conferencias que organizar: Assim sendo, a mim succederá outro orador... até que seja chegada de novo a minha vez.

Razão do Thema

O pessimismo, encarado sob o ponto de vista do conceito universal, é o titulo do nosso ensaio.

A questão não é desprovida de interesse: como toda a moda que passa e repassa — é sempre assumpto de grande evidencia.

Demais, o tempo é de precisa oportunidade.

Multiplas causas o determinam.

Para a sua eclosão contribuem dois momentos: o passado e o presente — o lucto de hontem e as incertezas de hoje.

Sim, a sua trama plasmica foi a mais sanguinaria guerra que jámais enluctou a historia; e, a sua condição vital é a anarchia do presente.

Crise formidolosa e phantastica aquella, de anniquillamento e morte, mais parecendo pandemica epylepsia, fazia lembrada pelo facto de despertar um estado latente de superstição que existe em todo o homem, a arripiante tragédia do prenuncio do Apocalypse biblico!

Convulsão profunda e utopica esta, de metarmophose e innovações, mais semelhando monomania universal, lembra pelo radicalismo e intransigencia dos principios um estado mórbido, da natureza das allucinações de HARTMANN!

Nada disso entretanto; o temor é injustificado; a presumpção mais que falsa!

Estamos simplesmente, em meio de um prólogo gigantesco, nos bastidores de immensa encenação... porventura no vestibulo de um mundo radicalmente novo, em que Moral, Direito e Sociedade se revistam talvez de novas formas, incrustando sem duvida, por "*subtractum*" principios mais em harmonia com a presente natureza humana e em conformidade com as suas tendencias evolutivas!

Novo estado de coisas, por certo cheio de surpresas, aguarda-nos o amanhã...

Como prevel-o?...

Reivindicações sociaes, juridicas, ou politicas?!... Tudo isso, sem duvida!

Mas, não haverá acaso motivos para tremer?

Tristeza infinita tolda o firmamento universal; nuvens sombrias escurecem o mundo: não será talvez o preludio de um drama?...

O que a historia ensina

Após as grandes convulsões por que passam os povos succede uma phase de tristeza universal.

Gera-a o esgotamento produzido pelo excesso dos esforços.

Sua duração é proporcional ao desperdicio de energias.

Tal phase é, porém, meramente preparatoria: irrefragavel reacção in-continenti vent substituil-a e a impetuosidade será desmedida e colossal.

O effeito é mais intenso do que a causa. Essa lei tem caracter de universalidade.

Passada a tristeza que ha-de velar o mundo, avultará com maior esplendor e luz o sol da civilisação. O vigor irromperá multiplicado, a somma de energias redobrada e o progresso continuará immane e indefinito.

Em todos os tempos, o mundo tem passado por esse dynamismo que constitúe a condição mesma de sua existencia. A estatica, por si só, não basta para a vida: leva á immobilidade, que é estado apparente de morte.

Para marchar-se, ha necessidade de movimento: dinamica é synonymo de progresso. Tal movimento é salutar para a vida do Planeta — rejuvenesce-o.

Mas, que novo aspecto tomará o mundo e qual a frajectoria descripta pela civilisação sob o impulso dynamico de tão grandes abalos?

O nosso fim

Não é esse o nosso fim. Mais modesto, restringimos a presente analyse á méra apreciação do pessimismo, considerando-o, apenas, em seus limites intrinsecos, abstraindo cautelosamente, o assumpto, da complexidade das questões que elle arrasta, tarefa que será mésse de outro estudo.

Mas, não é sómente a imminencia do momento que nos suggere o thema deste trabalho; não é sómente a titulo de

curiosidade psychologica que o escolhemos; intentamos — e, é o nosso escopo — na brevidade de singéla analyse evidenciar um falso presupposto.

Aspecto de these

Estudando o pessimismo sob o criterio etio-genetico das civilisações, temos por objecto, reintegral-o em seu verdadeiro “*habitat*”; para isso, ser-nos-á bastante reduzil-o á endemia toda oriental.

Contrariamente ao que se pensa, demonstraremos que o pessimismo, no Occidente, nunca passa de simples modalidade do principio do mal, estado aliás, todo especial de idiosyncrasia, jámais, porém, attingindo proporções de um facto que se traduza em lei ou systema, como no Oriente, a não ser na extravagante e vária concepção de tres ou mais espiritos desequilibrados que insuladamente focalizavam o mundo pelo prisma de ambição caduca ou maniaca.

Desse modo, affirmamos que, sob o ponto de vista do conceito universal, isto é, como lei ou systema, o pessimismo nunca existiu no Occidente.

Conceito da Questão

Na origem, o pessimismo se restringe á rude e particula-
rissima concepção da vida — especie de exegese espontanea para os accidentes e contrariedades oppostas pelo meio á existencia. Evolvendo e attingindo complexidade differente, conserva todavia o character primitivo, dependendo o seu estado, natureza ou gráu de intensidade, das diversas modalidades de que se reveste a vida collectiva ou individual.

Assim comprehendido, o pessimismo revela um aspecto duplo: é systema quando traduz estado collectivo, isto é, expressa a vida em todas as suas manifestações, chegando mesmo a uma identidade pela amplitude do sentimento que encarna — é este o pessimismo propriamente dicto; e, é apenas caso particular de idiosyncrasia mórbida, quando simplesmente, “*exterioriza*” reflexos subjectivos da alma individual — sob esta fórma é excepção, anomalia, mas nunca systema.

De facto, classificar a vida ao sabôr das concupiscencias pessoaes ou, ao capricho das dyscrásias de cada um, como sóem fazer os falsos systematizadores do pessimismo, é collocar-se sob ponto de vista mesquinho, estreito e grosseiro, que, ao primeiro exame, indica insanidade da alma, morbidez intellectual.

Pessimista dessa ordem, é doente que precisa dos recursos da therapeutica. Obsedado, obnubiladas as faculdades psychicas, cheio de odio e despeito, o infeliz jorra em torno de si o cardume que lhe fermenta dentro.

Natureza da Questão

A questão que procuramos estudar é virtualmente metaphysica; prende-se por inherencia intima á vida; constitúe um de seus estados. Para analysal-a temos que decompôl-a nos seus aspectos mais communs. — A vida implica como continuidade a morte e, reciprocamente, a morte implica como continuidade a vida; eis em que consiste o transformismo universal, a condição existencial de tudo !

Qual a attitude da humanidade ao encarar o seu destino ?...

Surgimos num diluculo e desaparecemos num crepusculo: o primeiro vagido é vida, o ultimo soluço é morte.

Enigmas insoluveis, esses dois mysterios se erguem esphyngicos para toda a parte em que paire o pensamento.

Tanto para as naturezas simples e primitivas como para os privilegiados da intelligencia e do saber, a casualidade e finalidade universaes, constituem objecto permanente das mais especiosas idealizações e extravagancias.

Como se dá a vida?... e por que se perde ella?...

Não obstante, o progresso da sciencia humana, o enigma permanece o mesmo ha millenios. O noumeno, o "em si" da vida, jámais talvez chegaremos a apprehender, quando muito — e já é grande coisa — conheceremos o phenomeno...

Comtudo, eternamente, por instincto imprescriptivel, sábios ou rudimentares, scientistas ou especuladores, todos, buscarão a chave do enigma, o explicativo do mysterio...

Oh! via crucis! tortura eterna, curiosidade jámais satisfeita!... O mais prisco dos problemas, aquelle que é estudado ha dezenas de seculos, permanece ainda o mesmo!

Será o eterno "ignorabimus" de Du Bois Raymond?!...

Todo o nosso pensamento gira impotente em torno da velha esphynge. A sua face impassivel revela sempre escarneo... E nós, thebanos supplicados, reconhecemos, por fim, a nossa insignificancia, blasphemando entre dentes a nossa fraqueza.

Mas, se nada podemos explicar, resta-nos todavia, como consolo, uma multiplicidade de exclamações.

Isso traduz bem a nossa psychologia. O homem é um

instante épico no Cosmos, — refração da luz divina na esfera solar: dahi, por que a sua alma tem a complexidade dos contrastes.

De grandezas e baixeza participa o seu estofo. E' blasphemo e é glorificador; amaldiçoa e perdôa.

Acobardado ante o infinito da natureza, revolta-se; enturecido ante a pequenez da vida, suicida-se.

Não obstante, o infinito lhe causa mêdo e o suicidio lhe occasiona arripios...

Oh! para que viver se o destino é morrer?!...
 ...E o drama recomeça...
 Que é a vida? e por que a morte?
 Um silencio eterno abafa o echo...

Seus corollarios

A lucta é a condição material da vida.

Este theorema dá como resultado uma antithese; implica duas idéas inteiramente oppostas. A palavra "lucta" instintivamente traz aos nervos sensação de prazer ou de dôr. Disso, depende a felicidade ou desgraça.

Como vivemos perennemente empenhados em eternal peleja, a nossa existencia no Cosmos é um emmarranhado de sorrisos e lágrimas. Dahi, o dizer-se que o prazer e a dôr são grandes corollarios da existencia.

O prazer é consequencia da victoria; a dôr é resultante da derrota; a felicidade constitúe o equilibrio da lucta.

Nem a victoria absoluta nem a derrota completa: os extremos se tocam!

Guardar equal distancia dos limites — é o idéal.

...Nisso, consiste o problema.

A fórmula é simples: resolvel-a é o áporo!

De que forma encarou a humanidade essa equação curiosa?...

A solução permanece ainda sob a forma de interrogações...

A necessidade metaphysica sendo innata ao homem, emquanto análogas circumstancias de lucta existirem, buscará elle, no ámago de sua consciencia, a causalidade da vida.

Sim, por que vivemos e para que fim?... é sempre o mysterio impenetravel, o atormentador da razão... a cada passo que novo enigma obscurece a intelligencia...

Essa curiosidade instintiva do homem em face da natureza, torna-se mais ardente e penosa, nos momentos de angustia e desespero, quando a imaginativa sente sede de conhecimentos e o espirito accusa-se a necessidade de expansão.

...E, o acúleo do mal, produzindo soffrimento pela cruza sensitiva da dôr, leva ao desánimo da vida, absorvendo o infeliz em desoladora perspectiva.

Porque existem a dôr e o soffrimento ?

Eternidade da Questão

O mundo, desde os primordios, apresenta o contraste de pavorosa desigualdade.

O olhar, voltado para o passado, injecta-se no sangue das primévas luctas, quando, frágil e desarmado, o homem combatia com os selvagens gigantescos da epocha quaternaria, disputando mantimentos ao "*tigre primigenius*" ou ao "*rhinoceros*".

Batalha desigual, mortifera concorrência, na qual, o misero despedaçado, estertorava em dolorosa agonia.

Especies inteiras desapareceram em desapiedada lucta: lucta com os animaes selvagens, lucta com o homem mesmo, lucta com os elementos da natureza. (1)

Quem desconhecerá acaso a eternidade dessa lucta ? A reminiscencia é tão dolorosa que compunge o eyocal-a!

O rigôr dos climas, as tempestades súbitas, a mudança brusca das temperaturas, as convulsões subversivas do solo, o cataclysmo medonho que revolve as terras, as inundações que derrubam tudo, a epidemia que varre populações inteiras — reacções phisicas e collisões cosmicas de toda ordem — revelam ainda hoje a mais exterminadora guerra, guerra archi-secular, perenne, de excidio e morte, formidavel, sem treguas nem quartel, sustentada ha millenios por um ser franzino e delicado contra os almudes multifários de uma natureza immensa e inexoravel!

Esse aspecto, tem sido sempre o mesmo, em todos os tempos: a lucta vehemente e eternal, o contraste terrivel e assombroso !

Sua forma mais commum

Em remoinho continuo, os elementos se projectam numa derrocada de abatimento mútuo, num incessante rebulição de ruïnaria, num negativo afan de excicio.

(1) Cleziou, Jacollot, Huxley, Blechner, Darwin.

Tudo quanto dantes era sonho e enlevo, felicidade e encanto, prazer e alegria, se transmuda de repente e o chão fendido, qual disforme bocca de hiante orco, destróe e traga em rábida voragem, as ultimas doçuras de uma ultima illusão, amargurando os infelizes sob o peso de atra desventura.

Enganosa miragem, o que palpitava e sorria; o real é a dôr, o soffrimento !

O Bem e o Mal

Nessa alternativa brusca, ferido pela dôr ou transportado pelo prazer, dominado pelo spectaculo do mal-ou tocado pela grandeza do bem, o homem em sua ingenuidade metaphysica, concebeu eterno dualismo com o qual argamassou, para sempre, o principio eternal de sua natureza.

— E' que, para elle, existiam coisas causadoras de venturas... e coisas causadoras de oppressões...

O Bem, ou prodigalidade de potencia amiga — sol ou luz do alto, dia ou transparencia das alturas; o Mal ou colera de potencia inimiga — trevas ou escuridão de baixo, noite ou negrura dos elementos!

Essa crença dual formaria, porventura, uma das primeiras conquistas religiosas da humanidade (amphiteismo).(1)

Traços Anatomo-psychologicos

No estado primitivo, a intelligencia do homem deveria ser pouco menos rudimentar que a dos animaes que o cercavam. (2).

O cerebro inferior, longe estava de accusar o desenvolvimento que lhe crearia mais tarde a aureola de rei.

O frontal chato e comprimido, a depressão da testa, o alongamento posterior da cabeça, a saliencia das bossas frontaes, approximavam-no da irracionalidade, evidenciando, com segurança, a debil capacidade do cerebro. (3)

Pela propulsão continua do esforço e da lucta na disputa animal e adaptamento ao meio, tendo por guia as necessidades imperiosas da vida, muito tempo levou o homem primitivo no mais ronceiro e penoso evolver das faculdades de astúcia á principio, e de perceptibilidade após, para firmar de vez, a sua supremacia e dominio. (4)

(1) Hæckel, Letourneau.

(2) Figuler, Büchner, Hæckel.

(3) Huxley, Büchner, Schaaffhausen.

(4) Figuler, Olesion, etc.

Aurora intellectual

Integrada, porém, a natureza em sua perfectibilidade maxima pela amplificação de intelligencia, começou nova phase, cheia de grandezas, para o mundo.

A luta cruenta e desalmada contra os elementos inflexiveis e a animalidade feroz, encontrou em parte seu equivalente no raciocinio desabrochante; mas, quantos soffrimentos, dôres e privações não acabrunharam esse valente e destemeroso ancestral na remota aurora de nossa magnificencia ?

Mais tarde ainda...

Mais tarde ainda, o scenario mudou. Heroico vencedor na desesperada pugna da natureza, dominador dos animaes e subjugador da gléba — o homem—, gradualmente evolvia; heterogenizando os conhecimentos pela distensão da actividade e ascendencia da intelligencia, buscava em sua intuição especulativa, o "porque" das coisas, o segredo dos phenomenos, a causa da morte e das desgraças. Seus conhecimentos resultavam espontaneos do deslumbramento do Universo, cujas maravilhosas manifestações impressionavam a intelligencia nascente, mergulhando o espirito em mystica absorção.

Primeiro aspecto do Pessimismo

Dahi, a pueril simplicidade de suas crenças: exegese do mal e do bem pela cólera ou bondade de potestades, (amphitheismo, anthropismo, polytheismo).

Resignado e cheio de pavor aceitava o infortunio como circumstancia inevitavel e exorava á potestade boa a ventura de melhores destinos.

Foi talvez, o primeiro aspecto do pessimismo: rudimentar e espontaneo. (1)

Muitos seculos durou esse pensamento infantil, que, na essência, ainda hoje persiste como herança ancestral, sem que o homem procurasse entretanto, dar outra solução á conjectura.

Todavia, de tempos em tempos, surgiam desgraçados feridos pelo infortunio, doentes e cançados da vida, enchendo os espaços com a plange dilacerante dos seus soffrimentos, blasphemando a existencia, desejando a morte como termo de suas desventuras.

(1) "Na India antiga, Wischnu, o conservador, luta contra Schiwa, o destruidor. No antigo Egypto, ao bom Osiris oppõe-se o mau Typhon. Haekel, OS ENIGMAS DO UNIVERSO".

Mas, essa revolta do individuo para com a natureza, não particularizaria um estado mórbido do organismo? ou, não seria mesmo, causada por imprevisto accidente, que, despedaçando abruptamente as illusões, transformava a vida em infernal desespero?!...

De toda forma, era sempre a dôr pessoal do ferido e a cruel certeza de sua fragilidade que o impelliam á exaltação da morte.

A Biblia

Nenhum livro, mais que a "*Biblia*", está inçado de exemplos que caracterizam esse aspecto do desespero e ,porque nelle se reflectem todos os cambiantes subjectivos do mal individual — citamol-o de preferencia a qualquer outro.

E' o paciente "*Job*", chorando sua desventura; lazaro e desgraçado, blasphemando seu nascimento; ferido na alma, arrebatados os entes amados, sómente restava no horror de seu infortunio, implorar o anniquillamento. A morte seria anfielada redempção. (1)

O "*Levitico*" e o "*Deuteronomio*", estão repletos de pungentes carpidos: ahi, em pleno desespero e dôr se rasgam e dilaceram as carnes. (2)

No "*Ecclesiastes*", o lugubre estribilho é a radical miseria deste mundo, o "*vanitas vanitatum*" de tudo (3)

Em "*Jeremias*", os espinhos do captiveiro ferem dorindo a alma de quem o escuta, traspassando o coração com o gemido de suas queixas—é o choro do propheta sobre os muros de Jerusalém. (4).

Etio-Psychologia

São formas accidentaes do desespero: o infortunio tragico e infernal acabrunhando a alma em agonico soffrer; a dôr profunda experimentada pelo arrebatamento dos entes queridos; o captiveiro amargo e extravagante de tormentos; o sombrio desengano de tudo pela conclusiva desproporção do mundo.

Mas, semelhante quadro, por traduzir uma particularidade reflexa, subjectiva, pessoal da alma, recáe, em virtude de sua estreiteza, na categoria dos factos triviaes. Flagrante desaccôrdo do individuo, isto é, do meio interno com o externo que,

(1) Livro de Job, Cap. III, etc.

(2) Levitico, Cap. XVI; Deuteronomio, Cap. I, XXXIV.

(3) Ecclesiastes, Cap. I, II, e seguintes.

(4) Lamentações de Jeremias, Cap. I e seguintes.

o cerca, provoca incessantemente, essas "exteriorizações" íntimas que, não são mais do que o desafogo de intenso soffrer, desabafos de cruel desespero...

Tanto é verdade, que a nota apenas é modulada quando o peso da desgraça a disfere.

Assim, Job, enquanto na opulencia da fortuna e saúde, era o bom servo de Jeovah; quando, porém, por méro capricho de experiencia é chagado pelo dardo da miseria, transforma-se no revoltado que blasphema a hora em que nasceu e esquece os bons dias de prosperidade; do mesmo modo, o magestoso Schelomô, sómente quando esgottadas as alegrias terrenas é que, na febre de seu grande egoismo, proclama a mesquinhez do mundo!

Julgamento da philosophia

Da particularidade desses estados subjectivos ao pessimismo propriamente dicto, a distancia é profunda, immensuravel.

A dôr, o soffrimento e a miseria, especializados a esse ou áquelle individuo, sob o ponto de vista universal, não são mais do que excepções insignificantes, anomalias sem importancia, que, jámais, poderão attingir gráu de generalidade.

Como tal, não podem constituir systema, porque, sendo este a corporificação de principios logicamente coordenados, o conjuncto ou condensado harmonico de partes, deve ter por fundamento factos que induzam o imperio de uma lei.

Há mistér, pois, exista pluralidade do sentimento, isto é, super-abundancia de factos dominando tudo e se exercendo a todo instante, para que, desse modo, se determine a legitimi-dade da lei.

No caso contrario, não ha systema: ha principios falsos.

Muito judiciosamente pondera Caro "*pour que des pareil-les souffrances puissent se ramener á une théorie, ce n'est pas tan la sincérité ou la profondeur qui leur manquent que la généralité du sentiment ou elles s'inspirent. Le pessimisme au contraire ne fait pas de la douleur un privilège, mais une loi, C'est l'existence tout entière et en soi qu'il assimile au malheur, et cette loi de souffrir, il l'étend de l'homme á la nature, de la nature á son principe, s'il y en a un et si ce pricipie arrive á ce connaitre*". (1)

(1) Caro, Le Pessimisme au XIX siècle, pag. 56

Com effeito, o pessimismo reduzido a expressão unica de dôr e miseria pessoas constitue apenas simples particularidade individual, quando muito diáthese; por isso mesmo, sobre ser restricto, assenta em falsa inferencia.

Limitado e diathetico, revela estado intimo, proprio da alma, doentio, uma concepção acanhada do mundo e malsã da vida — áncia dolorosamente egocentrica e tragica!

Longe, pois, de constituir systema inspirado em facto universal — a agonia do soffrimento colectivo — é, ao contrario, como diz Caro, méro privilegio da dôr, por muito, philosophia de excepção!...

O essencial, entretanto, não é a subjectividade do sentimento, a existencia de uma aristocracia do mal "c'est le mal objectif qu'il faut voir, le mal impersonnel, absolu, qui régne á tous les degrés et dans toutes les régions de l'être. Cela seul est une philosophie: le reste est de la littérature, de la biographie ou du roman". (1)

A questão porém, attinge seu ponto culminante; por afoiteza que tambem é prudencia, procuremos ferir-a em cheio, examinando-a na sua genese mesma.

Que é o pessimismo ?

Lei da evolução

A historia comparada das civilizações fornece-nos porventura materia para uma hypothese racional e curiosa ao mesmo tempo.

Bseado na caracteristica evolutiva dos povos, experimentaremos dar explicação nossa sobre a verdadeira genese do pessimismo.

Rege o Universo a lei bio-cosmica da evolução. Dentro de seus principios, o progresso não é mais do que o resultado da heterogenidade, mudança ou differença de partes, phenomenos que se operam acompanhados ao mesmo tempo, de integração correspondente.

Nisso, consiste o engenhoso aparelho universal. Heterogenisar e integrar são as suas funções: função dynamica de eterna distincção; função estatica de eterna unificação.

Para que o estado especifico da evolução se verifique é necessaria a concorrencia de dois factores: o movimento e a estabilidade. O primeiro é o activador dynamico sob cujo influxo tudo se desenvolve e se modifica, dando lugar a formas novas; o segundo é o elemento estatico ou phase fixativa de integridade, mediante o qual, todo adquerido se firma ou grava.

(1) Caro, obr. cit. pag. 56 .

A evolução ou progresso, depende do concurso desses elementos.

Applicando-se esses principios á ethno-sociogenese, vemos que, a marcha dos povos depende do funcionamento e relações de intensidade de sua estrutura, isto é, considerada em seus estados dynamico e estatico.

Esses, coexistem e se verificam simultaneamente, independentes de equilibrio absoluto, succedendo muitas vezes, o trabalho de um interromper a acção do outro. Quando porém, isso se dá, opera-se na marcha evolutiva uma predominancia, caracterizada pela natureza do elemento sobrepujador.

Mechanica das civilizações

O factor é de capital importancia e, encarando-se o mundo sob o aspecto universalizado da evolução, logo se nos apresenta, nitida e definidamente, o espectáculo de duas correntes civilizadoras, diametralmente oppostas, exercendo-se ambas em sentido contrario. A corrente occidental e a corrente oriental. A primeira é caracterizada pelo movimento; na segunda, ao contrario, predomina a immobillidade.

Assim posto e considerado, distinguimos uma civilização activa, tendo como característica evolutiva o elemento dynamico; e, uma civilização passiva, tendo por predominancia o elemento estatico. (1).

Nisso se firma a nossa hypothese: no Occidente, negação do pessimismo pelo movimento; no Oriente, affirmação de seu "*habitat*" proprio pela immobillidade.

O asserto por ser claro não exclue redundancia. Por isso, repetimos: a civilização occidental é um producto dynamico, ao passo que, a do Oriente é uma particularidade estatica.

Assentam ahi, sem duvida, as grandes diversidades de costumes, idéas e religiões, nos dois hemispherios antipodas. O movimento — força creadora, desdobrando as energias, elevando o espirito, approxima o homem do idéal; a immobillidade, — estado conservador, restringindo as acções, dementando a intelligencia, distancia-o.

Como todo idéal consiste em transfundir-se na infinita grandeza de Deus, o Occidente estende os braços para o Céu, enquanto que o Oriente, sem esperanças, abysma-se no

(1) Nesse sentido e sómente para facilidade de exposição, classificaremos de immovel o Oriente e movel o Occidente. O vocabulo "immobillidade" não é empregado em seu significado restricto; caracteriza simplesmente estado tonico; quando chamamos de immovel ao Oriente, queremos expressar a sua passividade, a predominancia do elemento estatico sobre o dynamico.

“Nada”, numa quietitude de morte. Luz divina! guia o Occidente: é sol de redempções — o Christianismo. Irradiado no Oriente, lá desapareceu, deixando sombria escuridão: tredda noite de amarguras — o Pessimismo.

Num mundo escuro no qual a luz do alto não penetra, tudo é miseria, soffrimentos, — pessimismo radical ennegrece a intelligencia! Tal o Budhismo.

Nossa hypothese

E' tempo de generalizarmos. Considerada, por essa forma, a civilização sob o duplo aspecto de movimento e de repouso, espontaneamente se nos deparam os termos de nossa hypothese: — O PESSIMISMO NÃO SERA' O RESULTADO INEVITAVEL DA IMMOBILIDADE DOS POVOS?!...

A immobildade é symptomatica de morte, como o movimento é característico de vida. Sem movimento nenhuma evolução se effectua: a dinamica é a propria condição do progresso.

No evoluer das raças, o enfraquecimento do factor dinamico se manifesta pela depressão gradual da vontade até a abolia — tendencia absoluta para a inactividade, estado em summa de paralytia synergica, cujo termo ultimo é o desespero ou anniquillamento.

Um povo que se entrega á immobildade ou inercia contemplativas, vivendo do passado, retrograda enfermado em sua evolução.

Perturbadas as faculdades psychicas pelo exercicio anormal do funcionamento e anomalias decorrentes, opera-se no organismo individual uma diáthese a principio, transformada depois num morbus chronico, caracterizado por falta de ânimo ou coragem, restricções dos phenomenos de consciencia, irritabilidades, desgostos profundos, esgottamento de energia, sonhos extravagantes, mysticismos, em summa todos os estados de psycho-pathologia do Brahmanismo e a forma requintada do Nirvana budhico.

Unicamente isto constitue o pessimismo.

Houve ali uma evolução, o percorrer de um cyclo.

De uma particularidade individual, distendida em diáthese e passando por gráus diversos, sobreveio o estado chronico, normalisado pelo seu aspecto absoluto.

De facto, attingido esse gráu, verifica-se um phenomeno curioso de apparente eversão. Assim é que, ás perturbações physio-psychicas observadas no principio do mal, succede um regime constante de repouso.

A normalidade perdendo o caracter de excepção, transforma-se em estado geral, legitimado desse modo, pela sua pluralidade, senão totalidade.

Aliás, é a evolução mesma, de toda molestia: "une maladie chronique a l' aspect d'un régime constant, á peu près au même titre que l'état de santé." (1).

E' um quadro lamentavel... e o futuro se revela o mais tetrico e sombrio...

A senilidade é precoce: envelhece-se e degrada-se. Convalidado de demencia prematura, esgotadas as energias, vendo, dia á dia, multiplicarem-se ao infinito as miserias, tão infimo povo, num como estado de torva ataraxia, vive ajoujado ao peso de immensa dôr, sonhando com a negra ingratição de tenebroso destino, ou, pensando com resignada paciencia no meio sa grado de alcançar a liberdade.

Nas trevas desse aneio placido e impertubavel, sómente perpassa o phantasma do suicidio, a morte moral durante a vida para a conquista do repouso durante a morte, isto é, o fim da transmigração pelo nirvana, que é, por ultimo, desoladora renuncia de si mesmo... visão tragica e negra, em que, radical pessimismo impelle a amaldiçoar a vida...

Foi o que succedeu no Oriente, especialmente á India e á China.

A primeira, firmou o principio da evolução nos Vedas e ahi o finalizou: Brahma é causa e fim, o principio e o termo de todo o Universo, é a propria India.

A segunda, envolvida em muralhas, sedentaria, trancada ha millenios, medita ainda, nas palavras de Sakia-Mouni: a China é Budha sómente!

A India — O Rig-Veda

Os cantos primitivos dos Aryas formam a Biblia sagrada da India. E' o Rig-Veda. Consubstanciam-se ahi, estrophes forasteiras de uma raça em busca da terra promettida. Rama ou Ram era o guia. Dêva Nahousha, o grande genio, a providencia divina, confiára-lhe a missão.

Autochtones das florestas nevosas da Europa, "elles correm para o sol, fonte da vida terrestre".

A alma feita de poesia e contemplações leva-os á mystica anagogia do "Agni".

(1) Felix Le Dantec, Introduction a la Pathologie Générale.

Fascina-os o Oriente—a India, o paiz do “*Himavat*”, dos elephantes brancos e das mattas encantadas, seria a “*Canaan*” bemdicta.

...E, após ingentes luctas com os negros povoadores da India os aryas eleitos de Nahousha estabeleceram-se.

Filhos do Inverno, existe nelles tendencia para a vida meditativa; por isso, os cantos e epopeias inspiradas na marcha errante do Occidente para o Oriente, em honra do grande antepassado, formariam a Biblia sagrada. (1).

Conquistadores da India, — o paraíso das vegetações luxuriosas e das resplandecencias astraes—, os aryas ankylosando as energias, imersos no somnambulismo das estrophes possuidas, deixaram-se dormecer, sonhando com o grande genio, a alma divinal de seus cantos.

A natureza quente com o seu cortejo de enervações, o solo prodigioso com os inconvenientes da facilidade, em summa, phenomenos cosmo-telluricos de toda ordem em contacto com as tendencias mysticas do arya, dentro em breve, determinaram accentuado estado de immobilidade.

A inercia contemplativa a que se entregaram, trouxe como resultado a decrepitude prematura e a degradação da raça pela mistura semitica.

E, o assimilamento physiologico de par com as influencias mesologicas e o grau de receptividade psychologica do arya, acabaram por definir a característica que devia dirigir a sua civilização.

O arya indú, cõdo perdeu o typo puro para tomar a cõr caracteristica de hoje.

Todavia, como sõe acontecer nos momentos extremos, operou-se um phenomeno de reflexão psychologica.

Produziram-no, a confusão religiosa pelo hybridismo dos cultos semiticos e o defurpamento da raça pelo caldeamento degenerativo.

Em despertar guerreiro, galvanisaram-se as energias entorpecidas dos aryas (indú), num ultimo arranco instinctivo de conservação ethnica e religiosa.

...E a reacção surgiu: “de um lado, o genio da raça branca com o seu senso moral e as suas aspirações metaphisicas; do outro, o genio da raça negra com as suas energias passionaes e a sua força dissolvente”. (16).

(1) Fabre d'Olivet, Shmó, Michelet, etc.

(2) Schuré' Os Grandes Indolados.

Foi a lucta das divindades solares com as lunares, dos indios com os semitas, terminada pela victoria de Krisna — a encarnação do grande genio, do divino Nahousha, isto é, a integridade vedica.

Agora, restava dentro dos Vedas, nas raias delimitadas de seus principios, encontrar o meio de salvar a raça: e, os anachoretas indús, aquelles que tinham o dom e o poder da exegese, entregaram-se á profunda meditação de suas estrophes sobrehumanas, — trabalho secular, de cujo fim, resultou a grande e intransponivel barreira que impediria para sempre o anniquillamento da raça: a formidavel theocracia dos brahmanes.

O Brahmanismo

O fim foi estabelecer para os indús as bases sólidas da religião e da sociedade. O brahmanismo, desse modo, surgiu dos Vedas com o character duplo de instituição politica e sacerdotal, dividindo o povo em castas, nas quaes, ao lado dos brahmanes (sacerdotes) orgulhosos e cheios de poder, arrastavam-se no pó do chão os soudras “cujo unico fim, no ponto de vista da lei, era de servir as outras castas”.

Premente desigualdade que além de tornar a vida mais miseravel do que já era, escravizava população immensa de desgraçados, condemnando-a irremissivelmente ao sombrio infortunio do destino numa transmigração penosa e eterna! (1).

... Por cima ainda, o ácano execrando da intolerancia que é como que a alma das theocracias!

Nessa calamitosa convulsão de miseria e dôr, reforma alguma surgia ou sobrevinha a esperança de um principio novo que prenunciasse sequer alvorada de redempção.

Sómente isso, por sua generalidade, constitúe em essencia o pessimismo. E' a mais evidente e graduada forma do desespero: circulo angustioso de dôres e gemidos sem a valvula da liberdade!

Synthese de miserias, o pessimismo se firma ahi, em seu verdadeiro principio; deixa de ser a expressão impropria do mal subjectivo para se systematisar na lei do soffrimento objectivo.

(1) Fundo sobre que assenta o Brahmanismo — principio da transmigração ou metempsychose.

Esse estado é marasmo profundo. Houve por certo grande modificação na estrutura physio-psychologica da raça. O cerebro flexionou-se á adaptação e o individuo predisposto indentificou-se no meio. O mal deixou de ser mal e o anormal formou o normal.

Lamentavel abysmo a que se precipitaram os aryas indús... E por sobre tudo, serena e absoluta tranquillidade: um estado de repouso e resignação!

Nada mais sombrio e miseravel!

Pesada immobilidade entorpecia as faculdades de acção, o elemento dynamico como que desaparecera e tudo se effectuava nos moldes estaticos do que já existia.

Nenhum acontecimento novo; e o Mimansa de Djaimini e o de Vyasa constituíam escolas, cujo fim era solidificar mais, nas interpretações theologicas dos Vedas, a theocracia socio-sacerdotal dos brahmanes.

Natureza polymorphica dos Vedas

A India são os Vedas: moral, código, sciencia, tudo se mistura indistinctamente.

E essa immensa nebulosa — condensação espontanea da intelligencia—, tendo todas as materias em estado de indistincção, quanto não seria facunda, si, em lugar da paralyasia do movimento que a engendrou, tivesse continuado a evolução de seus mananciaes?!...

Divisa-se ahi, bem que confusamente, a philosophia em seu aspecto dialectico e physico; reconhece-se Gotoma, Kanada e Kapila; mas, tudo, em ultima analyse, reduz-se a interpretações idiosyncrasicas dos Vedas.

Mais tarde, entretanto, da lenta ruminação das idéas sensualistas e indifferentismo psychico de Kapila, surgiria o destruidor das castas, o renegado reformador do Brahmanismo.

Sakia-Mouni, o primeiro Budha, movido por immensa piedade e penetrado de grande pena pelos soffrimentos humanos, entregou-se a profundos e meditativos estudos na fluvia ermida do Ganges, ou, sob a pallida esmeralda da figueira do Gajá. (1).

Em ascetico insulamento, buscava a maga inspiração. com a qual libertaria um dia, a humanidade soffredora e miseravel.

Excogitando, confrontava a omnipotencia de Brahma— ser infinito—, com a miseria do homem — ser contingente.

(1) Segundo reza a lenda.

Revoltava-o a ingratidão do Deus. Por que não attingia o homem o vacuo supremo, a felicidade beatica ?

E, Sakia, sem cessar, aprofundando-se mais na sabedoria das coisas, elevou-se acima dos horisontes terrenos, á esphera immutavel do que não oscilla e, de lá, viu que a essencia de todo soffrimento está na impermanencia e instabilidade do mundo physico.

Desde esse instante, acreditou-se illuminado: as portas dos mysterios supra-terrenos abriram-se e a verdade lhe foi revelada... possuia o segredo infinito, a redempção de um povo.

De facto, Brahma, o proprio Brahma, não podia operar esse milagre. Os seus ascetas, os sabios interpretadores dos segredos vedicos, recaem em desoladora impotencia.

O racionalismo de Kapila vê a salvação na sciencia ; mas, nem os vinte e cinco principios que formúla e os tres criterios da realidade que induz quebram o cyclo das transmigrações.

A salvação não consistirá acaso no Yôga, na fusão em Brahma alcançada pelo mysticismo de Patandjali ?...

Não estará porventura no atomismo de Kanada ou na beatitude eterna ensinada por Gotama ?...

Não. A razão é simples.

Brahma encerrado na estreitesa theologica dos Vedas, soffria tambem as perpetuas mudanças a que está submettido o mundo; "o que é impermanente é dôr, o que é dôr não sei eu, o que eu não sei não sou eu. Tudo é pois, dôr e soffrimento neste mundo".

Desse modo, fazia-se necessario, sacudir o jugo auctoritario dos Vedas. Foi o que Sakia viu. Para quebrar o eterno cyclo das transmigrações continuas, sómente encontrou um meio: o conhecimento e a pratica das virtudes transcendentaes, isto é, os homens deviam procurar na verdade, na sciencia perfeita das cousas, o anniquillamento, Nirvana ou repouso santo do que foi e não será mais !

Natureza do Budhismo

Assim se determinou a religião e philosophia de Budha. O acontecimento, porém, não constituiu vibração dynamyca; ao contrario, foi resultante estatica — o producto de muita longa e espontanea gestação dos principios vedicos.

Não seria paradoxal affirmar que o lobrigamos em estado potencial na philosophia de Kapila, que é a face sensualista dos Vedas. Sakia deu-lhe apenas organização menos theocratica, estrutura mais humana, encontrando por fim, e, é a característica do systema, o meio de escapar á pena do soffrimento eterno. (1).

O Budhismo é consequencia natural do Brahmanismo. Budha não é mais do que a perfeição de Brahma. O estado impermanente de Brahma, o seu oscillar angustioso pelas successivas mudanças do mundo, representando sempre as mesmas miserias e soffrimentos, tiveram termo, alcançando em Budha a immobilidade absoluta, o Nirvana eterno.

A miseria e o soffrimento, a piedade e a commiseração, encontraram na paciencia meditativa de Sakia a equação redemptora: o nada é igual á felicidade — o igual a o.

O Budhismo, entretanto, pregando a igualdade dos homens e destruindo por conseguinte as castas, entrava em litigio com a religião de Brahma. A deshierarchia social apeava os brahmanes do poderio immenso, abalando no âmago, toda a theologia sacerdotal.

O conflicto não poderia deixar de surgir. Em povos estacionarios, contemplativos, ruminando tradições e feitos do passado, toda manifestação de vida se concentra sob a forma de fanatismo, no sentimento religioso ou hypertrophia das faculdades mysticas.

Da lucta entre os dois systemas, resultou na India a expulsão violenta do Budhismo.

Natureza da India — O Brahmanismo

O Budhismo, embora não caracterizasse um movimento era contudo effectuador de mudanças que não estavam em harmonia com o espirito conservador e immoto da India.

Esta, desejava continuar durante as eternidades infinitas a Calma soffredora de Brahma, sonhando no esplendor divino de Krisna ou na grandeza sagrada de Viehnu.

Por isso, a India foi e será sempre Brahma. O Brahmanismo é o seu systema moral, politico e religioso. Na essencia

(1) Fim altruistico do Budhiáno.

é profundamente pessimista. Considera a vida soffrimento eterno. O mundo não é mais, do que successivo encadeiado de mudanças, offerecendo por condemnação absoluta e irrevogavel miseria e dôr. O soffrimento é a lei. O consolo consiste em absorver-se no seio de Brahma. Mas, nem mesmo assim, o asceta consegue a felicidade. Brahma soffre e com elle a alma humana. O Brahmanismo é todo dôr. A moral, philosophia e religião da India formam pessimismo radical: nelle, se reflecte a alma soffredora e contemplativa de um povo.

E' um estado geral, produzido pela depressão do elemento dynamico. Ahi, está em harmonia com a natureza evolutiva. Evidenciam-se desta forma, os termos de nossa hypothese. O estabelecimento estatico em prolongado detrimento do factor dynamico, creou a asphyxiante situação da India. Brahmanismo ou systematisação do pessimismo indú é o resultado da immobilidade ou estado de contemplação vedica. Na China succedeu o mesmo.

A China — Confucius

A China, mergulhada em indolencia eterna, immovel, passiva, meditava no meio de harmonisar a natureza racional ou o principio luminoso da razão emanado do céu com a regra de procedimento moral que o homem deve seguir na terra. Em procura dessa formula celeste, adormeceu em profunda melancholia, sonhando cyclos inteiros no passado longinquo, cheio de santidade e virtude no qual á humanidade a piedosa e immensa ternura de Fou-Hi, Chinoüng, Hoang-ti, Jáo e Chun, encheram-n'a de grandeza, tranquillidade e ventura (1).

Mergulhada na delicia do sonho, enlevada na contemplação dos seculos, a Ghina, immovel, envelhecia e se depravava, precipitando-se por fim, no abysmo immenso de misérias que deveria martyrisal-a a eternidade inteira.¹

Embalde, a profunda sabedoria de Kong-Fou-Tseu tentou despertal-a do somno innocente; embalde, o "Eureka" de Confucius echoou aos ouvidos surdos; em balde, Meng-Tseu procurou fazer triumphar as doutrinas do mestre, o santo homem Confucius... Cousa alguma fazia movel-a: permanecia eternamente a mesma.

(1) Paullier, Confucius (Doutrina, introdução).

Embragada no opio da indolencia, immersa em profundo somnambulismo, gestava eterno sonho, no mystico anhello de encontrar um dia, outro idéal mais venturoso que as extranhas formas da doutrina confuciana.

A virtude da humanidade pelo aperfeiçoamento constante de si mesmo, exigia grande somma de trabalho e energia. (1).

Tal esforço seria cançativo e superior ás forças de uma raça ociosa e enfermiça que não via, em summa na moral practica de Kong-Fou-Tseu o attractivo de um fim correspondendo ao seu idéal mórbido|

Miseria da China — Láo-Tseu

A sombria contemplação e turva immobilidade a que se entregára trouxeram-lhe como resultado, cortejo funebre de miserias.

Esse estado, sendo unicamente proprio ao desenvolvimento da população, esta não tardou a ficar assombrosa. E, como todo desequilibrio entre o augmento da população e os meios de subsistencia, importa em miseria, conclue-se que, a vida tornou-se a mais miseravel possível, restringindo-se a alimentação ao minimo.

Vê-se como uma consequencia natural da immobilidade e inercia a multiplicidade dos males e privações da vida, a servidão e humildade, engendrando as doutrinas do "Vasio" e as da "Não-Entidade", de Láo-Tseu...

Na India, analogicamente, a immobilidade trouxe como consequencia a miseria profunda que formou o pessimismo de Budha. O Nirvana, foi o meio seductor encontrado para os sofrimentos da India.

A China, na sombria placidez do repouso, levada por causas identicas chegou aos mesmos resultados. Aspirava a China, ao nada, ao repouso absoluto, á extincção final.

A China e Budha

Esse idéal psychopathico correspondia á philosophia de Budha. A China seria, pois, o "habitat" proprio onde a doutrina de Sakia attingiria o desenvolvimento total. Ella não tar-

(1) Fim normal da philosophia de Confucius.

dou em transportar-se para lá, satisfazendo té ás ultimas consequencias o idéal indeciso que o mysticismo pantheistico de Láo-Tseu deixára entrevêr... Por isso, Budha quando expulso da India pela incompatibilidade socio-conservadora procurou refugio na China encontrou meio propicio, constituindo-se desde logo a religião desse povo tão desprovido de idéal... nobre.

...E a China tornou-se Budha... nada mais... passam os seculos, desaparecem as idades e a China é sempre a mesma. Quer a China monarchica, quer a China republicana, é sempre a philosophia de Budha.

O Nirvana é o idéal; a immobildade é a caracteristica; a paciencia é a virtude. Indolente, sonhadora do nada, passiva e agonisante de dôres, é a alma da China immovel Budha condemnado ao supplicio de vêr as chagas do proprio corpo.

Natureza do Budhismo-Pessimismo

Na angustiosa convulsão da infinita dôr, o Nirvana foi o eden celestial de redempção. Para quebrar o cyclo eterno das existencias "no qual o Brahmanismo enfechava a alma miseravel, obrigada durante a eternidade aos trabalhos forçados da vida", (1), seria necessario que o asceta se absorvesse em Budha, isto é, mergulhasse na sabedoria infinita, no conhecimento absoluto das cousas que leval-o-iam ao Nirvana ou repouso eterno.

O Budhismo, profunda meditação da India para por termo aos soffrimentos da alma, condemnada a transmigrar, nascendo para morrer, morrendo para renascer (2), é o resultado natural da immobildade e inercia de uma raça que somente viu reacção buscando em tranquilla indolencia a silenciosa paz do "Nada".

Eis ahi, o pessimismo na sua forma integral e verdadeira: moral pela degradação das faculdades psychicas; religiosa pelo culto do Nirvana; e, physiologica pelo annihiamento da personalidade e generalidade dos principios.

Moral, religião e philosophia, sommam, ahi, composto sórdido de extravagancias, degradações innominaveis e praticas estupidificantes — um amálgama em summa de ingre-

(1) Caro, Le Pessimisme au XIX siècle.

(2) Fundamentos do systema.

dientes no qual, se dissipam, se destróem e se extinguem as faculdades psychicas: os esplendores da consciencia, as magnificencias e sumptuosidades do espirito, todas as idealidades e aspirações que constituem enfim, a alegria do viver.

O Occidente

No Occidente a questão muda de aspecto. A característica da civilisação é inteiramente outra. A estática cede logar á dynamica. Impera o movimento.

Tudo quanto no Oriente se confundia sob a forma de nebuloso envolvimento, ao passar para o Occidente, isto é, para a Grecia, desenvolve-se, diversifica-se, evolve.

A industria, o Estado, a arte, a religião e a philosophia como se locados por mágico condão, abandonam a fórma primitiva, destacam-se do "Todo", genetisando partes distinctas, nitidamente definidas. Enquanto pois no velho e somnolento Oriente, esses estados em fusão cósmica conglobam-se nos Vedas, desde remotos séculos do Occidente, graças ao espirito moyimentado que o anima, as partes se desembaraçando do "Todo", centralisam separadamente, esferas fecundas que irradiariam mais tarde o mundo moderno.

Perdeu-se o Oriente, tenebroso como uma noite; mergulhado em infinita incúria ainda hoje sonha na immobilidade contemplativa de Krisna ou aspira ao "Nada" absoluto no quietismo do "Nirvana".

A Grecia

E o mundo, como que, era somente o Occidente, tendo por alma a Grecia.

Alma tranquilla e poética, extravasante de melodias e accordes na sua phase sacerdotal e agricola — era a Grecia symbolica dos Mysterios, divinisaça pelo mago Orpheu.

Alma tumultuosa e agitada, cheia de ideias e sensualismo. na sua phase anarchica — era a Grecia fecunda dos preludios, materialisada pelos physicos e idealisada pelos geometras: a Grecia ionia e pythagorica.

Alma pagã e agitada, dentro em pouco moral, social, humana — era a Grecia da verdadeira philosophia, a Grecia de Socrates immortal, que devia inspirar o divino Platão e produzir o genio de Aristoteles.

Caracteristica da Grecia — O movimento

Evidencia-se a deslumbrante caracteristica do Occidente — movimento creador de vida, electrisador de energia, activador de intelligencia.

Constante dynamismo que engendrando movimento estabelece ao mesmo tempo exacto equilibrio do individuo para com a natureza.

Essa proporcionalidade da parte para o "Todo", desenvolve sadia atmospheria de felicidade, prenhe de vida, que a todo instante impulsiona o homem para a perfectibilidade physico-moral.

Dessa actividade sã e consciente emerge a nobreza de sentimentos que tanto faz admirar a alma hellena.

Toda a generosidade e magnificencia, amplitude e des-cortino de acção decorrem unicamente do optimo funcionamento do ser, estado, aliás, gerado pelo movimento que tem o miraculoso dom de conservar o espirito moço e exuberante de vigor, de fazer circular no cérebro eterna primavera de seiva e vibrar nos musculos viril affirmacão de força.

Por isso, a jovialidade grega, máscula e sadia, a mocidade ruidosa e creadora, a suprema belleza e plastica harmonia de sua arte, são consequencias da actividade movel e transformadora que lhe caracteriza o genio.

Tudo isso predispõe o homem para a vida e para o trabalho.

Anthropomorphismo — Sumptuosidade grega

Na Grecia ha juventude eterna — tudo é mocidade, poesia, arte e belleza.

Ethereo resplendor pairando no infinito azul, divinal effluvio effundindo-se por sobre tudo, imponderavel essencia, fluido sagrado, sopro divino, distillando-se na alma, nas camadas subtis do "Eu", na estructura do ser, determinavam no grego a hypertrophica creadora e phantasmatica imaginativa de olympica mythologia.

Umbratica e delicada idealidade, elevado e sublime senso artistico, symbolismo esthetico e inventivo, personificavam em imagens anthropomorphicas os elementos fluidos da natureza.

Os deuses talhados á propria imagem tinham nos olhos a vibração do que quer que seja imponderavel, a luz hyperbo-rea que existe para lá dos mundos, nas regiões célicas “em que as auroras astraes alumiam as zonas multicores”. (1).

A luz da Grecia — Apollo

E Apollo, o esplendor verdadeiro, é a luz da Grecia, a epiphania da luz divina, a luz astral, immaterial e imperceptivel, o fogo pantomorpho de que o sol é apenas a imagem physica.

Juvenil sorriso em tudo, bondade generosa e protectora —sobretudo sentimento de grandeza a heroismo : eis a alma magestosa da Grecia.

Contraste que se evidencia...

O contraste flagrante, absoluto, immenso, desse quadro vivo, desse ambiente fulgurôso, dessa efflorescencia exuberante com a perspectiva negra, sombria, exicial que o Oriente apresenta ao espirito é estupendo, chocante e assombroso.

De um lado, o movimento são e fecundo; do outro, a immobilidade enervante e paralyzadora; o trabalho factor de toda a felicidade; o torpor causa de todas as miserias; um fundo optimista em todo o Occidente; um desengano pessimista em todo o Oriente; a seiva virgem e effluente de eternal primavera na Grecia; o hemo senil vehiculador de dementosa prostação na China.

Consequencias da immobilidade

Do exposto, resalta a exactidão da nossa hypothese; não será preciso adduzir mais exemplo. A Grecia satisfaz: representa o Occidente.

Como acabamos de vêr, a immobilidade precipita os povos a um estado de lamentavel pathogenese do qual resulta toda a sorte de males e miserias que constituem a essencia do pessimsimo — desse systema que tem por idéal concreto o “Nirvana” ou beatitude eterna.

(1) Schuré, Os grandes iniciados.

Dahi porque o aniquilamento, sagrado objecto a que aspira todo o budhista determina-se não como aberração, mas, como consequencia inevitavel da própria natureza evolutiva.

Gera-o a immobilidade: filho da inercia e do desespero, é o idéal mais negativo que existe.

Nisso, consiste a causa da infinita miseria do Oriente, o explicativo tragico do chim, a solução redemptiva de Sakia-Muni.

E' natural que, da morbidez resultante da immobilidade o espirito gemeo da India e da China—velho, doente, soffredor — procurasse no aniquillamento o termo de suas misérias e angustias.

Comprehende-se dessa maneira, a extranha forma do Budhismo, o absoluto despêgo e ausencia total de affeição por tudo quanto nos é caro.

O Budhismo é realmente a philosophia da dôr

Em virtude de sua esesncia o Budhismo é systema pessimista como o Brahmanismo, cuja religião e philosophia se resumem nas quatro verdades sagradas de Sakia-Mouni: primeira, a existencia da dôr—nascimento; segunda, a causa da dôr — a ignorancia; terceira, a suppressão — perfeição ou sciencia por intermedio da vista, do julgamento, da palavra, da acção, da vida, da perfeição, da memoria e do extase (1).

E' realmente, a religião e a philosophia da dôr. Ahi, a existencia é apenas soffrimento e o homem — pobre ser desventurado — está condemnado a soffrer em continuas transmigrações. Morre para renascer e continuar a sua agonia que é eterna.

Mas, oh! infinita ventura!... por meio das virtudes transcendentaes ou sabedoria infinita, o infeliz poderá subjugar o sobrenatural e contrariar o seu destino...

Existe uma liberdade... elle deve procural-a: attingir o "Nirvana", isto é, o absoluto repouso.

Nessa quietude sagrada elle não voltará mais ao mundo: libertou-se!

"Ô aniquillamento, a fusão da alma no Brahma pelo "Nirvana", eis o fim, o idéal"!

(1) Oldenberg, *Le Boudha*.

"Existir é um mal; não existir será a libertação e a salvação"! (1).

Mas, quão amarga é a desillusão para a qual não ha consolo!...

A moral budhista é *desotadora*. Retrata, como Brahma na India, o soffrimento eterno da China. E' a dôr de uma raça acabrunhada pelo infortunio, esmagada pela miseria, aviltada pela servidão, procurando no "nada" liberdade para o seu immenso estertor.

Oh! miseria humana, lancinante gemido, mixto de desespero e agonia!... O "Nada" é o expoente máximo da liberdade, a unica e ultima e mais querida esperança!

E' o verdadeiro pessimismo: a immobilidade gerou-o.

Ingenuidade Persa e Judaica

A concepção primitiva do mal restringia-se a um equilibrio de forças, em que a balança porventura propendesse para o bem: devia ser a victoria de Ormuzd sobre Arihmane, do agricultor sobre o pastor—o Zend-Avesta; a omnipotencia de Jehovah: — triumpho dos fieis sobre os rebeldes, dos anjos bons sobre Lucifer.

A immobilidade contemplativa da India e da China deturpou a ingenuidade perso-judaica morbificando a visão até as allucinações budhicas: do sensualismo de Kapila porejou o "Nirvana", isto é, o pessimismo elevado ao grão de systema religioso-philosophico.

Questões que restam harmonisar..

Mas, será este o mechanismo do pessimismo?

Se é o resultado inevitavel da immobilidade, sendo justamente o contrario — o movimento e a actividade que caracterisam o mundo Occidental, como se concilia com a hypotese, a denominação de pessimista dada ao século XIX?

Que explicações poderão ter a theoria do "Infelicitá" de Leopardi e o systema de Shopenhauer e Hartmann?

Antes de tudo o que é preciso considerar...

O argumento, "a priori", parecerá verdadeiro, mas resulta de má interpretação que se tem dado aos factos.

Na India e na China, o pessimismo correspondia a um determinismo: a paralytia do elemento dynamico.

E foi por isso, mercê de circumstancias meso-physiologicas e ethno-psychicas que se tornou dentro em pouco assombroso systema religioso-philosophico.

Filho da immobildade, está em harmonia immanente com a passividade moral e intellectual de milhões e milhões de individuos. E' realmente um estado geral caracterizado por immensa e assombrosa população.

Entre nós, porém, civilização activa tendo por característica o factor dynamico, a dôr não affecta jámais os moldes tragicos do Budhismo e o pessimismo, sem razão de ser, espurio e selvagem, não apparece senão como um caso esporádico, totalmente individual e insulado, mais caprichoso do que real, motivado por predisposições neuro-psychopaticas do organismo ou pela archi-obcessão da vontade na mania aguda de celebrisação.

E tão deslocado é para o nosso meio que, por mais intelligente systematisação que lhe tentasse dar o genio de Leopardi e a profunda intuição de Shopenhauer, o pessimismo não logrou escola.

A tentativa de Hartmann foi mais negativa ainda.

- Seria levantar em pleno vigor de nossa civilização a muralha decrepita do Oriente.

Vista de conjuncto

O pessimismo é incompativel com a nossa dynamica physica e intellectual, é aberração na esphera indefinidamente progressiva de nossa evolução.

O século XIX não foi absolutamente pessimista. Leopardi inspirado no seu infortunio foi apenas pálido reflexo; Shopenhauer, impregnado das theorias orientaes que começavam a ser divulgadas, não foi mais que um aventureiro illaqueado; Hartmann um apaixonado que seguindo as pégadas do mestre muito cedo agonizou.

Nem um nem outro, representa a humanidade ou regista um sentimento de dôr concretamente universalizado.

Egoistas geniaes, desejavam conquistar celebridade pelo imprevisito e extravagancia das idéas.

—Eis porque, não concordamos com a legenda de pessimista conferida ao século. Uma concepção individual não pode ter fóros de universal. Os inculcados pregoeiros do pessimismo revelam em suas theorias particularidades viciadas do cérebro em desequilibrio.

Aliás, a denominação de pessimista emprestada ao século, resulta tambem e em mór parte, da tristeza e amarga plangencia traduzidas em prosa e verso pelos poetas e escriptores de 1800 a 1850. Vigny, Heine, Baudelaire, Byron, Pouchkine, Musset, Lamartine, etc. formam o flébil cortêjo, a litania dolente.

Estudando essa phase de tristeza que tão indevidamente dá o nome de pessimista ao século, temos em vista reduzi-la á sua categoria e logar proprios, caracterisando e assignalando ao mesmo tempo as suas causas.

Concretisemos: de um modo geral e considerado o século todo, houve esporádicamente um pessimismo individual com Leopardi, cujas causas determinaremos adeante; tentativa de systematisação de pseudo-pessimismo imaginado com fins astuciosos por Shopenhauer e continuado "*á outrance*" por seu discipulo Hartmann que esboçaremos em breve; theorias que de fórma alguma subjugarão o século, e jámais attingiram o minimo gráo de universalidade.

Assentavam na imaginação doentia e na hypertrophia espiritual dos seus anormaes sacerdotes.

Falsas, artificiaes, cerebrinas, estão em franco conflicto com a natureza, em flagrante desaccôrdo com a vida, em irreconciliavel dissentimento com a razão. Engendradas a capricho, tendo por plasma as dyscrásias ou os humores dos temperamentos, sendo na mór parte, desabafos de grandes decepções, fermentos de tédios concentrados, essas theorias, algumas feitas com profundos e variados gráus de sciência e philosophia, attestam até que ponto a impulsividade mórbida pode arrojar a especulativa humana.

Não ha ahi, systema universal: o pessimismo como o apresenta Leopardi, Shopenhauer ou Hartmann não é a systematisação de um principio real e demonstravel, a generalisa-

ção de um facto existente e incontestavel, a expressão de um sentimento manifesto e evidente, os termos geometricos de uma lei; por isso, podemos dizer: nada na nossa natureza, na nossa vida, no mundo occidental, em summa, justifica ou explica essa philosophia de excepção, a não ser a extravagancia neurotica... anomalias, desvios e idiosyncrasias mórbidas.

(Continúa).

Floriano Cavalcanti d'Albuquerque.



INFINITO PESSOAL

Sobre esse intricado problema vernaculo o professor J. Gueiros, director desta revista e cathedratico de Portuguez da Escola Normal, acaba de publicar importante estudo que tem merecido o applauso das nossas maiores autoridades em questões de lingua.

No intuito de bem servir os nossos leitores, publicamos aqui as conclusões a que chegou, em suas investigações philologicas, o autor do alludido trabalho.

SUMMULA DA MATERIA

Os que, por carencia de tempo ou fastio intellectual, não quizerem palmilhar os meandros do ~~labyrintho~~ das questões de philologia e grammatica por ~~onde~~ nos compelliu o desejo de ver cohenrente e vernaculamente systematizado o uso do infinito pessoal, poderão, logo aqui, sem grande esforço, assimilar o que sobre o assumpto está apurado nas produções das maiores autoridades contemporaneas, esclarecidas por pacientes investigações philologicas e pelo criterio scientifico com que se induzem as leis que regem os factos da lingua de accordo com os principios da dialectica, factores imprescindiveis á boa disciplina gramunatical.

As regras todas, até hoje formuladas, podem ser perfunctoriamente reunidas em uma de pessoalidade e outra de impessoalidade, nestes termos:

Pessoalidade

E' geralmente pessoal o infinito que, não formando locução irreductivel com algum dos auxiliares accidentaes, como — DEIXAR, PODER, DEVER, DESEJAR, QUERER, OUSAR, TENTAR, IR, VIR, etc., tenha sujeito proprio em nominativo, ou que, não tendo sujeito proprio, seja conversivel em modo finito, sem alteração de sentido, ou ainda que, não tendo sujeito proprio, nem sendo conversivel, reclame, por euphonia ou clareza, a emphase da pessoa e numero do sujeito,

Impessoalidade

E', em regra, impessoal o infinito independente da re-gencia expressa de qualquer verbo, ou o que, regido por verbo de caracter auxiliar, tenha sujeito identico ao desse verbo — sendo, portanto, inconversivel em modo finito — ou mesmo que, tendo sujeito diverso, venha este em caso obliquo ou seja indeterminado.

Estas duas regras estão desdobradas, nos dois ultimos capitulos deste trabalho, em diversos casos que aqui antecipamos com os respectivos exemplos, para auxilio dos que, por qualquer motivo, não podem fazer senão leituras reduzidas.

Ver-se-á que, de preferencia, citámos os exemplos dos multiplos casos (mais de 30!) de pessoalidade e impessoalidade enumerados pelo dr. Carlos Góes, o mestre da lingua mais avantajado no esforço de codificar o uso vernáculo do infinito. E assim, deixamos evidente como, por generalização, pode ser reduzida e simplificada a dosagem grammatical dos casos que devem ser assimilados pelos cultores da lingua materna.

Por esse processo, reduzimos os 32 casos, restricções, notas, etc. enunciados pelo eminente cathedratico mineiro a somente 4 de pessoalidade e 4 de impessoalidade, a saber:

1.^a) — *E' pessoal o infinito de sujeito proprio em caso recto e que não esteja conjugado com algum verbo de caracter auxiliar, exs.:*

“Julgo seres tú sabedor, creio termos sido enganados”. (E. C. Pereira, Gramm. Hist. p. 516) — “Não te admires tú de serem elles os preferidos”. (C. Góes, Synt. de Conc. pg. 168) — “Trabalha, meu filho, para agradarem tuas obras a Deus”. (F. M. Pinto apud Maximino Maciel, Gramm. Descript. p. 298) — “Admiro-me de gritares com tão grande força”. (João Ribeiro, Gramm. 15.^a ed., p. 192) — “Não fazerem mercês os reis seria não serem reis” (Vieira, apud Grivet. Nova Gramm. Analyt. p. 341) — “Por serem os ventos contrarios, não poude o navio adiantar muito aquelle dia” (Augusto Freire, Gramm. Port. 7.^a ed., 1894) — “Comprei esta pèra para comeres” (Pacheco Junior e Lameira de Andrade, Gramm. 3.^a ed. augment. por F. de O. p. 614) — “Julgo poderes fazer esta viagem” (Dr. E. Carneiro Ribeiro, Serções Grammaticaes, p. 642) — “E' tempo de partires”. (Julio Ribeiro, Gramm. Port. 7.^a ed. p. 277) — “E crêde que ave-rei prazer de me matardes” (Canc. D. Din. 587, apud Said Ali, Diff. da Ling. Port. p. 62).

2.^a) — *E' tambem pessoal, para realce do sujeito, o infinito que, não tendo sujeito proprio, se possa substituir, sem alteração, de sentido, por um verbo no modo finito* (1), exs.:

"Assim as palavras para *representarem* estas relações mutuas tomavam ou differentes formas ou differentes proporções" (Soares Barbosa apud Said Alli, *Diff. da Ling. Port.* p. 84) — "Todos estão alegres por *terem* paz" (Julio Ribeiro, *Gramm. Port.* p. 277) — "E' tempo de nos *passarmos* a Africa" (Fr. L. de Souza, apud Maximino Maciel, *Gramm. Descrip.* p. 292) — "Valerio e Marianna ficam algum tempo de mãos dadas sem se *olharem*" (Castilho, apud C. Góes, *Synt. de Conc.* p. 165) — "E querendo nós haver fala para nos *informarmos* delle..." (Mendes Pinto, apud João Ribeiro, *Gramm. Por.* p. 193) (2) — "Affirmavam os zagaes *terem* visto..." (A. Herc. apud E. C. Pereira, *Gramm. Hist.* p. 523) — "Os mesmos que tinham lingua para os *celebrarem* não tiveram mão para os *escreverem* e *autenticarem*" (Herc. Dr. Carneiro, *Serões Grammaticaes*, p. 647) — "Virtudes sem *trabalhares* e *padeceres*, não verás tu jamais com teus olhos" (Bern. apud Pacheco Junior e Lameira, *Gramm. Port.* p. 613) — "E's nascido para nos *alegrares*" (Idem, apud Julio Pires) — "... entenderão sem *terem* entendimento" (Vieira, apud Grivet, *obr. cit.* p. 34).

(1) Esta regra, que é desenvolvimento da theoria de F. Diez, foi impugnada pelo dr. Ruy Barbosa. A fraqueza, porém, e até o vício da argumentação com que a Agulha bahiana procurou refutar a resposta do seu velho mestre e conterraneo — o dr. Carneiro, que se estribara na theoria do gottologo allemão — incumbiu-se de demonstrar-o o meu erudito philologo Said Alli, no seu trabalho por nós citado, e onde, apesar de desordenar da opinião do fundador da philologia românica, fez ver que o autor da *Replica* claudicou na questão, desnaturando a doutrina do Prof. de Bonn e deixando-se mesmo levar por edições modernas de Azurara, onde transformaram em *podem serem* — o *podem ser* encontrado nas mais antigas edições. Na reivindicação da integridade da theoria do grande lingüista que suggeriu a regra acima enunciada, escreveu Said Alli estas palavras severas:

"Era este o criterio do professor de Bonn, e diante de tal doutrina os exemplos errados do sr. Ruy Barbosa não valem a tinta que lhe custaram".

Nos seus ultimos discursos já vemos o autor da *Replica* trilhando caminho diverso. Haja vista a petição de seu ultimo discurso no sentido:

"Tomem a minha linguagem como quiserem aquelles que não tiverem força de animo de a considerarem com serenidade e cordura."

Ahi, não somente o sujeito do infinito é o mesmo do verbo finito, mas a regencia da preposição *de* torna inconvertivel esse infinito.

(1) — João Ribeiro attribue esse caso de pessoalidade á influencia da pronominalidade do verbo, isto é, á voz multiaccional do mesmo.

Vê, pois, o dr. Góes que sua theoria, ao contrario do que s. s. imaginava, teve o seu precursor de nome bem lustroso nos dominios da philologia portugueza.

Que pena, porém, que elle não desenvolvesse nem demonstrasse a sua modernissima doutrina...

3.ª) — *Pessoaliza-se, por euphonia, ou para maior clareza na expressão do pensamento, o infinito que, apesar de não ter sujeito proprio e vir conjugado com algum verbo de character auxiliar — sendo, por isso, inconversivel — esteja, entretanto, bastante distanciado do verbo finito que o reger, exs.:*

“Possas tu, descendente maldito

De uma tribu de nobres guerreiros,

Implorando crueis forasteiros

‘Seres presa de vis Aymorés’”. (G. Dias)

Para mais exemplos desta regra, veja-se o V capitulo deste trabalho.

Cumpra, mais uma vez, advertir, que a pessoalidade neste caso não é obrigatoria. São escassos os exemplos do typo supra transcripto nas obras dos nossos melhores vernaculistas contemporaneos.

E' sempre de melhor aviso formar a phrase de modo que a euphonia ou a clareza não reclamem essa pessoalidade, que importa na violação de leis de impessoalidade legitimamente induzidas do uso classico mais abundante e reiterado nos documentos de todas as epochas da lingua.

4.ª) — *Pessoaliza-se, finalmente, se se quer realçar o legitimo sujeito, o infinito pronominalmente apassivado, mesmo que o sujeito não esteja em caso recto, exs.: (1)*

“Eu vos prometto, filha, que vejaes *esquecerem-se* Gregos e Romanos” (Camões, apud C. Góes) — “E vê, na extrema apathia de um desalentó sem cura *alienarem-se-lhe* da alma os entes mais charos, *malograrem-se-lhe* as ambições mais puras, *quebrarem-se-lhe* todos os liames...” (Ruy Barbosa).

Neste mesmo caso, será, entretanto, preferivel a passiva *impessoal* seguida de complemento terminativo — ainda que o sujeito do infinito seja proprio e esteja em caso recto — quando a passiva *pessoal* se possa confundir com a voz reflexa ou com a reciproca, ex.:

E' de justiça *cartigar-se aos criminosos*”.

(1)—O infinito reflexivo ou reciproco — neste mesmo caso — poderá, para evitar-se a syntaxe barbara que considera o pronome se sujeito de um verbo finito, tornar-se pessoal. He não minima esta circumstancia, é preferivel obedecer á influencia impessoalizante do sujeito em caso obliquo e deixar o infinito seguir a “a norma geral” — a impessoalidade.

Se dissermos: "E' de justiça *castigare*-se os criminosos", poder-se-á, por ventura, entender que os criminosos *se castigam a si mesmos* ou *mutuamente*. Para evitar essa confusão, *passiva-se o infinito, indeterminando-se-lhe o sujeito e transformando-se o substantivo do plural, que servia de sujeito da fôrma passiva pessoal, em complemento terminativo.*

Esse recurso da lingua portugueza é commum á lingua castelhana, conforme se poderá ver na Grammatica de Andrés Bello.

Voltemo-nos, agora, para a "norma geral do infinito" — a *impessoalidade*.

1.^a) — *E' impessoal o infinito independente da regencia expressa de qualquer verbo e, portanto, o infinito* —

a) — *usado imperativamente*: "Soldados, *vencer* ou *morrer!* Apontar armas!" (C. Góes, caso 18º) (1)

b) — *usado interrogativa ou exclamativamente com sujeito indeterminado*: "Trahir a Patria? Que ignominia!" "Vender a Patria! Que crime nefando!" (2)

c) — *regido de preposição e complemento de uma palavra*: "Gerações por *vir* — "Com as lagrimas a *saltar*-lhe dos olhos" (C. Góes, caso 9º) — "Crianças avidas por *aprender*, casas adequadas a *servir* de escola" (Idem, caso 13º) — "Ossos duros de *roer* — Terras proprias para *cultivar*" (Idem, Nota 2 ao caso 13º) — "Já alcançaste a graça de *ser* perdoado" (Idem, caso 14º).

Quando neste caso, o infinito não tem sentido passivo (ou *depoente* como doutrina E. C. Pereira) pode, para realce do sujeito do plural, assumir a forma pessoal, *exs.*:

"... para que neste assumpto não perdessem o privilegio singular de *serem*... os nossos iniciadores e nossos mestres" (Lat. Coelho apud C. Góes, Restric. ao caso 14º) — "(O) desejo de *conhecerem* tudo por si mesmos os leva a emprehen-der esta viagem; o desejo de o *verem* em casa não lhes cabia no peito" (Dr. Carneiro, Serões Grammaticaes).

2.^a) — *Impessoaliza-se o infinito que não tem sujeito*

(1)—O professor E. C. Pereira menciona ainda neste caso o infinito das orações optativas. Como, porém, o exemplo (*Viver* ou *morrer!*) apontado pelo erudito grammatico se confunde com os do imperativo, deixamos de especifical-o á parte.

(2)—Os exemplos da letra b) se identificarão inteiramente com os do 4º caso de impessoalidade, se relacionarmos as duas orações, dizendo, por exemplo: "Que crime nefando é *vender* a Patria!"

proprio e cujo verbo regente, por ser de caracter auxiliar, forma com elle uma locução verbal de tal modo irreductivel que o torna quasi sempre inconversivel em modo finito, exs.:

“Devemos *estudar* — Podeis *sahir* — Queiram *retirar-se*” (C. Góes, 2º caso) — “Costumamos *sahir* — Começareis a *trabalhar* — Elles costumam *embriagar-se* — Elles começaram a *injuriar-se*” (Idem, 4º caso, *Nota*) — “As estrellas pareciam *sorrir*” (1) (Idem, 5º caso) — “Os outros doze não são vistos *sahir*” — (Camões, Idem, 7º caso). •

E' permittido em tal caso flexionar o infinito, segundo já vimos, quando este se distancia bastante do verbo regente.

Reclamada, ás vezes, na poesia, pelas necessidades do metro, rythmo, etc., na prosa é absolutamente vitanda essa flexão, mau grado os exemplos das grandes autoridades já citadas e que nos levaram a repetir, no 3º caso de pessoalidade, a regra que é apenas uma concessão feita pelos grammaticos ao abuso filho da indisciplina grammatical que, quanto ao uso do infinito, tem caracterisado os melhores modelos de vernaculidade portugueza.

3ª) — E' ainda *impessoal o infinito de sujeito proprio em caso obliquo*, (2) exs.:

“Fazei *sahir* os convidados” — “Mandemos *entrar* os alumnos” — “Deixae *brincar* as creanças” — Deixae *vir* a mim os pequeninos” (C. Góes, 3º caso) — “Viu *vir* dois homens” — M. Assis — “Nós ouvimos *cantar* estes melros” — E. Queiroz — “Elles viram *entrar* Helena e o pagem” — M. Assis — “Um subito silencio faz *ir* docemente as aguas murmurando e *adormecer* os brutos animaes” — Camões — “Os deuses faz *descer* ao vil terreno, e os homens *subir* ao céu sereno” — Camões, (C. Góes, 7º caso) — “A frota de Mir-Hocem verá braços e pernas *ir* nadando” — Camões. (Idem, *Restric.* ao 7º caso) — “Importa aos prelados *fazer* todo esforço e resistencia” — M. Bernardes — “Era impossivel aos passageiros e aos moradores *penetrar* na casa do solitario” — M. Assis. (Idem, 11º caso) — “A lei estatue aos juizes *punir* os crimino-

(1) — Impessoalizado o verbo *parecer*, pessoaliza-se o infinito por elle regido: “As estrellas parecia *sorrir*!”

(2) — Os estudantes da lingua, alheios ao conhecimento dos casos latinos, podem verificar facilmente se o sujeito do infinito está em caso obliquo, indagando se esse sujeito é ou não complemento do verbo regente do infinitivo. Neste exemplo: “Ouvi *María cantar*”, *María*, que é complemento objectivo do verbo finito — *Ouvi* — é sujeito do infinito — *cantar*, e, portanto, está em caso obliquo, como melhor se vê no exemplo: “Ouvi-a *cantar*”.

tos" — "A postura prescreve aos negociantes pagar multa" (Idem, 12º caso) — "Verás *prolongar-se* os muros" (O. Mendes, apud. O. Mota) — "Alli verão as settas estridentes *reciprocár-se...*" (1) — Camões — "Não nos deixes *cahir* em tentação" (Pe. A. P. Figueiredo).

4ª) — *E'*, finalmente, *impessoal o infinito empregado na sua maxima expressão nominal e cujo sujétto fica indeterminado, exs.:* •

"Viajar recreia. Fumar prejudica" — "Discutir não adianta" (C. Góes, 1º caso) — "O *passoar* em manhã fresca e serena nos é muito deleitoso" (Dr. Carneiro, Sérões Grammaticaes) — "Dar aos que merecem ou não merecem, é dar; dar só aos que merecem, é premiar; avaliar o nascimento pelos paes é vaidade, *medi-lo* pelo tempo é superstição; *estima-lo* pelo fim é prudencia" (Vieira, apud Grivet) — "Tudo é vaidade excepto *servir* a Deus" (Idem, ibidem) — "E' nossa intenção *passoar*, é teu intento *viajar*" (C. Góes, 8º caso).

Neste mesmo caso se pode incluir o infinito pronominalmente apassivado com indeterminação do sujeito e seguido de complemento terminativo, para evitar confusão com a voz reflexa ou reciproca, como no seguinte exemplo já citado:

"E' de justiça *castigar-se* aos criminosos."

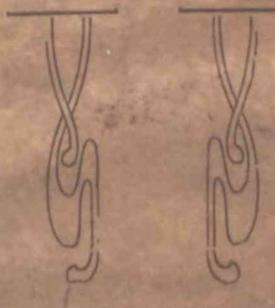


(1)—Conforme veremos, a voz multiaccional é absolutamente incapaz de exercer influencia pessoalizante. O infinito, embora voz, ora é pessoal, nos escriptos classicos, ora impessoal, como nos dois exemplos acima.

Quando, com a forma impessoal, as circumstanças da phrase permitem a falsa analyse de se como sujeito, julgamos preferivel adoptar a forma pessoal para realce do verdadeiro sujeito.



Ponte Inharé, na estrada de automoveis, entre Macahyba e Santa Cruz







ESTATUTOS

— DO —

Centro Polymathico do Rio Grande do Norte





Estatutos do "Centro Polymathico" do Rio G. do Norte

Art. 1º—O Centro Polymathico, com séde na capital do Rio Grande do Norte, tem por fim fomentar a cultura intellectual e funcionará de accordo com estes estatutos e as normas estabelecidas em seu Regimento Interno.

Art. 2º—Para consecução de seu fim o Centro promoverá —

- a)—A publicação de uma revista de estudos polymathicos.
- b)—Conferencias, dissertações e horas literarias.
- c)—Concursos literarios, scientificos ou artisticos com premio para o vencedor.
- d)—Festas para realce das grandes datas ou beneficio de algum intellectual ou artista.
- e)—Serões artistico-literarios.
- f)—Communicação constante com os centros intellectuaes do paiz e do estrangeiro, ao seu alcance.
- g)—Viagens de delegados seus a centros e congressos de intellectuaes.
- h)—Excursões scientificas ás regiões do interior.
- i)—A manutenção de uma bibliotheca e um museu anexo á mesma.
- j)—A divulgação das descobertas ou invenções mais recentes.
- k)—Propaganda constante da diffusão do ensino e dos methodos e processos da pedagogia contemporanea.
- l)—O estudo meticoloso da lingua vernacula.

Art. 3º—Os membros do centro, cujo numero é indefinido, são de 5 classes.

1—*Fundadores* — os que compareceram á sessão inaugural ou nella se fizeram representar.

2—*Effectivos* — os que, residindo em Natal e exercendo actividade mental em qualquer de suas modalidades, sejam propostos e acceitos de accordo com o regimento interno.

3—*Benemeritos* — quaesquer pessoas de boa reputação, amigas e protectoras das letras, que offerecerem ao Centro um donativo nunca inferior a 200\$000 (duzentos mil réis).

4—*Honorarios* — os que, a juizo do Centro, merecerem tal distincção por seu reconhecido saber e elevada situação intellectual.

5—*Correspondentes* — os intellectuaes de merecimento que residirem fora da séde social e fôrem propostos por algum socio e acceitos pela Directoria.

Parag. 1º— Os direitos, deveres e privilegios destes socios serão discriminados no Regimento Interno.

Parag. 2º— Os socios effectivos, fundadores ou não, e correspondentes, além das obrigações regulamentares, devem apresentar, dentro de 6 mezes da sua admissão, um trabalho escripto, o que lhes dará direito ao recebimento do diploma.

Art. 4º— A Directoria será constituída de um —

a) — Presidente

b) — Vice-presidente.

c) — 1º secretario.

d) — 2º secretario.

e) — Thesoureiro.

Art. 5º— O patrimonio social será constituído pelas mensalidades, donativos e pelo producto da assinatura da Revista ou de festas beneficentes.

Art. 6º— Para reformar estes estatutos será necessaria a maioria absoluta dos socios effectivos, após convocação da Assembléa Geral, pela imprensa, sob proposta de, pelo menos um quinto dos socios.

Art. 7º— Os membros do Centro não respondem individualmente pelas obrigações contraidas pela sociedade nem esta pelos compromissos individuaes dos socios.

DISPOSIÇÃO GERAL.

Dissolvida esta sociedade os seus haveres reverterão ao Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Norte.

